

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Joana Isabel Fernandes Trancoso

(Re)Vivendo Memórias através da Educação:

**Passos para a construção de um serviço educativo num
equipamento cultural**

**Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre
em Ciências da Educação, realizada sob orientação da Professora
Doutora Sofia Marques da Silva.**

2013

Resumo

A presente dissertação resulta do trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, na sua via profissionalizante, mais concretamente no estágio curricular realizado na Fundação da Juventude, no seu equipamento cultural, o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.

Este percurso educativo, que parte de um interesse pessoal em trabalhar e conhecer as dinâmicas em espaços de educação não formal ocupados e vivenciados por jovens, desenvolve-se em torno da oportunidade de dinamizar este equipamento cultural em pleno centro histórico da Cidade do Porto. O Palácio das Artes, que tem como principal objetivo impulsionar, expor, e incentivar o trabalho de jovens criadores, assim como a sua inserção no mercado de trabalho, situa-se no largo de S. Domingos e transporta consigo um passado histórico rico e diverso, sendo alvo de algumas remodelações ao longo do tempo. Ao longo deste processo o espaço preservou vários elementos deste passado que se constituem como um importante elo de ligação com a comunidade e que assumiram um papel preponderante nesta experiência profissionalizante.

O trabalho enquanto estagiária foi sendo realizado em torno da idealização, desenvolvimento de um Serviço Educativo neste local. Assim, foram concretizadas várias ações que pretenderam aproximar o público jovem do trabalho do Palácio e da Fundação da Juventude, tendo como um ponto central o seu património e herança cultural. Entre algumas das atividades destacam-se o plano de *workshops* envolvendo diferentes temáticas; dinamização de visitas de vários públicos ao espaço e o desenvolvimento de uma vertente específica do projeto do Serviço Educativo, os circuitos de visitas e memórias.

Este caminho aqui relatado e analisado potenciou, para além da problematização entre temáticas como a Juventude, Património, Cultura e Arte, um conjunto de reflexões acerca da construção da própria profissionalidade em Ciências da Educação e das competências que estes contextos integrados em zonas históricas potenciam.

Résumé

Les résultats de ce travail de thèse au sein de la maîtrise en éducation dans sa voie professionnelle, en particulier dans curriculaire qui s'est tenue à la Fondation de la Jeunesse dans ses installations culturelles, le Palais des Arts - Talent usine.

Ce parcours éducatif, qui part d'un intérêt personnel dans le travail et connaître la dynamique dans les espaces d'éducation non-formelle occupés par les jeunes et expérimentés, se développe autour de la possibilité de conduire cet établissement culturel dans le centre historique de Porto. Le Palais des Arts, qui a pour principal objectif de promouvoir, exposer et encourager le travail des jeunes artistes, ainsi que leur intégration dans le marché du travail, est situé sur la place de S. Domingos et entraîne avec lui un passé historique riche et diversifié, été la cible de quelques rénovations au fil du temps. Tout au long de ce processus, l'espace préservé de nombreux éléments de ce passé qui constituent un lien important avec la communauté et qui ont joué un rôle prépondérant dans cette expérience professionnelle.

Travailler en tant que stagiaire se tenait autour de l'idéalisation d'un service éducatif de développement à cet endroit. Ainsi, nous avons mis en place plusieurs actions destinées à entraîner le jeune public de l'œuvre et le Palais de la Fondation Jeunesse, et en tant que point central de son patrimoine et le patrimoine culturel. Parmi quelques-unes des activités que nous mettons en évidence le plan qui offre des ateliers sur différents thèmes; promotion de visites à divers espaces publics et le développement d'un aspect spécifique du projet du Service de l'éducation, des visites circuits et de souvenirs.

De cette façon, ici potentialisée signalé et analysé en plus de questions posées par des questions telles que la jeunesse, du Patrimoine, de la Culture et des Arts, un ensemble de réflexions sur la construction de leur propre professionnalisme dans l'éducation et les compétences intégrées dans ces contextes potentialisent les quartiers historiques.

Abstract

The results of this dissertation relates to vocational training process within the Masters in Education, took place at the Youth Foundation, specifically or better in the Palace of Arts - Talent Factory.

This educational pathway parts of a personal interest in working and understanding the dynamics in non-formal education spaces experienced by young people, led to the opportunity work within this cultural facility located the historic center of Porto. The Palace of Arts, that has as main objective to promote, expose and encourage the work of young designers as well as their integration into the labor market, is located in the S. Domingos and carries out a very rich historical past. This place has involved in been in some building renovations over time. However, many elements where preserved being this past as an important link with the community.

The work as an intership student was developed on the idealization and development of an Educational Department Structure. Therefore, we implemented several actions intended to atract different audiences as young people the Palace of Youth Foundation, having as central point the cultural heritage. Among some of the activities we highlight several workshops organised under different themes, as well as visits to the diferente spaces of Palace of Arts. Finally, the design of a structure of circuits of visits and memories was a major part of this professional experience.

The experience here reported and analyzed potentiated beyond the problematization of Youth, Heritage, Culture and Arts questions, a set of reflections on the construction of professional competences' in Education of Sciences.

Agradecimentos

Neste momento preponderante do meu percurso de formação considero ser o momento focal para agradecer a todos/as aqueles/as que estiveram comigo neste longo e rico percurso.

É fundamental agradecer desde já à Fundação da Juventude que acolheu o meu trabalho e me possibilitou experienciar na prática uma série de vivências essenciais para a minha profissionalidade. Dirijo-me claro a toda a equipa de trabalho da Fundação, em específico à sua presidente, que abriu as portas da instituição para o desenvolvimento do meu estágio profissional. Claro que não poderia deixar de dirigir uma palavra em especial à equipa do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, nomeadamente à minha supervisora local a Gestora de Projetos do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, e à programadora das Feiras Francas, que me receberam de uma forma bastante acolhedora, tentando dar resposta e potenciando o desenvolvimento das minhas competências enquanto profissional das Ciências da Educação.

Uma palavra em especial à minha colega de estágio pela partilha e troca de experiências. Também à minha família e todos/as os/as amigos/as que me auxiliaram, me deram confiança e motivação para desenvolver o meu trabalho merecem um lugar de destaque neste momento.

Por fim, e claro não menos importante, o meu maior agradecimento a todo o apoio prestado, tanto a nível educativo como pessoal, à minha orientadora de estágio a Professora Doutora Sofia Marques da Silva que me transmitiu toda a força, segurança e firmeza necessárias na realização destes seis meses de trabalho de estágio e que permitiu a elaboração do presente relatório.

Abreviaturas

PAFT: Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

Índice

Introdução.....	11
<u>Parte I. Análise e caracterização do contexto de intervenção.....</u>	15
Capítulo I: a Fundação da Juventude.....	16
1.1. O equipamento cultural – PAFT.....	18
1.2.O espaço do Largo de S. Domingos: o que se avista.....	22
<u>Parte II. Enquadramento teórico-conceitual: a caminho de uma problemática de intervenção.....</u>	24
Capítulo I: as juventudes e as suas vivências de transição.....	25
1.1.O desenvolvimento de um foco de problema.....	25
Capítulo II: vivenciando as juventudes.....	27
2.1. O olhar perante as juventudes.....	27
2.1.1. Antes de ser jovem.....	27
2.1.2. Ser jovem: diversidades e culturas.....	32
2.1.3. A intimidade na heterogeneidade das juventudes: passado e presente.....	36
Capítulo III: transformar um espaço de memória num lugar educativo.....	38
3.1. Dimensão educativa de um serviço.....	38
3.2. A criatividade na origem de um serviço.....	40
Capítulo IV: revivendo memórias para pensar o futuro.....	41
4.1. Tradição e Cultura: pertinências sociais.....	43
4.2. Cultura Material: pertinências educativas.....	44
4.3. Património e Identidade: construção de visões do mundo.....	45

Parte III. Opções metodológicas de intervenção.....49

Capítulo I: desfolhando o contexto da ação numa intervenção – orientações epistemológicas.....50

Capítulo II: conhecer a instituição para pensar o projeto.....54

Parte IV. Um percurso educativo e profissionalizante: etapas que constroem a linha condutora de um estágio.....65

Capítulo I: construindo o caminho de um serviço educativo.....66

1.1. Relembrando a ação de diagnóstico – conhecer para potenciar.....70

1.2. Sessões dinâmicas de formação: A Arte, História e Juventude.....73

1.2.1. Representando uma viagem ao passado.....78

1.2.2. O olhar dos/as jovens perante o património da cidade.....80

1.2.3. Aproximando a juventude ao PAFT.....83

1.2.3.1. Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego.....83

1.2.3.2. Oficina de Escultura: Reciclarte & Style.....85

1.2.3.3. Gestão da Carreira Criativa.....87

1.2.3.4. Comande o seu Cérebro.....89

1.2.3.5. Gestão de Conflitos em Contexto Escolar.....91

1.3. Voltando o PAFT para a comunidade.....93

1.3.1. Projeto circuito de visitas e memórias.....93

1.3.2. Dar a conhecer o Palácio das Artes: acompanhar diversos públicos.....97

1.4. Ações de integração na dinâmica institucional: outras atividades desenvolvidas no Palácio das Artes.....99

Capítulo II: analisando a ação – etapas da construção de um serviço educativo.....101

2.1. O património como potenciador educativo.....102

2.2. Articulando as juventudes, a arte e a educação não formal.....103

2.3. O processo de mediação intrínseco ao Serviço Educativo.....	105
2.4. Integrando a equipa do PAFT.....	108
2.5. Serviço educativo dinamizador do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.....	109
<u>Parte V. Refletindo sobre a avaliação e monitorização da intervenção.....</u>	111
<u>Parte VI. Considerações finais: refletindo sobre a ação e as suas contribuições para a</u>	
<u>profissionalidade em Ciências da Educação.....</u>	117
Referências bibliográficas.....	122
Apêndices.....	132

Índice de Apêndices:

Apêndice I – Registos Fotográficos

Apêndice II - Questionários – Comunidade; Fundação da Juventude e Sistema de Aprendizagem

Apêndice III - *Workshop* “Viagem ao Passado!” (Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice IV - *Workshop* “Safari Fotográfico pela Cidade do Porto”(Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice V - *Workshop* “Empregabilidade: Técnicas de Procura de Emprego” (Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice VI - Oficina de Escultura: “Reciclarte &Style” (Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice VII - *Workshop* “Gestão da Carreira Criativa” (Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice VIII – Ficha de Avaliação de *Workshop*: “Gestão da Carreira Criativa”

Apêndice IX - *Workshop* “Comande o seu Cérebro” (Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice X - Ficha de Avaliação de *Workshop*: “Comande o seu Cérebro”

Apêndice XI – *Workshop* “Vamo-nos Entender –Mediação de Conflitos em Contexto Escolar” (Cartaz e Ficha de Inscrição)

Apêndice XII - Conferência “Vamo-nos Entender –Mediação de Conflitos em Contexto Escolar” (Powerpoint)

Apêndice XIII - Conferência “Vamo-nos Entender –Mediação de Conflitos em Contexto Escolar - Ficha de Avaliação

Apêndice XIV – Circuito de Visitas e Memórias: (Cartaz para o Circuito)

Apêndice XV - Circuito de Visitas e Memórias: (Folhetos para Crianças e Jovens)

Apêndice XVI - Circuito de Visitas e Memórias: (Quizz para Crianças e Jovens)

Apêndice XVII - Circuito de Visitas e Memórias: (Planificação do Projeto)

Apêndice XVIII - Circuito de Visitas e Memórias: (Exemplar de Carta para Parcerias)

Apêndice XIX - Dar a conhecer o Palácio das Artes: Acompanhar diversos públicos (Cartaz da Visita de Estudo)

Apêndice XX – Exemplar de nota de terreno

Introdução

A intervenção num contexto educativo de carácter não formal possibilita momentos educativos potenciados pelo reconhecimento do património e educação para a memória, assumindo-se como uma questão de cidadania. Neste sentido, o presente relatório de estágio retrata o percurso desenvolvido ao longo do Mestrado em Ciências da Educação, mais especificamente, no âmbito do domínio de Juventudes, Educação e Cidadanias. Este caminho formativo foi realizado no contexto de um mestrado de dimensão profissionalizante, o que se considerava mais relevante na continuidade do percurso educativo já realizado. Esta opção procurava um contato mais prático, sem ser divorciado de análise e reflexão, com contextos institucionais relevantes educacionalmente.

O domínio das Juventudes, Educação e Cidadanias, traduz uma continuidade de interesse pessoal e teórico no campo teórico e concetual destas questões. Autores como Paul Willis (1991), Pierre Bourdieu (1991; 2001; 2004), Machado Pais (1990; 1991; 2005), entre muitos outros são referências estruturantes que foram dialogando ou sendo desafiadas por questões que esta experiência veio trazer, nomeadamente na sua articulação institucional com temas como o património, memória, herança cultural. Os públicos juvenis apresentam-se como aliciantes para se trabalhar em conjunto pela sua diversidade e heterogeneidade, uma vez que , «(...) sob a aparente unidade da juventude (quando esta aparece referida a uma fase de vida) é possível encontrar uma diversidade de situações sociais que tornam heterogénea a experiência de ser jovem» (Pais, 1990: 640).

O relatório que aqui se apresenta, e que tem como objetivo último a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, é o resultado do trabalho desenvolvido ao longo de quase um ano, como mais intensidade durante seis meses, numa instituição educativa de carácter não formal, a Fundação da Juventude mais concretamente no seu equipamento cultural o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos (PAFT). Este contexto assume pertinência na medida em que desenvolve a sua atividade no envolvimento e dinamização de ações para e com os jovens.

O contato com a instituição possibilitou adquirir várias competências enquanto licenciada e mestranda em Ciências da Educação, onde se destaca a conceção, realização, desenvolvimento e divulgação de várias atividades como oficinas,

workshops em diferentes áreas e o plano de um serviço educativo com foco na pertinência das questões culturais e do património para o público jovem.

Apresentação do local de intervenção

A Fundação da Juventude, que se intitula como instituição de utilidade pública, foi criada há 23 anos. Conta com a parceria de várias instituições e tem a sua sede na cidade do Porto, com delegações em Lisboa e Algarve. Esta última «é particularmente ativa no âmbito da Inovação, Criatividade, Empreendedorismo, Empregabilidade e Coesão Social em relação aos públicos juvenis» (Geraldes, 2013: 8). Os projetos desenvolvidos pela Fundação da Juventude procura envolver público juvenil investindo em dimensões que contemplam a criatividade a inovação e a juventude empreendedora.

Num plano mais recente esta adquire o edifício Douro, situado no largo de S. Domingos, na cidade do Porto, para um trabalho de restauro preservando vários elementos históricos.

Situado no centro histórico da cidade, com um percurso histórico que habita nos corredores do edifício, surge a componente cultural da Fundação da Juventude o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. Tendo em conta a «(...) necessidade de criatividade na cooperação de sociedades cada vez mais baseadas no conhecimento e cada vez mais globais e multiculturais...» (Carneiro, 2009: 12), surgiu a necessidade de um contato entre os/as jovens e um local cultural como representa o PAFT. Este que representa um «(...) centro de criatividade e inovação nacional e internacional, que promove profissionalmente os Jovens Criadores» (Carneiro, 2009: 12). Desenvolve também várias atividades e possibilita o destaque do trabalho de jovens artistas, impulsionando os mesmos para a inserção no mercado de trabalho. Estas dimensões descritas iriam assumir um lugar fundamental no desenvolvimento do estágio.

O projeto específico que foi enquadrador do percurso profissionalizante desenvolvido tinha como principal objetivo aproximar os/as jovens ao PAFT, preservando as memórias culturais do local entrelaçadas com a criatividade e a arte. Assim, o projeto tinha como plano impulsionador o desenho de vertentes de um futuro serviço educativo, onde a vertente assinalada foi a mais explorada no meu caso em concreto.

A sua concretização tomou forma num plano de sensibilização que contemplou o desenvolvimento de *workshops*, desde a conceção, à gestão, dinamização e avaliação,

e oficinas conceptualizadas e desenvolvidas pela equipa idealizadora do serviço educativo¹.

As atividades desenvolvidas ajudaram a conhecer os/as jovens que procuram o Palácio e a tentar virar o espaço interior para o seu exterior. Neste caminho de trabalho foi desenvolvido e modificado o projeto inicial flexibilizando-se às necessidades do contexto. O serviço educativo pretendia olhar o espaço do PAFT como uma visita que nos faz viajar no tempo olhando para o espaço do Palácio e para uma juventude presente, emancipada, na medida em que consciencializava os/as jovens perante a preservação de um passado, da história, ou seja do seu papel e responsabilização na construção de uma sociedade atenta e participativa.

O trabalho em torno da criação deste serviço no campo educacional torna-se relevante pois e apesar da crise que atingiu Portugal, da política orçamental existente, «as empresas e os cidadãos têm que assumir como a sua responsabilidade de apoiar em geral, o desenvolvimento das actividades culturais» (Silva, 2011: 13). Logo a educação para o património, a preservação da memória cultural material e imaterial, poderá, tornar-se, com o devido enquadramento e suporte a todos os níveis, uma dimensão educacional para o desenvolvimento do sentido de pertença (Silva, 2011).

Organização do Relatório

De forma a se tornar perceptível a organização e consequente estrutura que configura o presente relatório, assim como o retrato do percurso de estágio, irei proceder à descrição dos diferentes capítulos que o constituem.

Numa primeira parte, será aprofundada a *caraterização do contexto* onde se desenvolveu a intervenção, explorando o seu espaço, as suas valências, os seus objetivos. Na segunda parte integrante da dissertação é explorado o *enquadramento teórico concetual* que problematiza conceitos como as juventudes, os serviços educativos, a cultura, arte, património e herança cultural. Foram estes que possibilitaram a reflexão e interrogação em torno da ação de intervenção. Posteriormente, na parte III, *opções metodológicas*, será dividida em dois capítulos que pretendem refletir a visão de intervenção presente, discutindo as diferentes formas de percecionar a ciência, assim

¹ O trabalho desenvolvido ao longo deste percurso de estágio foi partilhado com uma colega profissional na área das Ciências da Educação. Esta que partilhou comigo este percurso, contendo todavia uma orientação e finalidade teórica distinta, mas que na prática o nosso trabalho se complementa e foi relevante de forma mútua.

como descritas todas as técnicas utilizadas num primeiro momento de contacto com a instituição e com a intencionalidade de realizar um diagnóstico acerca das dinâmicas da mesma. A parte IV, designada por *um percurso educativo/profissionalizante: etapas que constroem a linha condutora de um estágio*, irá retratar em dois capítulos distintos, a descrição e consequente análise de todas as ações e atividades que construíram o percurso de intervenção. Neste sentido, será explorada a pertinência e finalidade de todas as atividades, assim como as diretrizes teóricas que emergem na sua análise. Prosseguindo este caminho formativo será o momento, numa quinta parte, de *refletir sobre a avaliação e monitorização da intervenção*, percecionando o posicionamento em torno das questões avaliativas, apontando alguns métodos utilizados como ferramentas de avaliação ao longo da ação.

Por fim, nas *considerações finais: refletindo a ação e as contribuições para a profissionalidade em Ciências da Educação*, será realizado um balanço de todo o percurso de estágio realizado, bem como as suas contribuições a nível de competências para a profissionalidade em Ciências da Educação.

Parte I

Análise e caracterização do contexto de intervenção

- Exploração do terreno de ação -

Capítulo I: a Fundação da Juventude

O presente relatório procura dar conta de uma experiência profissionalizante que tinha como finalidade global contribuir para equacionar e desenvolver a construção de um serviço educativo numa organização que desenvolve o seu trabalho, entre outras, em torno das questões da juventude. Este processo viria a desenvolver-se no interface entre a Fundação da Juventude e um dos seus mais inovadores equipamentos o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. É em torno da descrição, caracterização e análise destes contextos que se interligam que se desenvolverá esta parte do texto

Iniciando uma apresentação da instituição, a Fundação foi criada em 1989 com a parceria de 21 instituições de carácter público e privado, chegando a ser declarada em 1990 como instituição de utilidade pública sem fins lucrativos. Entre as diferentes entidades parceiras posso destacar: Águas do Douro e Paiva; Associação de Jovens Agricultores de Portugal; Associação Nacional e Jovens Empresários; Fundação Minerva; EDP – Energias de Portugal, S.A.; Câmara Municipal de Gondomar, Maia, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia, Tavira, Santa Maria da Feira e Funchal; entre outras entidades fundadoras da instituição².

A sede da Fundação da Juventude, a nível nacional, encontra-se na cidade do Porto, contudo possui Delegações nas Regiões de Lisboa, Vale do Tejo e no Algarve.

Em termos físicos, a Fundação possui uma série de espaços que podem ser requisitados para a exposição de trabalhos, ou para realização de seminários, *workshops* ou tertúlias. Deste modo, a instituição, por um lado cumpre o seu objetivo geral através deste “abrir portas” e, por outro lado dá a conhecer o seu trabalho a outras entidades. A instituição possui, no 1º piso, um auditório com 127 lugares devidamente equipado com material audiovisual. Para além disto, é possível encontrar uma galeria para exposições no piso térreo e algumas salas para realização de *workshops* ou oficinas, bem como os vários gabinetes de trabalho da equipa administrativa.

O passado como reconhecimento do presente

Desde o ano da sua emergência, a Fundação da Juventude na cidade invicta, encontra-se estabelecida no edifício Casa da Companhia. Esta que «(...) é um vasto prédio composto por um piso térreo e um andar nobre, com entrada principal na Rua das

² Fundação da Juventude, online em <http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-83-orgaos-sociais>;

Flores e com um pequeno alpendre de linhas simples que dá acesso a um pátio de pavimento lajeado»³ e que herda a sua denominação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro que ocupava o espaço em 1761. De forma a preservar o local, onde se instala a fundação (Casa da Companhia) e a própria noção de centro histórico, a instituição conjuga os seus objetivos com a promoção do vinho do Porto enfatizando a integração dos/as jovens no mundo laboral e o consumo de bebidas alcoólicas moderado.

No número 69 da antiga rua Nova de Santa Catarina das Flores encontramos a Fundação da Juventude. Esta rua da cidade do Porto que se reflete como relevante pois, e tendo como referência o projeto “Porto Vivo, SRU,” mais especificamente com o seu guia Eixo Mouzinho/Flores⁴, desde 1921 que se afirmou como um ponto de ligação entre o Largo de S. Domingos e o Mosteiro de Avé - Maria. Para além disto, e posteriormente a retratar a primeira rua calcetada da cidade portuense, era uma referência para a circulação mercantil. Em consequência destes factos e dada a sua localização, a hoje reconhecida Rua das Flores transformou-se rapidamente num ponto atrativo para as classes nobres da sociedade. Como prova disto mesmo, e segundo a fonte anteriormente mencionada, podemos encontrar ainda hoje edifícios, como por exemplo a Casa dos Maias, a Casa dos Cunha Pimentel, a Casa dos Sousa e Silva, entre outros, que foram outrora ocupados e vivenciados por famílias nobres.

No local caracterizado, que evidencia riqueza histórica, surge na cidade do Porto «(...) a primeira Fundação privada de âmbito nacional com a missão exclusiva de promover a integração dos jovens na vida activa e profissional»⁵. Tendo como principais áreas de interesse e atuação, a Fundação foca-se essencialmente no campo social e de formação cívica, assim como a cultura e a criatividade compõem dimensões centrais da acção da instituição.

A dimensão histórica não poderia deixar de fazer parte da análise global da instituição, uma vez que estas memórias culturais poderão consistir num elo de ligação entre a comunidade e a missão central da Fundação da Juventude.

³ Fundação da Juventude, online em [<http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-11-casa-da-companhia>]

⁴ Projeto da Porto Vivo, SRU que edita o guia Eixo Mouzinho/Flores que retrata a relevância da regeneração de uma importante zona da Cidade do Porto, ou seja a relevância da reabilitação de espaços públicos.

⁵ Revista da Fundação da Juventude (s/d) Fábrica de Talentos nº 0;

A missão e objetivos da Fundação

Focando a missão central da instituição, de teor educativo não formal que se encontra mencionada nos seus estatutos, esta prende-se com a intenção de «realizar ou apoiar iniciativas destinadas a promover a integração dos jovens na vida adulta e activa ou com carácter social ou cultural a eles expressamente dirigidas (...)»⁶.

Para concretizar a missão da instituição, esta propõe-se criar condições de modo a facilitar a inserção dos/as jovens no mercado de trabalho; fomentar uma consciencialização empreendedora bem como incentivar e valorizar o gosto pelas áreas da ciência e tecnologia; promover ações que potenciam a sensibilização dos/as jovens para as questões da cidadania e participação ativa tendo em vista a prevenção da marginalização e exclusão social; despertar no público juvenil a preocupação para as questões relacionadas com a preservação do património e da herança cultural; proporcionar redes de intercâmbio através de parcerias nacionais e internacionais, possibilitando a troca de experiências e conhecimento.

A Fundação promove ainda um leque de eventos que permitem dar resposta aos objetivos a que se propõem, dando a conhecer a sua dinâmica interna e forma de atuação. São assim desenvolvidas atividades que incentivam os/as jovens cientistas, criadores/as e investigadores/as, assim como programas de apoio à criação de empresas dirigidas por jovens e projetos de apoio social e de voluntariado. Propicia a formação técnica e profissional através do seu Sistema de Aprendizagem que potencia a realização de cursos técnicos a jovens, com idades inferiores a 26 anos, e conferem certificação ao nível escolar e profissional. Importa ressaltar o desenvolvimento de oficinas e *workshops*, bem como a realização de publicações e guias informativos que se encontram à disposição de todos/as. Entre outras ações, é merecedor de destaque a possibilidade dos/as jovens acederem a bolsas de estudo e estágios profissionais que a instituição promove e/ou facilita através do apoio técnico e financeiro.

1.1. O equipamento cultural: Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

De forma a dinamizar o centro histórico da cidade do Porto, transformando-o num foco de atração, a Fundação da Juventude adquire em 2001 um novo equipamento: o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. Este edifício que se apresenta como «um dos

⁶ Fundação da Juventude, online <http://www.fjuventude.pt/fichuprelanex/fx2692.pdf>

edifícios mais marcantes e pleno de história da cidade [que foi] (...) objecto de recuperação. Desde 2001, propriedade da Fundação da Juventude, o chamado Edifício Douro, no Largo de S. Domingos, [alberga] (...) um espaço destinado ao apoio a jovens artistas e outras valências (...)» (Silva, 2009: n.p.). O PAFT constitui-se como um projeto que visa a criação de um centro de desenvolvimento cultural, social e económico na baixa portuense. Tem como principal objetivo apoiar a inserção dos/as jovens criadores/as na vida ativa, fornecendo ferramentas de auxílio à formação, produção, e divulgação dos seus projetos artísticos e culturais.

Convém salientar que foi este equipamento cultural que acolheu a minha estadia na instituição e para o qual se dirigiu o meu trabalho enquanto estagiária.

As memórias que atravessam o presente...

Percecionando este espaço cultural, e tendo em vista o desenvolvimento de um serviço educativo que impulsiona uma aproximação do público jovem ao PAFT através da dimensão do património, é pertinente obter uma visão do seu passado para constituir a sua atualidade.

A mais recente infraestrutura da Fundação da Juventude, caracterizada pela sua dimensão histórica e cultural, situa-se na antiga Praça ou Terreiro de Santa Catarina, hoje reconhecido como largo de S. Domingos.

A fachada do Palácio das Artes, ou também designado Edifício Douro, surge como a única parte física, se assim se pode dizer, que resta do antigo Convento de São Domingos, que deu nome ao largo onde se situa. Este último, que havia sido mandado construir em 1239, sendo apenas finalizado em 1245 por D. Sancho II protetor e também fundador da chamada ordem de S. Domingos. Este convento fica marcado ao longo de muitos séculos pelas reuniões entre «(...) os vereadores, juizes e outras entidades para tratarem de assuntos que diriam respeito ao burgo» (Silva, 2007: 1). Para além das referidas reuniões, o espaço do convento de S. Domingos era caracterizado por ser uma zona de grande comercialização e movimentação da cidade Portuense, «servia também para mercadores, nacionais e estrangeiros, nomeadamente venezianos, florentinos e napolitanos exporem por ali, diante dos olhos ávidos do povo e da burguesia endinheirada (...)» (idem: 1). Como prova disto mesmo, em 1451 inicia-se nos claustros do Convento as famosas Feiras Francas pela mão de D. Afonso V, sendo realizadas no primeiro dia de cada mês durante sensivelmente 111 anos (idem). Não só

o comércio caracterizava este espaço mas também o ensino, pois foi neste local onde pela primeira vez existiu ensino universitário no Porto, através dos cursos de teologia.

O espaço conventual foi contudo alvo de quatro diferentes incêndios sendo o último registado em 1832 deixando o edifício num estado de degradação. Todavia, já em 1825 o edifício parcialmente remodelado havia sido ocupado pelas instalações do Banco de Portugal, na altura designado por Banco de Lisboa, que procurou manter intacta a fachada do edifício e adapta-lo às necessidades de um Banco, «os Administradores da Caixa Filial do Banco de Lisboa, nesta Cidade do Porto, fazem saber ao Público, que a dita Caixa se acha estabelecida na Casa que forma o frontispício do Convento de S. Domingos»⁷.

Devido ao estado de degradação do edifício em 1865 fora vendido a particulares, onde mais tarde em 1934 a Companhia de Seguros Douro ocupa o local introduzindo novos elementos «(...) decorativos interiores, como azulejos, isolamento do telhado e o embutimento dos cofres e armários, contribuindo no entanto para a manutenção deste edifício de importância histórica para a cidade» (idem: 4).

Em 2001, como já foi referido, surge pelas mãos da Fundação da Juventude o Palácio das Artes alojado no Edifício Douro no largo de S. Domingos numa zona histórica do Porto classificada de Património urbanístico da humanidade pela UNESCO, de forma a enfatizar a dinamização do centro histórico. Isto porque, «a autenticidade e a força da imagem do Porto são consequências da protecção que o Centro Histórico tem tido por parte do Município e do investimento que este tem feito para reabilitar os edifícios degradados, o meio urbano e as actividades que trazem bem-estar e qualidade de vida à população em geral»⁸

O Palácio das Artes – Fábrica de Talentos encontra-se remodelado, posteriormente a algumas obras de restauro onde se tentou manter alguns espaços preservados. Assim, no seu interior podemos encontrar uma grande escadaria seguida do encontro com um piso nobre que contem 7 diferentes salas multidisciplinares, utilizadas para exposições, tertúlias, *workshops*, ações de formação, reuniões empresariais, exibições de moda, concertos. No piso inferior a este salão nobre situam-se os gabinetes da administração assim como, as instalações de uma empresa de design jovem, a Menina Design. Já nos pisos superiores é possível verificar a existência do que se denominam de residências artísticas que acolhem jovens criadores/as, de forma

⁷ Revista Interna do Banco de Portugal, 1986: 754;

⁸ Porto Vivo, SRU, 2010: 46

gratuita, apoiando a criação, produção e distribuição dos seus projetos de índole artístico.

O edifício encontra-se equipado com departamentos distintos e relativamente inovadores, embora seja de relevar a notória preocupação relacionada com o perpetuar das memórias do edifício. Assim, no seu interior vários elementos como os cofres outrora do banco de Portugal assim como a fachada mantêm-se ainda intactos. Mais ainda, atualmente a realização das Feiras Francas possibilita a dinamização do largo, que já constituiu uma das zonas comerciais mais movimentadas da cidade, trazendo para o presente as vivências de outras épocas históricas. Ou seja, retratando um evento que no passado refletia grande agitação no espaço, pretende-se o reviver de uma forma criativa e inovadora o presente da atividade comercial.

«Para além deste espaço, os cofres que ainda hoje marcam presença, uma vez que o edifício Douro outrora foi Banco de Portugal, se encontram no local, conferindo um carácter curioso ao mesmo»

(Nota de terreno, 29 de Março de 2012)⁹

As Feiras Francas, que recuperam uma tradição de 111 anos, e contrariamente ao que acontecia até ao final do ano passado, são realizadas no primeiro Sábado de cada mês. Estas têm como objetivo central promover, expondo de forma gratuita, o trabalho de jovens criadores de forma a potenciar a comercialização e inserção no mercado de trabalho deste público. Pretendem ainda dinamizar o centro histórico da cidade juntamente com a comunidade local, com o turismo, impulsionando uma ligação entre o património, a tradição, a economia, a cultura e as artes. Desta forma, promovem uma aproximação e divulgação do trabalho de jovens criadores/as para todo o tipo de público, partilhando projetos de índole artístico com vários tipos de público, nomeadamente os/as vários/as turistas que percorrem o interior do PAFT.

O evento de caráter mensal é sempre realizado em torno de uma temática, sendo os projetos artísticos escolhidos em consonância com esta. Para além de se enfatizar obras artísticas nas áreas de Artesanato Urbano; Eco Design; Mobiliário; Acessórios de Moda; Cake Design e Produtos Gourmet, são apresentadas performances de jovens em áreas como a dança, o teatro e música.

⁹ Apêndice XX – Exemplar de nota de terreno

«Este público que procurou visitar a Feira na sua maioria abrangia todas as faixas etárias, sendo os/as jovens caracterizados/as por um estilo extravagante de se vestir, que podemos associar por assim dizer ao mundo característico das Artes. Também a sua maioria levava consigo lembranças da Feira, sinal que existia um grande poder económico entre os visitantes, e onde a presença dos turistas se fez sentir»

(Nota de terreno, 27 de Outubro de 2012)

Nos dias de realização de Feiras Francas era notória maior agitação da população junto ao largo de S. Domingos, o que contrastava com a tranquilidade e pacatez característica do ambiente e contexto em questão.

1.2. O espaço do largo de S. Domingos: o que se avista

Visto que o espaço do largo de S. Domingos nos transporta para a dimensão histórica e para o reviver da cidade, faz todo o sentido fazer uma breve abordagem à caracterização do mesmo.

Olhando para o seu passado, nomeadamente para a época da vivência do convento de S. Domingos, este local remete para uma forte movimentação comercial, sendo o espaço ocupado por uma série de diferentes mercadores oriundos de diferentes partes do mundo.

Atualmente o espaço exterior do PAFT é marcado pela presença de vários estabelecimentos comerciais dedicados ao artesanato e ao público turístico, assim como preenchido por vários/as jovens que passam pelo local e que aparentam, através do seu vestuário, serem portadores/as de uma grande irreverência e criatividade.

Não só estes espaços marcam a envolvimento externa do Palácio mas também a presença da Escola Superior Artística do Porto (ESAP), que tem a sua sede em pleno largo de S. Domingos e que produz influência na criação de espaços artísticos na zona. Esta última, que traz consigo uma movimentação extra ao local de jovens criadores/as que se interessam pelo trabalho desenvolvido pela Fábrica de Talentos.

Um pouco diferente desta dinâmica destes/as jovens, a presença de um espaço educativo muito perto das instalações do Palácio não permite ainda a aproximação deste público jovem, com áreas de interesse mais distintas, ao PAFT.

«foi o momento de olhar o edifício na sua parte exterior, onde se visualiza alguns estabelecimentos que se encontram à exploração do local (...) um restaurante, uma loja muito relacionada com materiais artesanais, e até uma casa de apostas da Santa Casa da Misericórdia, (...) com o passar do tempo, foram aparecendo mais jovens, estes que possuíam na sua maioria um estilo de vestuário muito semelhante, na sua exuberância e singularidade»

(Nota de terreno, 29 de Março de 2012)

A partir deste largo são visíveis os contrastes no seio do grupo social das juventudes. Assim torna-se claro que existem várias formas de se viver a juventude resultantes de uma troca de interações entre o indivíduo e a sociedade e vice-versa. Nesta perspetiva, o indivíduo influencia e é influenciado, simultaneamente, pelo mundo social, exteriorizando o seu ser individual e conjugando as suas características pessoais e interiorizando valores e normas vigente nesta mesma sociedade (Berger, 1985).

O PAFT encontra-se também rodeado de uma série de outros espaços atrativos, como bares, o Palácio da Bolsa, o bairro típico da Ribeira, Casa do Infante ou a igreja de S. Francisco, que se revelam como meios de atração de diferentes públicos.

Parte II

Enquadramento teórico conceptual: o caminho de uma problemática de intervenção

Capítulo I: as juventudes e as suas vivências de transição

1.1.O desenvolvimento de um foco de problema

Sendo a minha formação inicial focada nas Ciências da Educação onde o campo educacional foi o foco primordial, faria todo o sentido expandir a problemática dos serviços educativos até ao meu projeto de estágio, contudo «(...) o campo disciplinar das ciências da educação não [é] definido por um “território” de factos sociais, mas sim pelo modo de articular como “olha” e se posiciona face a esse território» (Canário, 2003: 13). Este caminho, em torno da construção de um serviço educativo, foi partilhado com uma colega de estágio, onde cada uma de nós se focou numa das duas grandes valências que irão constituir o mesmo, sendo uma delas resultante das problemáticas atuais da Juventude e uma outra dirigida para a história e transmissão de um Património Cultural de forma educativa. No meu caso em concreto a segunda vertente deste serviço é aquela ao qual me dediquei e onde o olhar teórico se irá posicionar.

Com toda esta bagagem de olhar o educativo, e os contextos onde esta dimensão se encontra presente, a minha articulação com a Fundação da Juventude torna-se pertinente pois esta instituição de utilidade pública surge com a missão de «(...) realizar ou apoiar iniciativas destinadas a promover a integração dos jovens na vida ativa e profissional(...)»¹⁰. Facto importante de destacar, relativamente aos objetivos da Fundação, prende-se com a realidade coincidente com as temáticas que se encontram a ser abordadas ao nível dos programas para a juventude na Europa como é visível através do Programa Juventude em Acção (2007-2013)¹¹ a ser desenvolvido tendo como dimensões centrais a questão do desemprego e, nomeadamente, as dimensões da criatividade, do espírito de iniciativa dos/as jovens.

De encontro às questões da criatividade e iniciativa dos/as jovens surge um equipamento da Fundação da Juventude, onde ocorreu em termos de ideologia e espaço

¹⁰ Fundação da Juventude, online em [<http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-9-missao-e-objectivos>];

¹¹ O Programa Juventude em Acção encontra-se a ser desenvolvido pela União Europeia de forma a envolver o público jovem no sentido de «(...) estimular o sentido activo de cidadania europeia, a solidariedade e tolerância entre os jovens europeus e o seu envolvimento na construção do futuro da União Europeia» promovendo «(...) a mobilidade dentro e fora das fronteiras europeias, a educação não formal, o diálogo intercultural e encoraja a inclusão de todos os jovens, independentemente da sua origem educacional, social ou cultural» (Juventude, online).

físico o desenvolvimento da intervenção, ou seja o Palácio das Artes - Fábrica de Talentos. Este último que emerge de uma remodelação do Edifício Douro, um antigo convento do século XIII que deu lugar às antigas instalações do Banco de Lisboa e da Antiga Companhia de Seguros Douro, e que tem como finalidade primeira «(...) criar um espaço de experimentação e um centro de criatividade e inovação, que possa tornar a cultura e a criatividade em factores fundamentais para um novo desenvolvimento económico e social do Porto e do país»¹².

Conhecendo um pouco melhor as intencionalidades da referida instituição e do Palácio das Artes, foi possível verificar no plano de atividades e orçamento para 2012, disponível via online, que a construção de um serviço educativo, mais especificamente no Palácio, que se encontra associado à Fundação, se reflete como um objetivo a alcançar no presente ano, «O Palácio das Artes – Fábrica de Talentos pretende ter em 2012 o seu Serviço Educativo em funcionamento (...)»¹³. Através desta breve apresentação, do contexto focal deste estágio, é perceptível que o objecto de estudo do mesmo se prende com a problemática dos serviços educativos aliados à grande temática das juventudes, e deste modo trazendo para debate as dimensões da educação entrelaçadas com a cultura e a arte. Assim esta intervenção tem como objetivo central a criação de um serviço educativo no Palácio das Artes que permita a transmissão e a aquisição por parte do público-alvo, nomeadamente do público jovem, da missão e do trabalho desenvolvido pelo mesmo. Para tal, torna-se essencial desenvolver atividades de carácter educativo caracterizadas por uma dimensão não formal e que reflitam a atividade presente na instituição. Isto é, atividades marcadas pela criatividade e pela não escolarização, que transmitam a história do Palácio de forma a preservar um património e perpetuar as memórias, a cultura material.

¹² Revista da Fundação da Juventude (s/d) Fábrica de Talentos nº 0;

¹³ Plano de Atividades e Orçamento de 2012, online em [<http://www.fjuventude.pt/informacao-e-documentacao-54-relatorios-e-planos-de-actividades-anuais>];

Capítulo II: vivenciando as juventudes

2.1. O olhar perante as juventudes

Estando o Palácio das Artes muito direcionado idealmente para o público jovem, não poderia deixar de refletir sobre o meu olhar perante a própria juventude para se tornar possível a conceção de um serviço educativo. Isto porque, visto a instituição em causa possuir uma relação de excelência com os/as jovens, consequentemente o serviço educativo se centrará nos mesmos, onde a minha perceção relativamente ao grupo juvenil serão essenciais para desenvolver o serviço, assim como a minha relação com os/as destinatários/as primordiais da intervenção. Uma vez que, num projeto de intervenção se pretende «(...) a participação activa, a escolha e a autodeterminação dos participantes em qualquer intervenção... rejeitando o papel tradicional... do “especialista”... que avalia, diagnostica e trata» (Coimbra, 1991 *cit in* Menezes, 2010).

Tendo em conta Bourdieu (1980) a juventude «(...) começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável (...) o facto de se falar dos/as jovens como uma «unidade social», um grupo dotado de «interesses comuns» e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação» (Pais, 1990: 140). Para Durkheim, um dos principais fundadores da Sociologia da Educação, os/as jovens não tinham visibilidade em si, eram reconhecidos/as apenas como alunos/as, como recetores/as de um conjunto de valores, aprendizagens, não sendo produtores de uma vida social.

No que toca à construção sócio-histórica do conceito de juventude, esta diz respeito a um fenómeno relativamente recente remontando a sua origem aos anos 50. Deste modo, este conceito só pode ser concebido se tivermos em consideração algumas fases da vida como a infância, a adolescência e a idade adulta.

2.1.1. Antes de ser jovem

Na sequência da última ideia não poderia deixar de refletir acerca do tempo histórico onde não existia a ideia de juventude e ainda mais a própria conceção de infância, sendo esta essencial para marcar a passagem para o tempo juvenil.

Tendo em conta Philippe Ariès (1988), na era medieval, pelo menos até cerca do século XII, a infância não era reconhecida como tal, ou melhor, não existiam na época

diferenças significativas entre adultos e crianças. «Pensaremos antes que nesse mundo não havia lugar para a infância» (Ariès, 1988: 58). A infância constituía assim um período de transição, curto e rápido, sendo a altura a característica que marcava o mais visível critério de diferenciação entre adultos e crianças, «(...) até ao fim do século XIII, não há crianças caracterizadas por uma expressão própria, mas homens de dimensões mais reduzidas» (idem: 59). Esta época é marcada também pela indiferença de vestuário entre as diferentes faixas etárias «(...) a Idade Média vestia indiferenciadamente todos os grupos etários, apenas preocupada em manter visíveis no vestuário os graus de hierarquia social» (idem: 80).

Por volta do século XIV a representação da criança associa-se à imagem do corpo nu e assexuado, «(...) pois a infância liga-se aqui ao mistério da sua maternidade e ao culto mariano» (idem: 61). Até ao final do presente século, assiste-se a elevadas taxas de mortalidade infantil, onde se encontra presente um sentimento de indiferença perante a perda das crianças, «a criança era tão insignificante, ainda pertencia tão pouco à vida, que não se receava que, depois de morta, regressasse para importunar os vivos» (idem: 66). Existe aqui um sentimento muito superficial da criança, sendo esta uma fonte de divertimento para os adultos – «criança-brinquedo». A par com esta indiferença pode-se destacar a entrada precoce da criança no mundo do adulto verificada, por exemplo, na aprendizagem de um ofício por parte da mesma. Para além disto, este tempo é passado por uma interação marcada por jogos como por exemplo os dados, jogos de mesa, xadrez, malha ou sessões de leitura (Ariès e Duby, 1990). Apesar de nesta época existir uma certa homogeneidade entre adultos e crianças relativamente aos jogos, «o fenómeno que é preciso sublinhar é o abandono desses divertimentos pelos adultos das classes sociais superiores e, pelo contrário, a sua sobrevivência ao mesmo tempo no povo e nas crianças das classes superiores» (Ariès, 1988: 145).

O século XVII fica marcado pela emergência de um sentimento de infância diferente, baseado numa consciência da especificidade infantil distinta. «É também no século XVII que os retratos de família, muito mais antigos, tendem a organizar-se em torno da criança, que se converte em centro da composição» (idem: 75).

Revela-se importante referir, baseando-me em Ariès (1988), que ao longo do tempo o vestuário das crianças foi sendo mais específico, apresentando já algumas diferenças perante o dos adultos. Todavia, as diferenças foram mais direccionadas para o sexo masculino e para as classes sociais altas, ficando os jovens do povo confinados ao traje dos adultos.

Fazendo a transição para o século XVIII, este é pautado por uma visão mais romântica da infância. Isto é, olha-se para este período de vida com uma enorme exaltação, como uma época mágica, marcada pela liberdade e irresponsabilidade perante os comportamentos. No entanto, «a criança romântica teve vida relativamente curta, (...) a reacção política à Revolução Francesa e o impacto da revolução industrial a exigir força de trabalho livre empurraram as relações entre adultos e crianças em sentidos opostos aos sugeridos pelas aspirações românticas» (Ponte, 2005: 42). No presente século «(...) encontramos na família (...) um elemento novo: a preocupação da higiene e da saúde física» (Ariès, 1988: 191).

Tendo em conta autores como Cristina Ponte (2005), podemos distinguir ao longo do tempo várias concepções de infância. Uma delas já mencionada que diz respeito à concepção romântica, uma outra que se enquadra no século XIX constituiu a concepção de criança trabalhadora.

Como já foi referenciado, a concepção romântica da infância não perdurou muito no tempo, sendo substituída pelo ideal da contribuição das crianças na economia familiar. Assim, «nas primeiras décadas do século XIX, a mão-de-obra infantil (rapazes e raparigas) trabalhava na indústria têxtil e de vestuário, nas minas inglesas, na indústria videira francesa, na agricultura, no serviço doméstico, nas docas e nos barcos, nas siderurgias» (Ponte, 2005: 43). Contudo, «à escala do planeta, o número de crianças trabalhadoras tem vindo a crescer e não a diminuir» (idem: 44).

A presente concepção faz-nos partir para uma outra visão acerca das crianças, esta que é marcada pela questão da delinquência. «A legislação sobre reformatórios e escolas industriais encarou pela primeira vez a delinquência juvenil como problema social específico, incluindo crianças que não tinham violado leis mas que eram consideradas como necessitando de proteção e cuidados (...)» (idem: 46). A grande parte das crianças que pertenciam às classes trabalhadoras e que não seguissem um ideal de relação parental, eram dirigidas para estes centros que assentavam na concepção de criança dependente, e por esta razão as acolhiam.

Em resposta a esta delinquência juvenil surge a instituição escolar, onde apenas a educação «(...) poderia evitar as «classes perigosas» de continuarem a reproduzir as suas características» (idem: 47). A escola contribuiu assim para a construção de uma *infância nacional* pois a «criança como aluno envolvia diretamente todas as crianças, ao contrário do conceito de delinquência juvenil» (idem). Esta noção de criança aluno trouxe consigo algumas consequências, como por exemplo encarar a infância como

apenas um tempo de escolarização e preparação para a vida adulta, onde se assiste a um alongamento deste período.

Na segunda metade do século XIX, assiste-se a uma visão médico-sanitária e psicológica da criança. Esta tem como principais características olhar a infância como um processo de socialização, aprendizagem, adaptação, onde a criança necessita de ser integrada na sociedade com a ajuda do adulto. «A escola foi também importante por proporcionar, ainda no final do século XIX, a médicos, sociólogos, psicólogos, filantropos e reformadores da educação a sala de aula como laboratório em que eram produzidas «sondagens científicas» de alunos» (Ponte, 2005: 49).

No início do século XX, toma lugar a concepção de criança assistida, onde se encontra em foco a preocupação em promover o bem-estar das famílias a todos os níveis. Neste sentido, «(...) consolida a ideia de que a infância é um período de vulnerabilidade e, portanto, de necessidade de protecção» (idem). Existe então a ideia de que as crianças são pertencentes à nação.

Tendo em conta o período do pós-guerra, e todas as consequências que este trouxe as dinâmicas e estruturas familiares, surge a concepção da criança filho. Esta concepção é assim marcada por um sentimento de protecção, e necessidade de manter os laços entre as crianças e as suas famílias.

Num período histórico mais recente podemos encontrar a visão da criança pública onde esta claramente ocupa um lugar central na esfera familiar, pois «(...) um instituto francês calcula que cerca de 45% do orçamento familiar regista influência dos desejos das crianças da casa» (Ponte, 2005: 51). Importa ainda destacar o facto de, cada vez mais, observarmos o papel central que a criança desempenha num jogo de marketing na promoção de produtos para a infância.

Ao longo de todo este período histórico aqui analisado, existe uma questão que quanto a mim me parece essencial fazer uma pequena abordagem. Estou a referir-me à questão da inocência das crianças e como esta não foi visualizada da mesma forma ao longo do tempo. Assim sendo, até meados do século XIV, não existia nenhuma contenção de gestos, palavras, e ações perante a presença de uma criança. Vários assuntos eram tratados, discutidos entre adultos e crianças indiferenciadamente, «esta ausência de reserva para com as crianças, esta maneira de as associar a brincadeiras que giram em torno de temas sexuais: liberdade de linguagem e, mais ainda, audácia dos gestos, contactos acerca dos quais imaginamos o que diria um psicanalista moderno!» (Ariès, 1988: 149). De facto e como foi apontado, a infância foi sendo percecionada de

diferentes formas, estando estas visões também muito associadas às próprias ideologias de vários autores. «Uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de facto, uma criança: outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser (...) [outros] insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da protecção face a esse mundo» (Pinto, 1997: 33).

No decorrer desta análise foram convocados autores como Philippe Ariès, Cristina Ponte, contudo existem muitos outros que construíram as suas análises. Assim, Lloyd de Mause, por exemplo, «(...) propõe, por sua vez, uma visão em parte coincidente com a de Ariès, mas orientada por uma outra perspetiva, mais carregada de tons escuros» (Pinto, 1997: 38). Segundo Mause, quanto mais recuamos na história mais sofrimento encontramos na vida das crianças, como o abandono, violência física e sexual, entre outros. John Locke, um outro importante historiador da infância, apresentou «(...) uma teoria que iria marcar durante muito tempo as concepções, atitudes e práticas relativamente às crianças e à sua educação» (idem: 40). Esta teoria apontava para a ideia das crianças como “tábuas-rasas”, onde os adultos realizam a importante tarefa de a preencher com fontes de conhecimento. Muitos outros historiadores elaboraram grandes e importantes teorias acerca desta fase de vida, como Rousseau e a sua ideologia da preservação da inocência e ingenuidade infantil, Freud e a sua ideologia do aparelho psíquico e os impulsos instintivos, entre muitos outros.

Segundo uma perspetiva mais recente, que tem como ponto central as crianças, surge a ideologia das crianças como atores sociais. Segundo esta ótica, as crianças, são encaradas como sujeitos ativos no seu processo de socialização, sendo estas capazes de pensar, aprender e refletir. Esta é então uma concepção de infância que se ocupa no que a criança representa no presente e não no que se poderá transformar no futuro.

Através de todas estas diferentes perspetivas acerca da infância, podemos compreender que a mesma é marcada por diferentes fatores, sendo estes de heterogeneidade e homogeneidade. A heterogeneidade no mundo das crianças é apresentada através das diversas condições sociais que as mesmas vivenciam. «Para além das diferenças individuais, as crianças distribuem-se na estrutura social segundo a classe social, a etnia a que pertencem, o género e a cultura» (Pinto e Sarmento, 1997: 22). Quanto aos fatores de homogeneidade é de destacar o carácter permanente da infância, marcado por uma faixa etária, todavia sendo a infância «(...) uma categoria que se define pela idade, é, no entanto, muito mais do que um simples conceito criado

para dar conta da totalidade das pessoas que ainda não perfizeram a idade convencional de 18 anos» (idem: 22).

2.1.2. Ser jovem: diversidades e culturas

Tendo como base mais uma vez um autor marcante e um auxiliador da construção de um olhar sobre a juventude, Machado Pais refere que «histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais» (Pais, 1990:141), contudo esta visão de unidade geracional não se coaduna com a minha visão perante este grupo diversificado. Isto é, contrariando uma visão geracional da juventude, esta deve ser olhada como um grupo heterogéneo, e tendo em conta a corrente classista de Pais «(...) as culturas juvenis são sempre culturas de classe, isto é, são sempre entendidas como produto de relações antagónicas de classe» (Pais, 1990: 158). Assim, atribui à juventude uma conotação de diversidade refletida pelas diferentes características existentes entre os/as jovens, esta é, portanto, uma corrente que considera a juventude um grupo ativo e heterogéneo, onde se verifica uma reprodução de classes sociais, e onde se enfatiza diferentes culturas.

Um outro conjunto de teorias que importa destacar diz respeito às teorias subculturais interacionistas, onde a sociedade se reflete através de um conjunto complexo de subculturas. Estas últimas, que se encontram essencialmente interligadas com o mundo urbano, contribuindo para a construção identitária. Todavia, estas teorias subculturais não conseguem por sua vez dar explicação ao desvio e à própria etiquetagem dos indivíduos enquanto transgressores.

As teorias da prática social encoram a cultura não apenas como uma reprodução das classes sociais mas também como uma forma de produção cultural onde a noção de resistência se apresenta como central. Neste sentido, não poderia deixar de convocar Paul Willis (1991) e o seu estudo desenvolvido com um conjunto de rapazes da classe operária (lads) que desenvolvem uma cultura anti-escolar como forma de resistência perante a classe dominante no contexto educativo. Assim, segundo Willis «a cultura não é estática, ou composta de um conjunto de categorias invariantes que possam ser deduzidas ao mesmo nível em qualquer tipo de sociedade» (Willis, 1991: 211). Contudo, a dimensão da classe social não constitui apenas a única marca de

diferenciação entre jovens, sendo esquecidas as questões de género, étnicas, enfatizando as classes trabalhadoras tornando-as ainda mais visíveis.

No sentido de perspetivar a experiência das mulheres, nomeadamente no mundo juvenil, que se encontram mais invisíveis, desdobrando os conceitos de feminilidade e masculinidade, as teorias culturais feministas surgem criticando a realidade de uma posição periférica feminina nos estudos subculturais. Destacando o estudo de Angela McRobbie, e o seu conceito de cultura de quarto, percebe-se que as raparigas são ativas mas apenas convivem com mais constrangimentos em torno da vida doméstica. Embora a presença feminina seja destacada, através desta visão, uma outra perspetiva é omitida, estou-me a referir às experiências das mulheres negras que voltam a ser esquecidas, tal como nos estudos subculturais. Não só as jovens negras são esquecidas nestes estudos, mas também as raparigas em geral, assim como a cultura juvenil gay, ou até mesmo os/as jovens portadores/as de deficiência.

Tendo em consideração a outra vertente do serviço educativo que pretende abordar a problemática em torno deste grande grupo da Juventude, torna-se essencial abordar a questão dos processos de transição, uma vez que esta dimensão do serviço representa um recurso para a consolidação da minha vertente. Pois, «os processos de transição juvenis para o mundo adulto, não [abandonaram] por completo os estatutos de passagem mais tradicionais, sofreram novas actualizações na medida em que «o terreno em que as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica»» (Pais, 2006, *cit in* Silva, 2008).

A transição não linear que verificamos hoje encontra-se muito associada ao que Beck (2000) intitula por «sociedade de risco». Esta remete-nos para uma fase da sociedade na era moderna onde os riscos de ordem social, política, económica e individual não são alvo de análise pelas diferentes instituições responsáveis pela proteção e monitorização da sociedade (Beck, 2000). Deste modo, os/as jovens confrontam-se com uma sociedade que já não lhes oferece uma base sólida de segurança, mas sim uma imprevisibilidade e capacidade de lidar com o acaso, com a incerteza perante o futuro. Isto porque, «(...) a sociedade de risco, para além dos «riscos globalizados» que afectam todos os indivíduos e todas as sociedades, torna os indivíduos vulneráveis a uma forma de exclusão social que tem como veículo a invasão dos «eus» por relações sociais globalizadas e baseadas na distribuição diferenciada do poder» (Magalhães e Stoer, 2005: 64). Esta vulnerabilidade reflete-se numa trajetória para a vida adulta, já não caracterizada pela normalidade, mas sim por trajetórias

atípicas que integram uma maior responsabilidade individual. «Se na modernidade, marcada pela linearidade, as regras são seguidas, na pós-modernidade, marcada pela não-linearidade, está-se perante uma organização da acção que se baseia no «rule-finding» (Lash, 2003 *cit in* Silva, 2008). Ou seja, «hoje, essa trajectória biográfica, capaz de garantir um percurso previsível para o ingresso na vida adulta, constitui não mais a regra, mas a exceção» (Leccardi, 2005:48).

Percecionado o meu ponto de vista e a minha experiência enquanto jovem, considero que a ideia de uma transição para o mundo adulto, a ideologia de um momento que faz o corte com uma fase de vida, se encontra cada vez mais dissipada. Isto porque, e olhando para a realidade de hoje, onde os/as jovens se encontram cada vez mais dependentes dos seus pais, devido à escassez de atividade profissional, ou por outro lado, pela escolaridade cada vez mais prolongada e necessária, somos confrontados/as com um processo de transição adiado. Pois, se regredirmos um pouco no tempo, encontraríamos momentos de marca, que significavam o corte com a realidade jovem, o casamento, a entrada no mercado de trabalho, a saída da casa dos progenitores são alguns exemplos disso mesmo.

Os acontecimentos retratados já não se tornam tao significativos, ou melhor, na sua maioria encontram-se em decadência ou cada vez mais longínquos no tempo. Por este facto, olho a minha transição para o mundo da adultez como cada vez mais distante, como um futuro adiado, devido às condições económicas e sociais em que nos encontramos enquanto sociedade. Todavia, também me questiono se este processo se irá concretizar mas de várias e distintas formas, algures distantes dos acontecimentos reais, concretos já mencionados.

De facto, «imbrincado nas dinâmicas da modernidade, o processo de globalização tem também induzido profundas transformações sociais, através da intensificação das relações entre as populações dos diferentes locais do mundo» (Guerreiro e Abrantes, 2007: 17). Tendo em conta Giddens, existe uma influência entre o global e local, existindo uma forma de compressão dos espaços aproximando assim os locais. Logo, confrontamo-nos com a necessidade de pensar as juventudes tendo em conta escalas globais, uma vez que os/as jovens movem-se «(...) hoje num quadro global, a verdade é que os modelos culturais e as dinâmicas do mercado de trabalho continuam a demonstrar acentuadas variações consoante o país e o local» (Banks e outros, 1992 *cit in* Guerreiro e Abrantes, 2007).

O processo de globalização, para além de todas as transformações que provocou nos processos de transição dos jovens para o mundo da adultez, produziu algumas agitações no mercado de trabalho tendo consequências nas transições juvenis.

A juventude, este conceito, tem surgido muito associado às questões de crise. De acordo com Sérgio Grácio, esta crise juvenil surge relacionada com três tipos de fatores, «(...) em primeiro lugar uma série de consequências da escolarização, em seguida do desemprego juvenil e, por fim, de certas mudanças plausivelmente ocorridas nos modos de socialização familiar» (Grácio, 1992: 42). Deste modo, «os jovens de hoje confrontam-se com o desafio de se adaptarem a circunstâncias de vida mutáveis – o que pressupõe uma capacidade de ajuste, um domínio da arte da pirueta, um saber caçar oportunidades, uma mão cheia de perícias para ultrapassar a contradição entre a calculabilidade e a qualidade do fortuito»¹⁴.

Em consenso com as trajetórias não lineares vividas hoje pelos/as jovens, a inserção no mundo do trabalho já não se constitui de uma forma permanente nem resultante de uma boa qualificação dos indivíduos, o que podemos verificar é a realidade da precariedade que cada vez mais afeta o campo juvenil.

A juventude enfrenta este problema, pois «(...) falar de inserção profissional dos jovens é falar de um problema social novo; é falar de integração profissional, social, cívica e simbólica; é, por último, falar de inclusão» (Alves, 2008: 89).

O problema social da inserção laboral no campo juvenil traz consigo uma modificação nas estruturas familiares, uma vez que os/as jovens ficam dependentes economicamente de seus pais até mais tarde, devido a esta dificuldade acrescida de encontrar o seu lugar no mundo profissional, bem como na futura mas demorada constituição do próprio ceio familiar. «(...) Os jovens adquirem um novo estatuto, a “semi-dependência”, em que dependem economicamente dos pais (...)» (Furlong e Cartmel, 1997; Nilsen e outras, 2002 *cit in* Guerreiro e Abrantes, 2007).

Surgem hoje em dia, apesar dos vários pontos menos positivos das perspetivas em relação às culturas juvenis, diversas abordagens com as quais o meu pensamento vai de encontro, e onde se pretende analisar as novas formações de culturas juvenis que tentam não se centrar nos desvios, e que têm em atenção dimensões como o género, etnia, a própria geografia. Desta forma, a noção aqui defendida não reduz este conceito a um simples grupo denominado juventude, mas sim a grupos diversos, com

¹⁴ Pais, Machado (2011) disponível online em: <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/763/arte-da-pirueta>

características próprias e onde a melhor denominação se centra no plural do conceito – Juventudes.

Esta última ideia que me permite ter em consideração, nas várias atividades que auxiliaram a idealização do serviço educativo, de que os/as jovens não partilham entre si os mesmos interesses, os mesmos gostos, objetivos, e que portanto as dinâmicas deverão ser caracterizadas pela diversidade alargando o seu campo de atuação.

2.1.3. A intimidade na heterogeneidade das juventudes: passado e presente

A ideia de uma heterogeneidade presente nas transições dos/as jovens para a vida adulta, ou até mesmo nas várias formas de vivenciar este tempo de vida podemos encontrar estes diferentes caminhos dentro do próprio ceio do desenvolvimento da intimidade. Visto a intimidade representar uma dimensão histórica influente nos processos de transição juvenis e relevante para a representação do serviço educativo no PAFT, é importante neste momento fazer uma referência a estas vivências de foro íntimo. Neste sentido, o recente desenvolvimento do planeamento familiar contribuiu em grande medida para o controlo dos nascimentos no seio familiar. Esta conceção de sexualidade descentrada da necessidade de reprodução assume-se como uma “*sexualidade plástica*”, sendo marcada por uma fácil transição entre relações sem compromisso. «Pela primeira vez, para uma massiva população feminina, a sexualidade podia estar separada do ciclo crónico de gravidez e parto» (Giddens, 1996: 19). Esta ideia associada à difusão dos ideais do amor romântico revolucionou as práticas e dinâmicas familiares. Contudo, importa ressaltar o facto de hoje em dia esta conceção se encontrar num processo de fragmentação sob a pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina. O espaço da casa privatizou-se demarcando-se do contexto de trabalho, tornando-se num «(...) lugar no qual os indivíduos podiam esperar apoio moral, por oposição ao carácter instrumental do meio profissional» (idem).

Perante a separação entre a casa e o local de trabalho, o poder patriarcal exercido nas relações familiares entrou em declínio na fase final do século XIX. Nesta linha de pensamento, a ênfase crescente na importância do envolvimento emocional entre pais e filhos atenuou o uso desse poder. Dito isto, «o controlo das mulheres sobre a educação dos filhos foi crescendo à medida que as famílias se tornaram mais pequenas e as crianças começaram a ser consideradas vulneráveis e necessitadas de educação emocional (...)» (idem: 29). Este facto contribuiu para uma mudança interna nas

relações familiares, pois verificou-se um maior controlo da figura feminina pelos seus filhos, encontrando-se a afeição materna acima da autoridade paterna.

De acordo com o autor, na Europa pré-moderna, a maioria dos casamentos eram estabelecidos com base na negociação tendo em conta fatores económicos, e não como pressuposto a atração sexual mútua. Devido a estas transformações que a sociedade foi vivenciando ao longo do tempo, os casamentos na atualidade já são realizados com base num conjunto de sentimentos, entre os quais a própria atração sexual, sendo que os casamentos combinados caíram em desuso. Desta forma, foram-se também abrindo caminhos para que, nos tempos de hoje, já sejam permitidas as uniões legais entre indivíduos do mesmo sexo.

Verificam-se hoje em dia alterações ao nível do parentesco resultantes do surgimento de instituições modernas que levaram a família para um “cenário de isolamento”. «As relações de parentesco eram geralmente consideradas uma base de confiança garantida; actualmente, a confiança tem de ser negociada e discutida e o compromisso é tanto um problema quanto nas relações sexuais» (idem: 68).

Com todos estes fenómenos de mudança, as famílias recompostas surgem em resposta à rutura das relações de uma família nuclear através do divórcio. Este que é inegavelmente uma crise pessoal, que envolve dor e perda. No entanto, muitas pessoas tomam atitudes para ultrapassar positivamente esses obstáculos (Elliott, 2009). Este aspeto é uma das características mais preponderantes da *relação pura*, porque se porventura ambos os parceiros estiverem descontentes com a sua relação, isto é quando a intimidade já não se encontra em desenvolvimento, esta pode ser terminada.

No período histórico correspondente à Segunda Guerra Mundial, ambos os sexos valorizavam o facto de uma rapariga preservar a sua virgindade até ao fenómeno do casamento. «(...) A reputação sexual das raparigas residia na sua habilidade para resistir ou conter avanços sexuais, a dos rapazes dependia das conquistas que conseguiam consumir» (Giddens, 1996: 7).

Atualmente, com a modernização, apesar de esta ideia ainda permanecer muito enraizada nas culturas ocidentais, segundo o autor apontado, a forma de encarar a sexualidade mudou radicalmente. Posto isto, «a maior parte dos indivíduos, mulheres e homens, chegam actualmente ao casamento trazendo consigo um fundo substancial de experiência e de conhecimento sexual» (idem: 8).

A partir dos diferentes processos de viver a intimidade, mais uma vez é refletida a ideia da heterogeneidade que marca o “ser Jovem”, pois «há pois que tentar, desde

logo, caracterizar sociologicamente a diversidade juvenil [para tal], recorre-se à noção das inserções objetivas diferenciadas que sujeitam os jovens a diferentes processos de socialização» (Nunes, 1998:1).

Capítulo III: transformar um espaço de memória num lugar educativo

3.1. Dimensão educativa de um serviço

Perante este sentido abrangente de juventudes, parece-me neste momento conveniente centralizar a minha reflexão na problemática dos serviços educativos. Desta feita, «o aparecimento acelerado de serviços educativos por todo o país é um facto que não pode ser ignorado»¹⁵, o crescente desenvolvimento destes serviços iniciaram um movimento de mediação entre o público e as instituições de carácter cultural, com o objetivo de criar uma maior dinâmica nestes espaços, aumentando as visitas a estes locais e fomentando novas aprendizagens. Embora nos encontremos num momento de crise económica e social no nosso País, «(...) o exercício de adaptação a que ela nos obriga é de alguma forma uma oportunidade de reflexão, sempre útil e mesmo indispensável» (Vasconcelos, 2011: 7). Por este facto, apesar das condições adversas que nos rodeiam, os serviços educativos permanecem como relevantes no cerne de uma instituição que se caracteriza com uma missão educativa, pois é «consensual o entendimento dos mesmos como territórios de participação, que visam uma mediação significativa entre a colecção/exposição e os seus visitantes, promovendo momentos de encontro, reflexão e construção de conhecimentos, considerando as múltiplas formas de aprender, de ver e de sentir» (Barriga, 2011: 2).

Por todas as características inerentes aos serviços educativos estes «(...) têm vindo a ocupar, desde meados do século XX, um papel fundamental nas instituições culturais, mais especificamente nas de carácter museológico»¹⁶. De facto, a preocupação com a construção deste tipo de serviços remete-nos para os anos 60, mas só na década de 80 este tipo de estruturas começam a ter visibilidade em instituições como museus, «(...) contudo, mais de uma forma esporádica e espetacular do que como uma política integradora do museu com a comunidade» (Felgueiras, 2000: 71). Precisamente nos

¹⁵ Comunicação- Rede Nacional de Serviços Educativos

¹⁶ Jornal do Museu dos Transportes e Comunicações, 2003: 4

anos 80 os serviços educativos, mais especificamente os dos museus do Estado assistem à, legitimação, «(...) da sua categoria criada por despacho de Decreto-Lei nº 45/80, que menciona: “Cria-se nos quadros dos museus do estado a carreira de monitor do serviço educativo, atribuições: o monitor colabora na acção cultural do museu, exercendo junto do público, funções de educação, animação e informação”» (Moura, 2011: 6).

A questão do educativo, da acção educativa, transparece como permanente e relevante para se pensar as dinâmicas destes serviços. Ou seja, para a criação de um serviço onde se pretende transmitir uma série de conhecimentos, que seja dinamizador de uma série de atividades marcadas pela dimensão educativa, não poderia deixar de aprofundar um pouco mais este campo.

No seguimento da última ideia, «a apropriação pelo sujeito do sentido educativo de uma acção pode ser realizado de diferentes formas, o que torna ainda mais difícil afirmar, observar e definir uma acção como educativa» (Almeida, 2003: 102). Isto é, construir um serviço que se destina a dinamizar ações educativas que permitam uma transmissão da mensagem identificativa de uma instituição, neste caso em concreto da exaltação de uma noção de jovens empreendedores onde seja possível estabelecer uma ponte entre estes e o mercado de trabalho, valorizando a criatividade e o mundo artístico, deve ser pensado segundo algumas orientações que possibilitem uma absorção de aprendizagens por parte de todo o tipo de público, neste caso em concreto predominantemente jovem. Tendo em conta especialmente o público juvenil, que mais povoa a instituição em causa, de acordo com o Livro Branco da Juventude, as aprendizagens e a «(...) a educação deverá ser plural e oferecer um amplo leque de métodos e modos de aquisição das competências e instrumentos necessários à formação (...)» (2001 : 34). Ou seja, no âmbito de um serviço educativo a educação não deverá ser, no meu ponto de vista, um reflexo de uma educação escolar, uma vez que também «é nos seus quotidianos que os/as jovens procuram formas originais de fazer o seu lugar no mundo, ou melhor, de não perder o seu contacto com o mundo e com os/as outros/as» (Silva, 2008:20).

A educação de carácter mais formal não se revela como a melhor opção para pensar a problemática do educativo neste tipo de serviço. Uma vez que uma educação deveras formal poderá opor-se «(...) a uma educação que promova formas múltiplas de expressão cultural e o desenvolvimento interior de cada um, as suas faculdades e potencialidades, que torna cada um diferente, único» (Almeida, 2003: 21). Logo, em contextos educativos não-formais «(...) são as experiências pessoais e sociais, bem

como as vivências significativas e mobilizadoras que justificam a sua existência e importância no âmbito das sociedades contemporâneas» (Trindade e Cosme, 2008: 23). As ações educacionais que caracterizam os serviços educativos envolvem de uma certa forma uma dimensão onde se encontra patente «(...) a vontade de transmitir e a de construir conhecimento, de nos tornarmos membros de um grupo e de nos autonomizarmos como sujeitos, sendo nesta dupla relação de semelhante e de diferente que nos tornamos portadores, reprodutores e produtores de cultura» (Almeida, 2003: 21).

Os serviços educativos procuram aproximar-se «(...) progressivamente das indústrias culturais, oferecendo experiências atrativas a um visitante que procura cada vez mais o prazer através do consumo de imagens, ideias e experiências» (Peralta, 2008: 373).

3.2. A criatividade na origem de um serviço

A criatividade e inovação na criação das atividades envolventes neste serviço poderá ser focal para o sucesso do mesmo, pois «embora a educação haja negligenciado a criatividade no passado, seria insensatez descambar para o extremo oposto e exaltá-la em detrimento da disciplina mental e do domínio do assunto que deve ser estudado» (Kneller, 1978: 105). Mas o que se entende por ser criativo? O que é a criatividade? Segundo o autor anteriormente mencionado, toda a conceção de criatividade deve incluir a dimensão da novidade, ou seja o ato de criar provem da descoberta e expressão de determinada ideia. Para além disto, a criatividade associa-se muitas vezes a uma forma de solucionar problemas. Isto porque, «alguns psicólogos sustentam que a criatividade é apenas um tipo especial de solução de problema, marcado por traços como novidade, persistência e extrema dificuldade em formular o problema» (idem: 23).

Tendo ainda como referência Kneller, existem uma série de condições que devemos ter em conta no ato criativo. Assim, uma delas remonta para a recetividade, uma vez que as ideias criativas não podem ser forçadas e não poderão surgir se não existir recetividade por parte do sujeito. Uma segunda condição essencial foca-se na questão da imersão no sentido em que o sujeito «(...) nutre de ideias a imaginação; robustece a mão do criador, oferecendo-lhe uma gama de abordagens em relação ao problema (...)» (idem: 74). Outras características como a dedicação à criação a

imaginação na produção de ideias, assim como a interrogação no momento criativo surgem como fundamentais. A concretização de erros ao longo do momento criativo potencia também o caminho a encontrar para a solução e criação. Posteriormente à passagem por todas estas condições inerentes ao ato de criar a própria obra ganha vida e «(...) transmite suas próprias necessidades ao criador» (idem: 77).

Capítulo IV: revivendo memórias para pensar o futuro

Tomando em consideração esta perspectiva a noção de cultura surge como ponto-chave no âmbito do campo de um serviço educativo. Desta forma, é importante debruçar-me sobre o que é a cultura? De onde surge este conceito? A origem desta noção encontra-se associada às sociedades rurais, mais especificamente a acção do cultivo dos campos, sendo mais tardiamente, por volta do século XVII, ligado ao cultivo do espírito. «Ou seja, refere-se sobretudo a formas de pensamento, ao mundo das ideias, ao imaterial expresso em formas e criações muito específicas e de grande beleza e perfeição» (Felgueiras, 2010: 18). Assim sendo, «o termo de *Kultur*, no sentido figurado, surge na língua alemã no século XVIII e parece ser a transposição exacta do termo francês» (Cuche, 1999: 31). Contudo, este termo vai evoluindo de uma forma muito rápida chegando ao que Cuche (1999) intitula de *culture*, mesmo estando em causa e mais em voga o conceito de *civilisation*.

A noção de cultura «(...) na pena dos investigadores franceses permanecia de um modo geral, ligado, à sua acepção tradicional no campo intelectual da nação: referia-se apenas ao domínio do espírito e era entendido num sentido elitista restrito e num sentido individualista (...)» (Cuche, 1999: 47). Todavia, «entra em concorrência com outro conceito, do século XVIII, o de civilização» (Felgueiras, 2010: 18), este último que permitia às sociedades se diferenciarem entre si, entre os vários grupos diversificados que as compõem. Não só o conceito de cultura se generaliza e alarga no seu sentido mais amplo como a própria noção de civilização começa a englobar «(...) grandes conjuntos culturais de geografia variável, diversos mas exibindo alguns traços culturais comuns» (Felgueiras, 2010: 19). Importa aqui destacar que Émile Durkheim, por raras vezes utilizava o termo cultura nas suas obras, sendo este traduzido para *civilisation*. Contudo, esta questão não revela na sua origem um desinteresse pelas questões culturais, muito pelo contrário, para este autor «(...) os fenómenos sociais têm

necessariamente uma dimensão cultural uma vez que são também fenómenos simbólicos» (Cuche, 1999: 48).

Não poderia falar no conceito de cultura sem me referir à estreita ligação entre esta e a língua. De facto Herder (1774), foi um dos autores que mais usava de forma sistemática a noção de “cultura” baseando «(...) a sua interpretação da pluralidade das culturas numa análise da diversidade das línguas » (Herder, 1774 *cit in* Cuche, 1999).

Sendo as culturas pautadas por relações sociais, é possível no cerne do conceito de cultura identificar diversas aceções da mesma. Dito isto, a cultura dominante caracterizada por uma normatividade gozando do poder de decisão e de prestígio das elites. Ou seja, tal como Marx ou Weber o afirmaram a cultura das classes dominantes será sempre a cultura dominante, logo «(...) falar de cultura “dominante” ou de cultura “dominada” é, portanto, recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais, que mantêm entre si relações de dominação e de subordinação» (Cuche, 1999: 104). De uma forma um pouco distinta de perspetivar a cultura as culturas populares, contrapondo as culturas dominantes, pretendem estabelecer especificações locais, baseadas em relações diretas, onde o poder não assume a centralidade, todavia surge como uma forma de manipulação das culturas dominantes. No cerne das culturas populares considero relevante relembrar a metáfora do *bricolage* de Lévi-Strauss (1962), esta que «(...) conheceu rapidamente um grande sucesso e foi alargada a outras formas de criação cultural (...) o modo de criatividade próprio das culturas populares» (Certeau, 1980 *cit in* Cuche, 1999).

Para além da cultura dominante e popular, é pertinente destacar a cultura operária que se protagoniza pelo seu papel de desvalorização onde a questão do consumo e produção se revelam como focais. Olhando desta forma, o cliente como objecto secundário, esta padronização do objecto leva-nos a uma integração dos consumidores a partir de cima direccionando-nos para uma indústria cultural.

De uma outra aceção de cultura falamos em Cultura de Massas, que nos direciona mais propriamente para os anos sessenta, onde «Edgar Morin (1962) por exemplo, [acentua] sobretudo o modo de produção dessa cultura, que obedece aos esquemas da produção industrial de massa» (Cuche, 1999: 111). A cultura de massas dirige-nos para um novo conceito o de consumo, assim como para uma componente pautada pela massa e pelo domínio popular.

Olhando para este conceito de cultura de uma forma universalista e antropológica, Edward Tylor (1871), reflete sobre esta como «(...) todo o complexo que

compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade» (Tylor, 1871 *cit in* Cuche 1999).

4.1. Tradição e Cultura: pertinências sociais

Pensando em cultura não poderia deixar de mencionar a sua prolongação ao longo do tempo que poderá ser encarada através daquilo que denominámos por tradições. Contudo este conceito tem sido atravessado por uma série de inúmeras noções como a de *paradigma* de Thomas Kuhn, onde para este «um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma» (Kuhn, 1997: 219). Um outro conceito assenta na reprodução cultural que nos transmite a ideia de transmissão de princípios, normas e valores culturais de geração em geração através do *habitus* ou seja «(...) de esquemas geradores de classificações e de práticas classificáveis que funcionam na prática sem chegar à representação explícita, e que são o produto da incorporação, sob a forma de disposições, duma posição diferencial no espaço social» (Bourdieu, 1991: 114). Pode falar-se em tradições através de ordem social com Marshall (1980) ou de memória cultural, ou seja «no campo intelectual, sempre há concorrência entre conceitos e, na última geração, a memória venceu e a tradição perdeu» (Burke, 2007: 13). Tradição levanta consigo outras questões como o problema da pureza da verdadeira autenticidade de uma tradição e o problema da inovação num momento tradicional. Contudo, estes dois problemas poderão ser visualizados como algo positivo, uma vez que para promover a cultura e a sua prolongação ao longo de gerações não podemos ficar presos a uma unificação de culturas mas sim incorporando o passado e o presente marcado pela inovação.

«Esta variedade de culturas ou grupos culturais indica uma segmentação, uma perda de universalidade, mas simultaneamente, supõe em si mesmo a existência de uma unidade, de um fundo comum como atributo humano geral, emergente da sociedade humana, ainda que cada vez mais implícito e difícil de delimitar» (Felgueiras, 2010: 22).

Olhando para uma preservação do passado que contemple o futuro a tradição deve-se reconfigurar «(...) agora para se adaptar às novas contingências sociais,

políticas e culturais que caracterizam a contemporaneidade, combinando formas novas com antigas formas de imaginar a diferença» (Peralta, 2008: 37).

4.2. Cultura Material: pertinências educativas

Voltando ao mundo cultural é importante salientar que «devemos à escola “cultura e personalidade” o ter posto em evidência a importância da educação nos processos de diferenciação cultural» (Cuche, 1999: 70). Todavia, e agregada ao conhecimento e trabalho exercido pelos arqueólogos, historiadores, o conceito de cultura adquire uma nova dimensão, a da materialidade. Assim, «(...) a noção de *cultura material* define cultura como “conjunto de resultados materiais, fruto de ações distintas inspiradas por uma mesma tradição”» (Felgueiras, 2005: 93). Neste sentido, surge como central a concepção de cultura escolar que se revela persistente na Conferência da ISCHE em Lisboa, tornando – se esta questão um dos alvos primordiais da História da Educação (Felgueiras, 2005). Segundo Nóvoa (1992) o espaço escolar, «(...) o currículo estruturado por níveis de ensino e corpo profissional especializado seriam os três elementos indispensáveis para a constituição de uma cultura escolar (...)» (Nóvoa, 1992 *cit in* Felgueiras, 2010).

Por inúmeras vezes nos focamos nas competências a desenvolver nos alunos, nos resultados dos testes tão cuidadosamente preparados, nos conhecimentos que o currículo escolar espera ver desenvolvidos, esquecendo-nos dos instrumentos que compõem a realidade escolar. Quer isto dizer, que «o olhar desvia-se dos sujeitos, alunos e professores, das escolas, dos materiais didáticos e escolares, do recreio, da cantina, do gabinete médico (...) [não se vendo] o livro nem os processos concretos de trabalho escolar» (Felgueiras, 2005: 96). Melhor dizendo, esta cultura material escolar eleva o educativo a atrair a atenção para outras dimensões mais “físicas” e práticas que são essenciais para o reviver das nossas memórias educativas, até no sentido de as transportar para o presente. Pois, dá atenção aos pequenos factos que constroem a vida quotidiana das escolas e que se desenvolve num contexto material passível de ser inventariado. Assim, «(...) falar de *cultura material* da escola é mudar o foco da atenção, é atrair o olhar para os conjuntos escolares (...) (idem: 97).

Salientando o olhar numa perspetiva mais contemporânea e antropológica de cultura, encontramos uma significação mais descritiva do conceito. Pois, segundo os antropólogos a cultura remete-nos para uma dimensão como «(...) todo o complexo que

compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade» (Tylor, Edward B. 1999 *cit in* Felgueiras, 2010).

4.3. Património e identidade: construção de visões do mundo

O património «(...) o testemunho da cultura e das identidades de cada momento, um elo de continuidade entre as gerações/comunidades que ao longo dos tempos ocupam um território e também o elo de continuidade na relação entre uma comunidade e a outras vizinhas, amigas ou adversas» (Sousa, 2009: 99), toma um lugar de destaque na idealização de um serviço que se pretende educativo.

Quando nos referimos a património não nos encontramos a falar de herança, ou seja existe uma distinção entre estes dois conceitos chave, que irá ser explicitada mais à frente. Neste sentido, a conceção de património, «na sua forma hodierna, a noção de património cultural remonta aos finais do século XVIII, no contexto social despoletado pela Revolução Francesa, cabendo no seu domínio os monumentos históricos, designadamente os vestígios da Antiguidade, os edifícios religiosos da Idade Média e alguns castelos (Choay 2006 *cit in* Cabral 2009). Para além disto, e segundo a pesquisa realizada, este conceito no seu sentido etimológico deriva de «(...) patrius, e este de pater, e de monium, (...) que tem que ver, segundo o direito romano, com o poder masculino, pátrio, e com a sua herança paterna (...)» (Magalhães, 2005:21).

O conceito remete-nos para uma série de bens, que seriam transmitidos de geração em geração, isto é, tendo como um conceito mais atual de património falamos «(...) [num] bem que pode ter maior ou menor valor de mercado, mas que é considerado fundamental, inalienável tanto pelos valores que se lhe atribuem e o explicam, como pelo sentimento de um laço comum, de uma riqueza moral» (Felgueiras, 2005: 92). Por vezes torna-se comum também representar-se mentalmente, no nosso campo intelectual aquilo que consideramos património (Bourdieu, 2002 *cit in* Margarido, 2009).

Se num tempo nos referíamos a um conjunto de bens de valor local, ou até mesmo nacional, hoje em dia e através da UNESCO, estamos a dirigir-nos para uma conservação de um património além fronteiras, como resposta a uma reconstrução do património cultural, essencialmente na Europa devido à onda de destruição das duas grandes guerras. Assim, estes elementos que constituem um património possuem «(...) “um valor universal excepcional” [merecendo] ser especialmente protegidos contra os

perigos cada vez maiores que os ameaçam»¹⁷. Através desta organização pode-se destacar três diferentes convenções: a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural. UNESCO. Paris, 1972; uma outra Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. UNESCO. Paris, 2003; e por fim Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention. UNESCO. Paris, 2008. «”Património Mundial” é uma classificação atribuída pela UNESCO, com o objectivo de recuperar, proteger e defender a herança cultural e natural do nosso planeta»¹⁸.

Saliento aqui alguns dos parâmetros deveras importantes para uma candidatura a património cultural imaterial, uma vez que nos remete para uma das convenções mais recentes da UNESCO, e talvez mais complicadas de formalizar. Assim sendo, tendo como base Clara Bertrand Cabral (2009: 17/18), a UNESCO enumera alguns pontos chaves tais como: Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural Imaterial; Artes do espectáculo; Práticas sociais, rituais e eventos festivos; Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; Aptidões ligadas ao artesanato tradicional. É possível classificar o património em cultural ou natural. Isto é no património cultural engloba-se tudo aquilo que foi construído ou modificado pelo ser humano, como por exemplo, em termos materiais os edifícios, os monumentos, ou em conceções imateriais as tradições culturais, ou por sua vez mistos uma combinação material e imaterial. Relativamente ao património natural estão incorporadas todas as paisagens e construções naturais que não tenham sido construídas de base, nem alguma vez alteradas pela “mão” do Homem.

Quando é que um “objecto” se torna património cultural? Para se conceber esta distinção, se assim podemos dizer, um objecto tem de possuir um valor de mercado, assim como um valor de carácter afetivo, tornando-o desta forma insubstituível e que possuem uma série de memórias que o tornam um testemunho de uma época, de um momento, de uma tradição. Esta questão do património é trazida para debate mais diretamente relacionada com a relevância que o próprio edifício do Palácio das Artes, neste caso em concreto, pode exercer na intenção de promover atividades dinâmicas de carácter cultural que permitam difundir a própria história do local onde o serviço educativo se centra. Isto porque, «(...) a metamorfose de certos edifícios e a edificação de outros, dotados de uma monumentalidade que lhes concede valor, mais pela sua

¹⁷ SRU, Porto Vivo, 2010: 19

¹⁸ Projeto SRU, Porto Vivo, 2010: 47

estrutura arquitetónica do que pelas coleções que albergam, serve, atualmente, como uma importante marca cultural do espaço comunitário (...)» (Magalhães, 2009: 68).

Mas neste momento a pergunta impõe-se, onde se encontra a dimensão educativa presente nesta área de arquitetura e do espaço físico? De certa forma, o espaço não se caracteriza pela neutralidade e segundo esta visão «(...) ele sempre educa (...)» (Frago e Escolano, 1998: 75), pois «(...) todo educador, se quiser sê-lo tem de ser arquiteto» (ibidem). Posto isto, o espaço é um lugar que é alvo de diversas perceções e consequentemente «a perceção é um processo cultural» (Frago e Escolano, 1998: 78).

Num momento anterior da problematização foi mencionada uma distinção entre património e herança que neste momento faz todo o sentido explicar após esta abordagem genérica ao conceito de património. De facto, herança deveria constituir segundo alguns autores uma fortuna, um bem interno que pertencia ao ceio de uma família. Contudo e transportando para a dimensão educativa, esta herança inclui «(...) todos os edifícios, o mobiliário, os materiais didáticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas (...)» (Felgueiras, 2005: 92) entre outros.

O conjunto de heranças educativas trazem consigo uma névoa de memórias, que poderão e deverão ser pautadas pelo elemento educacional. Assim, estas memórias, este conceito polissémico que procura «meio de recordar e de mensagem (recordação)» (Alves, 2009: 58) possibilitarão novas visões da realidade, onde «(...) o passado só existe em função de um presente, que o constitui como passado, “re-evocando” a sua actualidade» (Felgueiras, 2005: 89). Logo, «património é qualidade e memória. Sem qualidade, intrínseca ou circunstancial, não haverá fundamento para que um testemunho-memória tenha de ser conservado» (Almeida, 1993:411).

As memórias, tanto a nível social como cultural, remetem-nos a uma releitura da realidade de acontecimentos marcadamente passados e presentes, de certa forma, assim é importante salientar a questão da memória coletiva onde o objetivo central daquele grupo em questão tem como função última manter a identidade do mesmo (Felgueiras, 2005). Neste sentido, «(...) a memória deve ser encarada sobretudo como um fenómeno cultural, que permite estabelecer, num contexto de profundas transformações, uma relação efectiva entre o passado, o presente e o futuro (...)» (Peralta, 2008: 28). Todavia, surge uma questão pertinente relacionada com esta temática de uma memória cultural que se foca na forma de como «(...) se puede evitar

que los museos y las ciencias de la cultura se conviertan en cómplices de una desconsiderada y bien programada liquidación de la cultura mundial» (Osten, 2008: 54).

As dimensões que tenho vindo a abordar, como a cultura, o património e as memórias educativas e culturais, na minha opinião trazem consigo para debate o campo da identidade. Pois, o património possui uma relação estreita entre o Homem e o meio em seu redor e neste ponto de vista «o testemunho da cultura e das identidades de cada momento, um elo de continuidade entre as gerações/comunidades que ao longo dos tempos ocupam um território e também o elo de continuidade na relação entre uma comunidade e as outras vizinhas, amigas, ou adversas (...)» (Sousa, 2009: 99). Dito isto, a identidade de um património aproxima-nos da identidade individual pós-moderna de que nos fala Stuart Hall (2006), no sentido em que este não possui uma identidade única e fixa, querendo isto dizer que esta é «(...) formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais (...)» (Hall, 2006: 13). Ainda mais, poderá afirmar-se que um centro histórico se relaciona fortemente com a identidade nacional, «(...) tanto com referência de uma comunidade de cidadãos de um mesmo espaço urbano, assim como de “imagem resumida da cidade para o visitante”». ¹⁹

O campo de um conjunto de memórias culturais, que se pretendem educativas e tendo em mente que «se debería formar una consciencia cultural, una memoria cultural para combatir de raíz el robô de antigüedades, la degradación de la cultura a mera mercancía» (Osten, M. 2008: 54), não poderão estar dissociadas dos desenvolvimentos artísticos que «(...) não [pré-anunciam] um corte radical com o passado, de cujo conhecimento necessita-mos para suscitar e motivar o aparecimento do futuro» (Sardinha, 2006: 21). Pois, «(...) o passado está sempre em nós enquanto memória do futuro» (Sardinha, 2006: 21), ou seja, arte e todos estes movimentos reprodutivos de cultura não poderão deixar de estar associados aos acontecimentos passados para de certa forma pensar as dinâmicas artísticas do futuro.

¹⁹ SRU, Porto Vivo, 210: 74

Parte III

Opções metodológicas de intervenção

Capítulo I: desfolhando o contexto da ação numa intervenção – orientações epistemológicas

Neste lugar serão dados a conhecer os diferentes passos metodológicos que constituem uma intervenção passando pela conceção de um projeto, filosofia de intervenção a ele inerente e passos metodológicos de intervenção pelos quais se optou.

Ou seja, neste capítulo será o momento para refletir e tomar opções e posições em relação à forma de produção de conhecimento científico, assim como discutir o conceito de ciência, tendo por base vários autores relevantes neste campo. Pois, esta reflexão em torno dos paradigmas científicos revela-se preponderante no sentido de como influenciam o olhar sobre os contextos e fenómenos sociais com os quais me deparei. Para além desta dimensão teoricamente discutida, será alvo de análise os métodos e técnicas utilizadas na elaboração e construção deste projeto de carácter interventivo, uma vez que o «(...) método é etimologicamente, o caminho que nos leva a um certo ponto, e a passar para além dele e, portanto, a ultrapassar uma dificuldade» (Boavida e Amaro, 2006: 39).

A ação que caracterizou o período de estágio dirigiu-se por uma metodologia de intervenção pautada pela comunicação, compreensão e capacidade de escuta para com os/as participantes envolvidos/as na intervenção. Uma vez que «(...) a intervenção em situações reais e a construção de mudança através de novas práticas assumidas por todos os “actores da cena educativa” [implica] a criação de uma dinâmica relacional que [facilite] a mudança de atitudes (...)» (Benavente; Costa e Machado, 1990 : 3). Deste modo, iria ser possível ir «de encontro a uma leitura e interpretação da realidade sócio-educativa, numa perspetiva multidimensional, mobilizando o espírito científico, crítico e reflexivo» (Pinto, 2008: 45). Neste sentido, adotou-se no que toca ao pensamento e ideologia da intervenção uma postura de intervir **com** os/as jovens e não **para os/as** jovens. Este facto remete para a filosofia do “amigo crítico”, isto é auxiliar os jovens a pensar sobre as situações e a tomar as suas próprias decisões (Leite, 2002). Assim, intervir num determinado contexto implica um conhecimento, uma investigação acerca do mesmo, onde as visões acerca da produção de conhecimento, dos paradigmas científicos moldam a minha perceção do contexto de intervenção e dos seus fenómenos envolventes.

Tendo em consideração que, segundo Kuhn (1997), a ciência evolui através de ruturas, ruturas com o paradigma vigente, importa primeiramente perceber o que é então

um paradigma? Segundo o autor mencionado «um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma» (Kuhn, 1997: 219). Esta visão partilhada do mundo vai-se alterando através do que se pode designar de circularidade do paradigma. Ou seja, a ciência normal que fundamenta as práticas de um conjunto de cientistas no seio de uma comunidade, poderá sofrer ao longo do tempo de algumas contradições internas que torna o paradigma “legítimo” alvo de um estado de crise possibilitando uma mudança da visão do mundo e da realidade constituindo um pré-paradigma num período marcado por «(...) debates frequentes e profundos a respeito de métodos, problemas e padrões de solução legítimos (...)» (idem). Desta forma, constitui-se no seio da comunidade científica um distinto e novo paradigma, uma nova forma de olhar a realidade.

Percecionando a noção de paradigma e a sua evolução surge como central para a produção de um projeto de intervenção, neste caso em concreto, a distinção entre dois paradigmas. Assim, a Ciência Moderna surge em consequência de uma rutura com os dados sensoriais e com o mito e a religião, que deixam de conseguir dar resposta aos fenómenos. Esta assenta essencialmente no método experimental, que consiste na observação dos factos, levantamento de um problema seguindo-se da formulação de hipóteses, após esta elaboração o investigador passa para a experimentação e por último, irá validar ou não as hipóteses anteriormente elaboradas. Logo, «(...) o conhecimento científico avança pela observação descomprometida e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenómenos naturais» (Boaventura, 1987: 13), sendo caracterizado pelos métodos quantitativos. O paradigma dominante baseia-se então num conjunto de leis abstratas que resultam da generalização de observações empíricas exprimindo a regularidade de fenómenos, existindo uma relação de causa e efeito. Esta ideia de objetividade resulta de um «(...) conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenómenos» (idem: 16).

Por outro lado, o paradigma emergente com o qual o ponto enquadrador desta experiência se coaduna, e com o qual pretendo adequar os meus métodos e técnicas, surge como «(...) o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente» (idem: 37). Esta, e segundo Boaventura de Sousa Santos tem subjacente um novo paradigma social, informa um novo senso - comum, traz uma nova conceção da natureza e procura a aproximação das ciências sociais e naturais. Contudo, «um discurso

sobre a educação não deve ser um discurso de opinião; ele não é científico se não controla seus conceitos e não se apoia em dados» (Charlot, 2006:10). Este paradigma baseia-se numa análise qualitativa da realidade, defendendo a não neutralidade do investigador na sua investigação. No âmbito de um eixo compreensivo, esta Ciência Pós-moderna procura o significado dos fenómenos, coloca todos os atos na dimensão subjetiva e opõe-se claramente à explicação linear objetivista e universalista.

Tendo em mente estas duas distintas formas de fazer ciência, irei de seguida convocar alguns autores centrais trazendo para debate as suas ideologias quanto à produção de conhecimento no campo científico. Primeiramente, e tomando a título exemplificativo a ciência social como paradigma de ciência clássica, ou seja, dominante, é fundamental trazer para reflexão Émile Durkheim. Este último que na sua obra “As Regras do Método Sociológico” «(...) demonstra que os factos sociais são susceptíveis de ser objectivamente estudados de igual modo que os factos naturais (...)» (Boavista e Amaro, 2006: 80). Isto é, segundo Durkheim (2001) os factos sociais são algo exterior ao sujeito, podendo estes ser estudados na base da objetividade e independência, são assim comparados a coisas que podem ser observáveis. Esta primeira regra do método sociológico segundo o autor leva-nos a considerar um facto social como «(...) toda a maneira de agir, fixada ou não, susceptível de exercer uma coerção exterior sobre o indivíduo (...) » (Durkheim, 2001: 39).

De uma ideologia distinta Bourdieu (2004) considera os factos sociais como sendo potenciadores de uma construção social por todos os agentes sociais criando deste modo diferentes realidades (Bourdieu, 2004). Desta forma, para o autor os cientistas encontram-se em redor de um campo de forças que regula as suas ações e que produz a objetividade.

Bourdieu apresenta ao longo da sua obra três fases distintas nas quais irei focar essencialmente a sua segunda fase caracterizada por uma epistemologia da escuta, na qual o livro “A Miséria do Mundo” se enquadra.

Destaco esta escuta permanente, pois ao longo do meu projeto de intervenção tomei, sempre que me foi possível, em consideração as opiniões e interesses de todos os intervenientes na construção e elaboração do serviço educativo no Palácio das Artes. Na “Miséria do Mundo”, Bourdieu (2001) procurou escutar, através de uma nova forma de realizar entrevistas, depoimentos das condições de vida de homens e mulheres. Esta nova forma de protagonizar uma entrevista rompe com o ideal dominante de fazer ciência, e tem em conta que «(...) quando se inicia uma relação de entrevista é em

primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir (...)» (Bourdieu, 2001 : 695). Ou seja, numa relação entre entrevistador e entrevistado é importante ter em mente que esta relação pode muitas vezes ser caracterizada por uma forma de violência, a violência simbólica de que nos fala o presente autor, «(...) esforçamo-nos para fazer tudo para dominar os efeitos (...) mais precisamente, para *reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele*» (idem).

Outros autores que trazem consigo uma nova ideologia sobre a ciência, e que não poderia deixar de me debruçar sobre as suas obras, são Foucault com as suas fases arqueológicas e genealógicas, e Sandra Harding com o ponto de vista feminino perante o conhecimento científico. Assim sendo, Foucault (1975), nomeadamente na sua obra “Vigiar e Punir”, que aborda dimensões tão vastas como a tortura, a punição, a disciplina e a prisão, remetendo-nos para uma passagem de uma fase arqueológica para a genealógica. A primeira que se foca na escavação intelectual de formações discursivas, comparando as mesmas em vários períodos rompendo de certo modo com a perspectiva histórica implícita, contudo o período genealógico transporta-nos para a recusa de uma história uniforme e progressiva onde o poder exerce a sua influência na constituição da verdade.

Trazendo uma nova visão e pontos de vista para a produção de ciência, Sandra Harding (1991), traz a ideia de que partindo do olhar das mulheres será possível produzir uma ciência mais justa, mais atenta à diversidade e a diferentes olhares. Para a autora, as ciências sociais são caracterizadas por uma objetividade forte, conceito com o qual pretendo conjugar a minha intervenção, isto porque nos leva a assumir que quando produzimos uma investigação ou intervenção, estou a ser influenciada por uma política, um contexto. Este facto que nos leva à Stand Point Theory, que pressupõe exatamente que a produção de conhecimento é influenciada pelo contexto ou grupo em que estamos inseridos.

Não esquecendo todas estas obras e autores de referência no pensamento científico, pretendo retomar a ideia de comunicação não violenta de Bourdieu (2001). Isto porque, no projeto de intervenção, como em qualquer outro do mesmo género torna-se essencial proceder a uma fase de investigação, de interação com o contexto, possibilitando um diagnóstico das necessidades do mesmo, através de interações verbais e não-verbais de uma forma informal, não constrangedora e “violenta”, tal como nos fala Bourdieu.

Capítulo II: conhecer a instituição para pensar o projeto

Conhecer as potencialidades e dinâmicas da instituição, exigiu uma série de procedimentos que se organizaram de forma a ter acesso a um conjunto de informações que possibilitassem conhecer a instituição, seus serviços e dinâmicas.

Para iniciar o contacto com o Palácio das Artes, contexto da intervenção, tornou-se pertinente optar pela realização de um conjunto de métodos qualitativos e quantitativos, pois esta opção de uma conciliação entre os dois permite com que estes se complementem e correspondam de uma forma mais explícita a todas as questões e necessidades sentidas num processo de intervenção. Tendo em consideração que este tem como principal objetivo conceber um serviço educativo no PAFT, tentando dinamizar eventos que permitam conhecer de uma forma dinâmica a história do local aproximando os/as jovens do espaço através das questões culturais, potenciando assim a mediação entre o serviço educativo e outras entidades, foram escolhidas uma série de técnicas de recolha de informações que mais se adequassem a dar resposta a estes objetivos.

A linha de intervenção seguiu uma perspectiva ecológica de intervenção, ou seja, um processo que «(...) potencia o desenho de intervenções que perspectivam a mudança na interacção entre as pessoas e os seus contextos de vida como essencial para a promoção do desenvolvimento» (Menezes, 2010: 33), foi essencial proceder a um conhecimento interno da instituição das dinâmicas e da comunidade externa ao PAFT. Nesta perspectiva, Urie Brofenbrenner (1979,1986) contribuiu de forma decisiva com a identificação de cinco ecossistemas do desenvolvimento humano «(...) sublinhando as influências destes diferentes contextos de vida, alguns dos quais não envolvem mesmo a participação directa das pessoas, e das interrelações» (Brofenbrenner, 1979, 1986 *cit in* Menezes, 2010).

Observação Participante

Uma das técnicas de carácter qualitativo que se revelou pertinente foi a observação participante, nomeadamente aquando da primeira visita ao PAFT juntamente com um dos profissionais da Fundação da Juventude, sendo registadas notas de terreno. Isto porque, e contrariando um pouco a ideia de Durkheim, «o papel das ciências sociais e, em particular, o das Ciências da Educação [é], em última análise, o

trabalhar o saber de que as pessoas são portadoras, e não o de produzir saberes sobre as pessoas coisificadas que elas não seriam capazes de saber...» (Berger,2009: 178).

A postura do método etnográfico, esta que se afirma como «(...) um método que assume a cumplicidade de um olhar que procura compreender o referente de outros, e neste exercício não se pretende nem colonizar aqueles últimos, nem perder de vista os nossos próprios referentes» (Silva, 2008:88), tornou-se a mais pertinente pois possibilitou ter uma perceção do espaço, das suas dinâmicas, assim como iniciar uma relação mais próxima e comunicativa com os intervenientes do contexto. Pois, a observação participante se «realiza a partir de um corpo que se movimenta e não apenas de um olho que vê» (idem: 99).

Para conhecer o espaço interno do Palácio, foi adotada a realização de observação participante, visto que esta pretende estudar «(...) os modos de vida, de dentro e pormenorizadamente, esforçando-se por perturbá-los o menos possível» (Quivy e Campenhoudt 1998: 197). Assim de uma forma ativa e não intrusiva, foi alvo de exploração o trabalho desenvolvido no interior do PAFT sendo observados os gabinetes das residências artísticas, e todas as salas do piso nobre. Para além disto, era perceptível uma movimentação no local pois encontrava-se em preparação mais uma edição das Feiras Francas. Estas que constituem um dos eventos mais marcantes do local, possibilitando a exposição de trabalhos de jovens criadores/as.

Não possuindo ainda uma perceção muito clara da história que preside no PAFT, o espaço despertou a atenção para alguns pormenores do edifício que nos remetem para um conjunto de memórias culturais.

«(...) os cofres que ainda hoje marcam presença, uma vez que o edifício Douro outrora foi Banco de Portugal, se encontram no local, conferindo um carácter curioso ao mesmo»

(Nota de Terreno, 29 de Março de 2012)

Proporcionou-se também o contato com alguns/as artistas residentes, assim como com um outro elemento responsável pela organização interna do Palácio das Artes. Percorrendo as várias salas que compõem o edifício era clara a perceção que este não se caracterizava por uma luminosidade e cor que remete-se para a movimentação, para o dinamismo do mesmo, ficando assim com a ideia de que este necessitaria de alguns elementos mais chamativos.

«Contudo, e embora algumas salas estivessem a ser preparadas para a próxima Feira Franca, que se realiza no último Sábado de cada mês, o edifício em si pareceu-me muito pouco dinâmico, ou seja com muito pouca luz, cor, movimento»

(Nota de Terreno, 29 de Março de 2012)

Não só estes momentos iniciais foram alvo de observação do tipo participante, mas sim ao longo de todo o processo e trabalho de estágio foram realizadas reflexões, apontamentos através do processo de escrita das notas de terreno, onde já fui destacando algumas passagens das mesmas. Estes registos, que constituem o material empírico resultante destes momentos de observação, foram preponderantes, uma vez que «constituem um pequeno arquivo que pode dar conta da evolução do terreno, das perdas de “ingenuidade” e das opções que vão sendo tomadas» (Silva, 2008: 134). Neste sentido, através da escrita fui observando a minha relação com o terreno de intervenção, com as suas dinâmicas internas, a par da monitorização da minha ação. Ou seja, estas contribuíram também como técnica de recolha de dados avaliativos acerca da intervenção, refletindo as dificuldades e as mudanças que foram necessárias e sentidas ao longo do percurso.

«Todavia, e após esta manhã de trabalho apercebi-me da grande dificuldade de garantir presenças num evento, que ainda por cima é de carácter gratuito, mas a sua divulgação é um processo demorado e complexo»

(Nota de Terreno, 19 de Outubro de 2012)

Análise Documental

Tendo em consideração que o grande objetivo se centra em atrair jovens ao PAFT, através do serviço educativo partindo da riqueza histórica do espaço, tornou-se central tentar conhecer um pouco mais o local numa perspetiva temporal.

Surgindo nas primeiras visitas ao local de intervenção a temática do património, e juntamente com o gestor de projetos do contexto na altura, foi possível conhecer melhor o espaço interior bem como as suas finalidades, tomando como elemento central a análise documental. Esta realizada a partir de um dossier com várias informações a nível histórico relevantes para a construção do serviço educativo. Esta técnica de recolha de dados revelou-se essencial pois, «(...) as bibliotecas, os arquivos e os bancos

de dados, sob todas as suas formas, são ricos em dados que apenas esperam pela atenção dos investigadores» (Quivy e Campenhoudt 1998: 201). Esta análise permitiu conhecer as várias transformações a que o edifício foi alvo, assim como da movimentação do largo e da cidade do Porto desde meados do século XIII. Este método foi fundamental no trabalho a desenvolver, de forma a tomar contacto com documentos e informações históricas, que relevam a pertinência do edifício para o Património da cidade, acerca do espaço que engloba o que hoje se torna a Fábrica de Talentos.

Observação Direta

Numa fase inicial, para além da observação no espaço interior e da análise documental, seria importante observar o espaço exterior, através da técnica de observação direta em redor do Palácio das Artes-Fábrica de Talentos. Pois, surgiu a necessidade de tentar perceber qual o público que mais preenche aquele local, quais as suas dinâmicas, como se poderia caracterizar este espaço de forma a pensar um serviço educativo que cativa-se e se enquadra-se na rotina daquela praça. De uma forma externa, foi o centro da observação tudo que se passava em torno do largo de S. Domingos, onde foram realizados alguns registos fotográficos (Apêndice I).

Em consequência deste olhar informado foi perceptível que se constituía como um espaço ocupado maioritariamente por turistas, onde as lojas comerciais focam exatamente o seu trabalho de marketing. Contudo, e embora em menor número era possível visualizar alguns jovens que se centravam em redor da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) que fica exatamente no largo. Através da observação direta foi possível estar atenta «(...) ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são observados (...)» (Quivy e Campenhoudt, 1998: 196).

Realização de Questionários

De forma a conseguir ir de encontro com as expectativas dos sujeitos de intervenção, foi importante num momento de interação inicial realizar também uma série de inquéritos por questionários (Apêndice II), uma vez que estes possibilitam uma abordagem mais rápida e precisa, não tendendo a importunar os indivíduos questionados. Os questionários tinham como objetivo perceber qual a importância do

edifício para a comunidade em redor, para o próprio edifício e para a fundação da juventude, assim como quais as formas que o poderiam dinamizar, questionando a própria relevância do serviço educativo. Para além das entidades acima mencionadas, não poderíamos deixar de contactar com um espaço educativo de carácter mais formal, neste caso os/as docentes do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude, no sentido de perceber a pertinência daquele local para os/as mesmos/as, assim como seria relevante transformar o local atrativo para as suas necessidades. Embora estes questionários sejam essenciais o grande objetivo seria compreender se a história do Palácio é conhecida pelos/as jovens, pela comunidade, e como se poderia dinamizar o espaço através do serviço educativo partindo das memórias culturais interiorizadas no PAFT.

Os questionários foram aplicados a diferentes elementos da comunidade do largo de S. Domingos aquando de uma visita exploratória ao local. No que toca aos direcionados aos/às funcionários/as da Fundação, ou seja elementos da estrutura organizacional da instituição e aos/às docentes do Sistema de Aprendizagem da instituição. Neste ponto destaca-se, devido a fatores externos, a obtenção de respostas por parte dos/as docentes apenas através do preenchimento do questionário via online. Considerando esta situação a análise aos mesmos só se tornou possível após reunir todas as respostas, sendo apenas analisadas num dos momentos de trabalho enquanto estagiária do Palácio.

«(...) relevante analisar os questionários já aplicados à comunidade envolvente, no Largo de S. Domingos, e aos funcionários da Fundação da Juventude. Estes que tinham como objetivo central perceber qual a pertinência da elaboração de um serviço educativo no PAFT, em que áreas, e se a história do edifício seria pertinente divulgar e de que forma»

(Nota de Terreno, 04 de Outubro de 2012)

No que se refere aos questionários dirigidos aos elementos da comunidade envolvente, destaco anteriormente à análise dos mesmos, algumas das questões que foram colocadas. Neste sentido, algumas das perguntas centravam-se no conhecimento acerca do edifício (Tem conhecimento do Edifício que fica no largo de S. Domingos que se intitula hoje de Palácio das Artes – Fábrica de Talentos?), também no que toca a sugestões de formas de dinamização do espaço (O que seria interessante dinamizar no

Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de atrair mais visitantes?); e outras mais focadas no aspeto histórico do edifício Douro (Tem conhecimento da história do Edifício onde hoje se encontra instalado o Palácio das Artes?; Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?). Posto isto, focando a análise dos questionários aos elementos da comunidade, foram inquiridos 20 indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos, assim como alguns cuja idade varia entre os 30 e os 54 anos.

Na sua grande maioria, os/as participantes não possuíam conhecimento acerca da Fundação da Juventude, contudo demonstravam um conhecimento mais abrangente no que toca ao Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. Embora não sendo em número muito significativo, as atividades que são mais evidenciadas pela comunidade são as Feiras Francas, as Exposições e os Concursos organizados pelo Palácio.

Quando questionados acerca de quais as possíveis formas de dinamizar o local, as respostas obtidas focaram-se muito num maior processo de divulgação do espaço, desenvolvendo atividades no exterior que pudessem envolver mais as pessoas da comunidade, assim como no seu interior, de forma a dar a conhecer a história que o edifício guarda em si. Em relação às áreas que seriam mais relevantes de ser exploradas e ir de encontro ao público jovem estas seriam a música, a pintura, as novas tecnologias e a dimensão da história.

Tomando especial atenção à componente histórica do próprio edifício, a maioria não possui conhecimento da mesma, sendo para estes/as, importante divulgar a história através da Internet, das escolas, de visitas ao edifício e atividades no mesmo.

Para além do que já foi apontado anteriormente, foi possível retirar algumas ideias como a articulação com as lojas envolventes que poderiam possuir folhetos informativos acerca do que acontece no Palácio. Surgiu também a ideia de uma articulação com a escola ESAP, que está ligada às dimensões artísticas. Ainda mais, uma das pessoas inquiridas realçou a falta do sentido de comunidade que existe no largo de S. Domingos.

Questionando-os/as acerca de como o edifício poderia atrair a atenção dos/as turistas em plena zona histórica do Porto, as áreas das visitas guiadas pelo edifício, os folhetos informativos e as exposições foram as que mais se destacaram.

Como foi já referido, os/as profissionais que compõem a equipa da Fundação da Juventude foram também ouvidos, no sentido de pensar e ir de encontro às ideias e

necessidades dos últimos. Algumas das questões colocadas a este público abordavam a pertinência de um serviço educativo (Considera relevante a existência de um serviço educativo no mesmo edifício?), quais poderiam ser as grandes áreas temáticas a serem trabalhadas pelo equipamento cultural (Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo Palácio das Artes e que vão de encontro aos interesses do público jovem?), bem como qual a melhor forma para dar a conhecer o património cultural inerente ao PAFT (Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?).

Passando neste momento para a análise das respostas encontradas no interior da Fundação da Juventude, foram aplicados questionários a 6 pessoas, todas do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 27 e os 49 anos.

As iniciativas que tomam lugar no Palácio e que foram mais destacadas são *workshops*, Tertúlias, Exposições, Feiras Francas, Conferências, Concursos e Concertos. A maioria das respostas indicava que estas mesmas atividades se destinavam mais a um público jovem e a adultos/as, do que a outros grupos marcantes de diferentes faixas etárias como as crianças, idosos/as ou turistas.

Uma questão extremamente relevante para o desenvolvimento e concretização do serviço educativo, as inquiridas foram unânimes no que toca à pertinência da sua existência. Assim sendo, para potenciar o surgimento deste serviço seria interessante dinamizar no Palácio atividades relacionadas com a cidade do Porto, assim como visitas ao edifício de cariz histórico, ou seja, contando a sua história desde a sua construção, relatando todas as instituições que por lá passaram e algumas curiosidades que possam aguçar o interesse dos/as visitantes. Para além disto seria, segundo o grupo inquirido, também importante destacar as atividades lúdicas com públicos mais jovens, bem como promover *workshops* na área artística e atividades musicais, sem esquecer a importância da divulgação destes trabalhos realizados no PAFT.

Quando confrontadas com as possíveis áreas de interesse para o PAFT, para o seu serviço educativo e para os/as jovens que o frequentam, as respostas oscilaram entre a música, a pintura e os jogos interativos.

Voltando à questão de dar a conhecer a história do edifício aos/as visitantes, analisando as respostas das inquiridas, estas consideram que deveria ser refletida através da internet, de visitas ao edifício, assim como atividades desenvolvidas no mesmo. Dada a importância de tornar este espaço num ponto de referência para os/as turistas, as

formas mais apropriadas de o concretizar seria através dos folhetos informativos, das atividades dinâmicas e visitas guiadas. Em suma, era ainda importante, segundo algumas das inquiridas, que este espaço cultural constasse dos roteiros turísticos e que fosse possível criar uma articulação com instituições vizinhas ligadas à área a que se dedica.

Para terminar a análise a estes diferentes olhares perante o PAFT, o seu trabalho, a sua história e a relevância de um serviço educativo, não poderia deixar de analisar e refletir sobre as respostas alcançadas com os/as docentes do Sistema de Formação da Fundação da Juventude. Em torno das questões colocadas assinala-se a tentativa de perceber o que seria possível dinamizar no PAFT de forma a se tornar cativante para a visita do contexto escolar (O que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de se tornar pertinente a visita da comunidade escolar?), também e mais uma vez como poderia ser transmitida a história e a riqueza cultural do espaço (Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?), assim como quais as suas opiniões relativamente a uma possível cooperação entre a escola, ou o sistema de formação, e o PAFT (Acharia possível uma cooperação entre a Fundação da Juventude e a Comunidade Escolar? De que forma?).

Foram obtidas¹¹ respostas aos questionários, sendo na sua maioria do sexo feminino (9 pessoas). Estes/as docentes possuem anos de experiência entre 1 e 10 anos, podendo destacar uma inquirida com 30 anos de atividade profissional.

A maioria dos elementos da equipa de formação da Fundação possui um conhecimento da existência do edifício, que hoje é conhecido como Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. No cerne deste conhecimento evidenciaram algumas das atividades desenvolvidas por este como as Tertúlias e as Feiras Francas. No sentido de se tornar pertinente a visita da comunidade escolar, sugeriram que fossem dinamizadas várias ações que se encontram de seguida enumeradas:

- palestras de carácter informal dirigidas especificamente à comunidade escolar sobre empreendedorismo, bem como alguns ateliers de trabalho;
- divulgar a história do Palácio através de peças de teatro;
- pequenos concertos com músicas representativas das diferentes épocas;
- jogos e/ou exposições de jogos tradicionais ligados à história do Palácio;
- exposições permanentes, atividade constante;

- lançamento de livros e cds, criação de uma biblioteca;
- ações de formação de curta duração;
- *workshops* gratuitos;
- tecnologias atuais do agrado da camada jovem;
- exposições dos conteúdos programáticos das escolas.

Para perceber o ponto de vista dos/as inquiridos/as no que toca ao surgimento de um serviço educativo na Fábrica de Talentos, verificou-se um consenso no sentido positivo. Todavia, as áreas que estes/as mais relataram para serem exploradas pelo serviço foram a música, a história e as novas tecnologias.

Outro facto importante analisado nas respostas a estes questionários diz respeito à falta de conhecimento perante a história do Palácio, o que choca com o conhecimento do trabalho, objetivo e missão do edifício no largo de S. Domingos. Neste sentido, consideraram que seria importante divulgá-la através de visitas ao edifício e atividades no mesmo.

Relativamente ao papel que os/as jovens poderiam desempenhar num espaço como este, as respostas incidiram sobre a participação nas atividades facultadas; encontros de jovens; apresentação de peças de teatro e música; visitas de estudo; dinamização de atividades; divulgação entre as camadas jovens; pintura e festas de aniversário. Ou seja, de uma forma genérica a utilização do local revelou-se como a melhor forma de divulgação.

Na sua totalidade os/as inquiridos/as consideraram que seria possível uma cooperação entre a Fundação da Juventude e a Comunidade Escolar. Isto que se poderia traduzir no incentivo dos/as jovens para o trabalho da Fundação da Juventude em exposições por parte da escola, dos trabalhos dos/as alunos/as, visitas guiadas dando a conhecer a história do Palácio, atividades sobre os cursos que os/as alunos/as frequentam, concursos entre escolas (acerca de matemática, declamação e cultura geral), colóquios e ações de formação. Outro ponto a destacar prendia-se com a importância de dar a conhecer aos/as jovens recursos para os ajudar a optar pelas suas futuras vias profissionais.

Todas estas informações foram enviadas e analisadas também pela supervisora local de estágio, a gestora de projetos do PAFT, contudo os dados foram redigidos e apresentados em esquema de forma a serem mais perceptíveis e facilmente alvo de análise pela equipa deste equipamento cultural.

Levantamento de Informações da Ação do Contexto

Continuando a desfolhar o contexto onde se desenrola a ação interventiva, um outro método de análise mostrou-se importante no sentido de potenciar uma aproximação ao trabalho interno do PAFT, e da própria Fundação da Juventude.

«Neste primeiro momento e numa conversa com a supervisora local ficou acordado que nesta manha seria relevante realizar uma pequena pesquisa e levantamento de atividades e workshops organizados no PAFT»

(Nota de Terreno, 03 de Outubro de 2012)

Procedeu-se a uma pesquisa, através dos meios que me foram disponibilizados, onde poderia encontrar todas as informações necessárias. Após uma pesquisa no *site* oficial da Fundação da Juventude eram apontadas algumas atividades de carácter pontual, outras de carácter mais permanente, mas na sua maioria todas elas com o público jovem como grande alvo. Entre as mais recentes à época destaco a realização das Feiras Francas (a realizar no último sábado de cada mês, das 10 horas às 20 horas, com diferentes temáticas), também as tertúlias (caracter mensal, espaço de informação e debate que permite o intercâmbio de experiências num ambiente não formal onde estão presentes convidados/as ligados ao tema em questão); as exposições Cargotopia (decorrer nos dias 5,6 e 7 de Outubro no Palácio das Artes, mostra de arte em espaço público, envolvendo artistas convidados/as de vários países); e a 21st Century Rural Museum (decorrer no dia 3 de novembro às 15, exposição que leva a cultura rural a grandes centros urbanos).

Após este levantamento muito útil para mim enquanto novo membro da instituição, organizei toda esta informação que futuramente se revelará extremamente importante»

(Nota de Terreno, 03 de Outubro de 2012)

Considerando que os *workshops* poderiam ser um ótimo ponto de partida para iniciar a ação no Palácio, foi essencial pesquisar também informações acerca deste tipo de eventos. Neste sentido, foi alvo de pesquisa o planeamento de vários *workshops* realizados no Palácio das Artes, embora alguma informação não fosse muito recente.

Assim, tornou-se perceptível que estes giram em torno de várias temáticas artísticas como a fotografia, o teatro, dança, pintura, *design*, arquitetura, cinema, entre muitos outros. Para além deste facto, estas temáticas vão sendo abordadas sistematicamente ao longo dos anos, pois são constantemente alvo de novos *workshops*.

Percebemos que estes últimos destinados a crianças como a “Dança Criativa”, se apresentam como mais interativos e dinâmicos, em horário laboral em dias úteis. Contudo, para jovens e adultos estes remetem para uma base mais teórica, ainda que não seja muito explícito nos cartazes e informações apresentadas no *site*. Para além disto, estes *workshops* realizam-se normalmente ao fim de semana em horário pós-laboral.

Através do levantamento de dados, tornou-se pertinente tomar conhecimento de que os grupos são sempre relativamente pequenos (cerca de 10 pessoas), e que contam com a presença de um/uma ou mais formadores/as, sempre muito vinculados à área em que se prende o *workshop*.

Sistematizando, foi possível adquirir informação de como desenvolver um *workshop*, de qual a informação necessária para a idealização e conceção deste, quais as áreas chave a serem envolvidas e alguns possíveis contatos de formadores/as a estabelecer ligação.

Nesta terceira parte do relatório dei conta de todas as opções epistemológicas e de intervenção, assim como os processos e técnicas utilizadas numa fase de diagnóstico inicial, de forma a conhecer o contexto, os seus atores e intervenientes, assim como as dinâmicas institucionais. Desta forma, foi-se explorando o contexto de acordo com uma visão de intervenção compartilhada, de forma a percecionar as necessidades do espaço, planeando a intervenção de dentro.

Parte IV

Um percurso educativo/profissionalizante: etapas que constroem a linha condutora de um estágio

Capítulo I: construindo o caminho de um serviço educativo

Em primeiro lugar, para dar início ao momento de descrição e análise do estágio profissionalizante, considero relevante realizar um pequeno momento de percepção de toda a ação que construiu este percurso. Após toda a análise e reflexão em torno dos processos metodológicos, adequados à intervenção em causa, este momento irá remeter para a descrição de todas as ações desenvolvidas no âmbito deste estágio no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.

O percurso de estágio teve início ainda no ano 2012, com um conjunto de observações e aplicação de questionários, ainda no decorrer da idealização de um projeto de intervenção na instituição Fundação da Juventude, mais especificamente no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. Assim, a intervenção na instituição decorreu desde Outubro de 2012 até ao final do mês de Abril do presente ano, sendo uma permanência total de 6 meses. Na sequência deste período, o momento de entrada na instituição revelou-se um tempo recheado de expectativas e receios, bem como um tempo para conhecer mais aprofundadamente o espaço onde me encontrava a trabalhar. Desta forma, foi fundamental analisar um conjunto de dados documentais e de questionários que haviam sido realizados à comunidade local; aos/as funcionários/as da Fundação da Juventude e por fim aos/as docentes do Sistema de Aprendizagem da Fundação.

No contato inicial, assim como ao longo de todo o estágio, as atividades de carácter administrativo demonstraram ser preponderantes no conhecimento das dinâmicas, das pessoas, e do teor prático da instituição.

O serviço educativo para o qual contribuí na sua idealização, iniciou o pensamento, o desenvolvimento e a divulgação de vários *workshops* e sessões (in) formativas. Estas últimas que se encontravam envolvidas em áreas tão vastas como o teatro, artes plásticas, fotografia, empregabilidade, mediação de conflitos em contexto escolar, entre outras. Os momentos formativos, todo o trabalho que envolveu a sua pertinência, contribuíram de certa forma para a divulgação da instituição junto do público, nomeadamente o público juvenil, bem como para uma exteriorização da história, das memórias culturais intrínsecas ao Palácio das Artes – Fábrica de Talentos.

Na sequência de revirar o PAFT para o exterior, que se centra na base do serviço educativo que idealizava, foi várias vezes apresentado e reformulado o projeto inicial para este serviço de um conjunto de visitas guiadas, que foram pensadas de forma a dar

a conhecer este espaço e as suas vivências. Não só o projeto base se enquadra nesta ideia, mas também o facto de realizar visitas guiadas com escolas, e transmitir a mensagem histórica e atual do PAFT a novos estagiários/as contribuíram para este reflexo do Palácio.

Revivendo este processo de uma forma muito sintética irei de seguida dar conhecimento de todos estes passos de uma forma mais pormenorizada, dando a conhecer um conjunto de outras atividades em que estive envolvida e que ajudaram a preencher a minha formação neste local. Contudo, e de forma a se tornar mais perceptível todo o trabalho desenvolvido, bem como a sua pertinência apresento a ação esquematizada no seguinte quadro:

Construindo o Caminho de um Serviço Educativo Concetalização de um Serviço Educativo	Ações realizadas	Atividades	Objetivos	Competências Adquiridas
	Ações de Diagnóstico “Conhecer para potenciar”	Observação participante	- Percepção do espaço, das suas dinâmicas, - Iniciar uma relação mais próxima e comunicativa com os intervenientes do contexto	- Aprofundamento na utilização de métodos e técnicas de intervenção; - Comunicação, capacidade de escuta, compreensão; - Desenvolvimento de técnicas de pesquisa de informação
		Observação direta	- Perceber as dinâmicas do espaço exterior, a sua movimentação, o tipo de público que mais frequenta o local	
		Análise documental	- Obter conhecimento das memórias culturais do edifício; - Tomar contacto com documentos e informações históricas, que relevam a pertinência do edifício para o Património da cidade	
		Questionários (Comunidade Envolvente; Funcionários/as da Fundação da Juventude; Docentes do Sistema de Aprendizagem da Fundação) Questionários a participantes de uma edição das Feiras Francas	- Perceber qual a importância do edifício, da história e da construção de um serviço educativo para a comunidade em redor, para a Fundação da Juventude, docentes do sistema de Aprendizagem, e participantes de edição de uma Feira Franca	
		Levantamento de Atividades	- Perceber quais as atividades desenvolvidas, quais as suas características, as áreas em que se desenvolvem, com que frequência	
	Sessões dinâmicas de Formação: A Arte, História e Juventude “Partindo do Património para uma aproximação da Juventude ao PAFT”	<i>Workshop</i> de Teatro: “Viagem ao Passado!” (idealização, desenvolvimento, estabelecimento de contatos; divulgação)	- Procurar uma ligação entre as questões culturais e do património com o trabalho presente do PAFT; - Motivar o público jovem a contactar com o equipamento cultural	- Comunicação, formação, idealização, desenvolvimento e divulgação de <i>workshops</i> , realização de eventos, mediação
		<i>Workshop</i> de Fotografia: “Safari Fotográfico na Cidade do Porto” (idealização, desenvolvimento, estabelecimento de contatos; divulgação)		
		<i>Workshop</i> : “Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego” (desenvolvimento, divulgação, estabelecimento de contatos)	- Atrair jovens ao espaço focando outras áreas de possível interesse por este público (transições e empregabilidade dos/as jovens; arte; ciência; mediação de conflitos em contexto escolar)	- Comunicação, formação, idealização, desenvolvimento, divulgação e realização de eventos, mediação

	Ações realizadas	Atividades	Objetivos	Competências Adquiridas
	Sessões dinâmicas de Formação: A Arte, História e Juventude “Partindo do Património para uma aproximação da Juventude ao PAFT”	Oficina de Escultura: Reciclarte & Style (desenvolvimento, divulgação, estabelecimento de contatos)	- Atrair jovens ao espaço focando outras áreas de possível interesse por este público (transições e empregabilidade dos/as jovens; arte; ciência; mediação de conflitos em contexto escolar)	- Comunicação, formação, idealização, desenvolvimento, divulgação e realização de eventos, mediação entre instituições e entre a instituição e público-alvo
		Workshop: “Gestão da Carreira Criativa” (desenvolvimento, divulgação, estabelecimento de contatos)		
		Workshop: “Comande o seu Cérebro” (desenvolvimento, divulgação, estabelecimento de contatos)		
		Conferência: “Gestão de Conflitos em Contexto Escolar” (idealização, desenvolvimento, realização)		
	Voltando o PAFT para a comunidade	Circuito de Visitas e Memórias (idealização, desenvolvimento, construção de proposta)	- Construir uma estrutura de mediação entre o público, a comunidade, os/as jovens ao PAFT e às questões da, herança cultural e património	- Mediação, estabelecimento de parcerias, comunicação, formação, aquisição de conhecimentos históricos
		Dar a conhecer o Palácio das Artes: Acompanhar diversos públicos		
	Ações de Conceção	Proposta para Concurso “Culture Programme – Cooperation measurs”	- Promover os centros históricos e a sua valorização, assim como o diálogo intercultural	- Conceção de planos de atividades de carácter educativo e cultural, - comunicação, idealização
	Ações de Integração na dinâmica institucional	Observação, divulgação do Seminário “Ser Empreendedor(a)”	- Contribuir para a minha integração no contexto bem como para a construção do meu papel enquanto profissional - Obter uma ideia geral do público e entidades que contactam com a instituição e o seu equipamento cultural.	- Comunicação, interação, formação, divulgação e organização de eventos
		Divulgação da “Oficina dos Pequenotes”		
		Atividades Administrativas (trabalho de receção em exposições; receção e realização de telefonemas em nome da instituição; construção de base de contatos; auxílio na arrumação do espaço para vários eventos)		

Ilustração 1 - Planificação da Intervenção

1.1. Relembrando a ação de diagnóstico – conhecer para potenciar

Como é perceptível através do quadro, que explicita a planificação de toda a ação de intervenção, iniciei o meu contato com a instituição através de ações de diagnóstico. Pois, toda e qualquer intervenção num contexto necessita perceber quais as necessidades, quais os constrangimentos e potencialidades subjacentes ao espaço. Nesta perspetiva, e tal como fui dando conhecimento aquando da última parte da componente metodológica, procedi a um conjunto de técnicas e atividades, que contribuíram para o conhecimento da instituição das suas dinâmicas, dos seus profissionais e de algumas das suas idealizações quanto à presença de um serviço educativo no PAFT.

Iniciei a minha fase diagnóstica a partir da observação participante no interior do Palácio das Artes, onde conheci mais aprofundadamente o seu trabalho, os profissionais que constituem a rede interna do mesmo, bem como algumas das suas atividades. Ou seja, tentando «(...) superar uma relação de distanciamento e de exterioridade entre o observador e o objeto observado (...)» (Araújo, 2012:95). Contudo, observar atentamente o espaço no seu interior não chegaria para intervir no contexto, uma vez que pretendia aproximar a comunidade, nomeadamente a jovem do Palácio. Assim, optando pela observação direta de forma a não importunar as dinâmicas do largo de S. Domingos, e para que estas surgissem de forma espontânea, desenvolvi mais uma vez a capacidade de escuta. Esta observação torna-se pertinente uma vez que «a rua não surge apenas como uma “via dentro de uma povoação” mas como um «espaço aberto, um espaço de vida e de interações, polifuncional e de utilização múltipla e diferenciada» (Fonseca, 2001: 86).

Percorrendo esta fase de conhecimento da instituição, e tendo já presente a noção da composição cultural inerente ao PAFT, foi necessário proceder a uma análise de vários documentos de índole histórico presente nas instalações do edifício. Desta forma, foi possível chegar a uma noção mais clara do património que o Palácio contém em si, o que considere pertinente como ponto-chave de aproximação dos/as jovens às questões culturais e ao próprio Palácio das Artes.

Um outro momento de levantamento de necessidades prendeu-se com a aplicação de questionários, acerca da pertinência da componente histórica do edifício, ao seu conhecimento, assim como à própria pertinência da construção de um serviço de carácter educativo. Estes questionários dirigidos a vários elementos da comunidade

envolvente, aos/às docentes do Sistema de Aprendizagem da Fundação assim como aos/às funcionários/as da Fundação. Após a análise já referida, entre vários aspetos, tornou-se claro que existe um desconhecimento desta componente cultural do edifício por parte de todos/as inquiridos/as. Assim destaco a clara importância de transmitir esta história como forma de aproximação ao trabalho do PAFT, pelo qual existe um desconhecimento generalizado da comunidade do largo envolvente. Surge também nas respostas analisadas uma manifestação de pertinência em relação à construção de um serviço educativo, que envolvesse visitas guiadas ao edifício como forma de reconhecimento do seu valor histórico.

Uma outra atividade que se aproxima das mesmas ideias, contudo surgindo de uma fase diagnóstica não inicial, centra-se na aplicação de mais um pequeno questionário, aos/às participantes de mais uma edição de uma Feira Franca, especificamente da 31^a. Este evento que provem já de uma tradição, contudo marcado pela inovação e criatividade de hoje. A análise dos questionários veio comprovar o desconhecimento do conjunto de memórias culturais que o PAFT potencia. Nesta edição de mais uma Feira, que nos remonta para o século XIII, foi possível conversar um pouco com os/as participantes do evento percebendo qual a faixa etária predominante, a situação profissional, a origem do projeto, assim como o conhecimento das Feiras e da própria história do edifício.

Fazendo uma breve apresentação da análise dos mesmos foi possível verificar alguns dados pertinentes. Ou seja, relativamente à amostra esta era constituída pelos/as participantes da 31^a feira Franca, que eram 32. No que se refere à dimensão do sexo, podemos perceber que existia uma grande predominância do sexo feminino (4 em 32 são do sexo masculino) e em relação às idades, verificou-se que estas variavam entre os 21 e os 63 anos de idade, sendo que a maioria se encontra na faixa etária dos 25 – 35, portanto jovens adultos/as, indo de encontro ao objetivo das feiras, que é divulgar o trabalho de jovens criadores/as.

Em relação à situação profissional, podemos observar que existia uma grande taxa de desemprego entre os/as participantes (cerca de 10 em 30). Também verificamos a existência de uma realidade em que as pessoas que se encontram a trabalhar têm projetos que “fogem” um pouco à sua área de emprego. Outra situação presente era a de estudantes e profissionais da arte de design que vêm nestas feiras a oportunidade de divulgar os seus trabalhos na sua área.

As dimensões que para mim se apresentam como mais significativas são o conhecimento pelas Feiras Francas, bem como o conhecimento ou não da história do Palácio das Artes. Posto isto, 24 dos/as participantes já tinham conhecimento das Feiras Francas, no entanto, a tomada de conhecimento oscila entre a situação de já ter sido participante, visitante, ou ter conhecido através de amigos/as e da internet.

Verificou-se através dos dados recolhidos que existia um número muito significativo de pessoas que não conheciam a história que o edifício viveu. As 8 pessoas que não responderam negativamente, também afirmaram ter apenas uma ideia vaga da mesma. Pelo facto de nos terem solicitado para contar a história, percebe-se que existia uma necessidade de dar a conhecer a mesma à população. No seguimento desta situação, a pertinência reforça-se pelo facto de existir um desconhecimento acerca da origem deste evento.

«(...) este desconhecimento de um passado, e de uma série de memórias, se apresenta como pertinente para o serviço educativo do Palácio tratar esta questão correspondendo à curiosidade de uma série de pessoas que se querem identificar cada vez mais, com um edifício imponente em pleno centro histórico da sua cidade»

(Nota de Terreno, 17 de Dezembro de 2012)

Por fim, surgiu como essencial proceder a uma pesquisa, neste caso online no site da Fundação da Juventude, acerca das atividades que haviam sido desenvolvidas, de quais as suas características. Neste ponto, o que ressaltava era o conjunto de vários *workshops* em diferentes áreas culturais. Aproveitando esta informação, deu para conhecer melhor a planificação de uma atividade deste género, de quais as áreas mais envolvidas, bem como de contatos focais de alguns profissionais.

Este conjunto de atividades diagnósticas permitiu desenvolver algumas competências relevantes para a minha formação enquanto profissional. O desenvolvimento da capacidade de comunicação, da capacidade de escuta e compreensão perante o outro foram algumas delas. Também o aprofundamento no que toca ao desenvolvimento de técnicas de recolha de dados, assim como a observação atenta me permitiram conhecer melhor o contexto de forma a idealizar e construir a intervenção de acordo com as necessidades do contexto.

1.2. Sessões dinâmicas de formação: A Arte, História e Juventude

Na conceção do ponto dois irei focar-me na idealização, conceção, divulgação e concretização de um conjunto de sessões a que denomino, de acordo com as suas características, de sessões dinâmicas de formação. No cerne destas sessões predomina uma visão de formação para e com os/as jovens, construindo momentos educativos de reflexão num contexto de educação não formal. Neste sentido, pretendia-se seguir a linha de uma educação permanente, ou seja, «(...) que aparece como um princípio reorganizador de todo o processo educativo, segundo orientações que permitiriam superar a dominância quase exclusiva de concepções práticas escolarizadas» (Canário, 1999: 88). Neste sentido, os momentos educativos não terminam no espaço escolar, mas proporcionam-se em inúmeros locais de carácter não formal, e que permitem uma livre aprendizagem tomando o sujeito como o centro da formação.

Especificando as linhas condutoras deste segundo ponto, da quarta parte, do relatório, parece-me pertinente explicar que a ideologia destes momentos de carácter formativo surgiu numa fase inicial do meu percurso na instituição. Assim, foi sugerido no âmbito do trabalho do serviço educativo, pensar e construir um documento que descreve-se algumas sessões, ou *workshops*, nas mais diversas áreas.

«(...) e apenas nesta manha de uma forma um pouco improvisada, mas pensada, realizamos um plano possível de áreas para workshops, e para além do que nos foi pedido tentamos definir um objetivo para cada workshop, assim como os seus destinatários»

(Nota de Terreno, 08 de Outubro de 2012)

Não esquecendo o propósito, de partir da história do PAFT, tentou-se idealizar um conjunto de atividades que poderiam possuir como elemento potenciador e atrativo para os/as jovens esta componente cultural. Pois, atividades centradas na questão cultural revelam-se centrais na formação de jovens. Ou seja, a pertinência da arte na formação de públicos como crianças, jovens e adultos «(...) está ligada à “função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização”» (Ferraz & Fusari, 1993 *cit in* Tibola, 2001). Todavia, contribuí para o desenvolvimento de

atividades em outras áreas que refletissem os propósitos do equipamento de vertente cultural.

Tendo em conta a dinâmica institucional, um plano para um *workshop* deveria demonstrar qual a sua pertinência, o seu objetivo, a que público se dirigia, e se possível contatos de formadores/as para a sua realização. Após alguma reflexão, e tendo em conta todo o trabalho de levantamento de atividades da instituição foram surgindo algumas ideias com potencial a ser desenvolvido.

No centro destas propostas, surgiram atividades em torno de temáticas como a fotografia; o teatro; a dança; o artesanato; a arquitetura; o cinema; a pintura; a música; o design e a mediação.

Focando a área da **fotografia** foi proposto um *workshop* que consistia num “Safari fotográfico pela cidade do Porto”, destinado a jovens a partir dos 14 anos de idade. O principal objetivo, das suas duas sessões, centrava-se em fornecer as ferramentas de cariz teórico na área da fotografia, no sentido de despertar o interesse dos jovens para a prática da mesma, assim como por em prática os saberes adquiridos numa primeira sessão através de uma descoberta fotográfica da cidade do Porto de hoje, contrapondo à cidade do Porto de outros tempos, bem como perceber quais são os espaços onde a juventude se concentra. Deste modo, pretendia-se transportar as questões do património cultural centradas na cidade, para uma dimensão educativa e de aproximação ao PAFT.

No que toca ainda a esta área de atividade, pensou-se numa outra componente ligada às questões de imagem e fotografia que diz respeito às técnicas de edição de imagem. Surge assim um novo *workshop* proposto denominado de “Software de Edição de Imagem” (Photoshop), destinado a jovens a partir dos 16 anos, cujo objetivo se prendia com aprofundar competências na área da fotografia na vertente da edição de imagem.

Percorrendo a descrição do plano de *workshops* sugeridos, era possível encontrar uma outra atividade, desta vez, na temática do **teatro**. Este *workshop* designava-se por “Expressão Dramática e Corporal”, e era destinado a jovens a partir dos 16 anos num total de duas sessões. Esta atividade, numa tentativa de dar a conhecer a história do Palácio, permitia a aproximação dos/as jovens a esta área artística e ao próprio espaço. Isto porque, o objetivo seria possibilitar a aprendizagem ao nível da representação com a finalidade de uma pequena apresentação de uma peça de teatro inspirada no século XIII, de modo a recriar a história do próprio edifício na época. Existia, neste caso em

particular, a possibilidade de realizar aprendizagem ao nível da representação com a finalidade de uma pequena apresentação de uma peça de teatro inspirada na juventude do século XX, anos 50, abordando os movimentos culturais e artísticos característicos da época.

Uma área de grande relevo artístico e que já havia sido alvo de atenção pela atividade do Palácio das Artes dizia respeito à temática da **dança**. Neste sentido, idealizou-se um outro *workshop*, que dedicava especial atenção à componente da memória cultural. Assim, o *workshop* “Dança através da História”, para jovens a partir dos 18 anos, iria permitir desenvolver a expressão corporal de uma forma descontraída, embarcando numa viagem ao passado pelo século XIX.

Abrangendo outras áreas de natureza artística e outros públicos, nomeadamente as crianças, procurou-se idealizar uma atividade em torno da área do **artesanato**. O *workshop* “Vem criar connosco” destinava-se a crianças dos 6 aos 10 anos e tentava proporcionar às crianças um momento de criatividade e liberdade de expressão através das peças decorativas que vão criando. Para além do descrito, destaco o *workshop* “Artesanato em Decoupage”, para jovens a partir dos 18 anos de idade, que proporcionava a aprendizagem de uma técnica específica e diferente de decoração aproveitando materiais e objetos, de forma a trazer as questões da reciclagem para a arte. No domínio destinado para um público mais jovem, no âmbito da temática do artesanato, propôs-se uma atividade dedicada à criação em pasta de papel. Assim, o *workshop* “Dar Vida ao Papel” para crianças dos 6 aos 10 anos, propiciava às crianças um momento de criatividade e liberdade de expressão através das peças decorativas que iam criando, em pasta de papel.

Voltando ao foco de olhar o passado para pensar e viver o presente (Telmo, 1989), concebeu-se numa nova ideia articulada com a área da **arquitetura**. Assim surgia o *workshop* “Uma viagem pela arquitetura”, direcionada para jovens a partir dos 16 anos, que tinha como finalidade realizar uma breve abordagem ao nível arquitetónico a partir do século XIII até à atualidade, correspondendo às várias funções que o edifício PAFT apresentou ao longo dos tempos. Não só uma viagem pela arquitetura iria permitir o (re)conhecimento do espaço do PAFT e do seu meio envolvente, mas também a realização das “Curtas no Largo de S. Domingos”. A atividade na área do **cinema** possibilitava, a jovens a partir dos 18 anos, a realização de uma curta-metragem no largo onde se encontra o Palácio que nos transportava para a sua história, assim

como para a evolução do conceito de juventude ao longo dos tempos com a participação da comunidade envolvente.

Uma outra área trabalhada foi a **pintura**, onde se procurava uma atividade dedicada a crianças dos 3 aos 5 anos de idade, tentando desenvolver o gosto e interesse pela pintura, tendo a oportunidade de decorar algumas telas que se encontrariam ao longo do edifício. Para além disto, importa salientar um outro *workshop* na mesma área mas mais dirigido a jovens a partir dos 17 anos, que seria a “Fábrica de Pop Art”. Viajando novamente no tempo, esta atividade permitia o contato dos/as jovens com este movimento artístico que deriva da década de 1950, de uma forma dinâmica e (in)formativa.

Para além do teatro, da fotografia, uma outra temática muito mencionada nos questionários realizados numa componente diagnóstica, foi a **música**. De facto num contexto de vertente cultural e artística não poderia ser esquecida esta área, focada em jovens músicos e/ou jovens a partir dos 16 anos. Assim pensou-se no *workshop* “Enfrentar o Público” - Técnicas de Comunicação e Apresentação ao Público, onde se poderiam adquirir competências de comunicação e performance essenciais para qualquer apresentação musical. Ainda na temática musical para jovens um pouco mais velhos, com idades superiores a 17 anos, a atividade “Mistura-te – Contato com Djs” proporcionaria o contato, especialmente dos/as jovens, com o mundo dos Djs, aprendendo as suas técnicas e divertindo-se.

Sendo o PAFT um local que contém nas suas instalações uma empresa de design (Menina Design) que agita o espaço com o seu trabalho diário, considerou-se que o **design**, sendo uma área do mundo das artes, deveria ser explorado. No seguimento deste pensamento idealiza-se o *workshop* “Design numa Era Digital” (Web Design), que aliava o design com as novas tecnologias. O objetivo focal da atividade, para jovens a partir dos 18 anos de idade, seria essencialmente divulgar e aprender uma forma de design importante numa época liderada pelas Novas Tecnologias. As últimas que surgem nos dias de hoje como centrais no mundo juvenil, pois estamos perante um impacto cultural das novas tecnologias, onde o marco da diferença se processa através desta revolução tecnológica. Assim a «(...) exposição aos media e às novas tecnologias deu aos jovens um poder de que outrora não desfrutavam» (Pais, M. 2005:63). Poder do contato com diferentes realidades, com variadas fontes de informação que ajudam a construir a diferença de cada jovem.

Por último, no plano de *workshops* propostos para a análise da supervisora local, a gestora de projetos do PAFT, encontrava-se uma outra atividade com características teóricas e práticas em torno da temática da **Mediação**. Sendo mais específica, o que se pretendia era uma abordagem inicial, de duas sessões, à mediação de conflitos em contexto escolar dedicada a jovens e adultos a partir dos 18 anos que possuíssem interesse na área, ou uma possível articulação com um contexto escolar. Com o *workshop* “Vamo-nos Entender - Negociação e Mediação de Conflitos” iria ser realizada uma sessão de carácter mais (in)formativo acerca da área da mediação seguindo-se de uma série de exercícios práticos que permitiriam aos formandos lidar melhor com os conflitos inter e intra pessoais. Sendo licenciada em Ciências da Educação, a par com a minha colega de trabalho no serviço educativo, iríamos ser responsáveis pela dinamização gratuita da sessão.

Sendo a escola um meio onde se encontram vários públicos, ou seja uma heterogeneidade em constante interatividade, é cada vez mais comum o conflito neste contexto educacional assumindo «(...) uma inegável pertinência e actualidade no contexto educativo português» (Pires, 2010: 36). Assim a mediação escolar surge como um modelo capaz de atenuar e resolver as situações conflituais existentes. Posto isto, esta temática parece-me deveras pertinente para apresentar uma proposta de trabalho a uma instituição como a Fundação da Juventude ao seu equipamento cultural, que se encontra ligada ao público jovem e que pretende claro o melhor desenvolvimento cívico para uma inserção mais facilitada no mundo do trabalho.

Foram, deste modo, apresentadas as ideias em torno destas atividades de carácter formativo. Através da construção deste plano de possíveis *workshops* foram desenvolvidas várias competências aliadas à realização de planos de formação, à comunicação e às questões da mediação entre diferentes entidades

Importa destacar a atividade presente na área de fotografia, de teatro, de arquitetura e de cinema, pois através do património intrínseco ao PAFT, pensou-se numa série de atividades com objetivos e dinâmicas diferenciadas, mas que partem da mesma dimensão atrativa. Isto é, todas estas sessões partem de uma tentativa de dar a conhecer a história do Palácio aproximando desta forma o público juvenil do local. Não poderia deixar de enfatizar também, a área da mediação de conflitos, numa instituição como a Fundação da Juventude que possui um Sistema de Aprendizagem, como dimensão central entre os/as jovens em contexto escolar. Isto porque, «nos últimos anos as situações de indisciplina e de conflitos entre alunos e mesmo entre alunos e

professores têm tido um claro aumento de frequência e gravidade nas escolas» (Pires, 2010: 122). Logo esta questão em meio educativo não poderia deixar de ser abordada através de uma atividade que envolvesse os/as jovens de forma ativa e (in)formativa.

1.2.1. Representando uma viagem ao passado

Dando a conhecer da forma mais explícita possível o plano de sessões (in)formativas, a primeira a ser impulsionada para concretização foi a que incidia na área do teatro. Logo que se tornou possível avançar com esta atividade, passou-se de imediato, em trabalho conjunto, para a pesquisa de contatos possíveis para formadores/as do mesmo. Esta pesquisa exigiu um trabalho profundo, uma vez que a experiência e o conhecimento em contatos na área artística não eram vastos. Este facto, possibilitou assim um momento de aprendizagem importante para o planeamento de um *workshop*. Assim, e após alguma pesquisa online e de vários contatos com o Teatro do Campo Alegre, obtivemos alguns contatos de diferentes profissionais na área. Estavam neste momento, criadas as primeiras condições para avançar com esta ideia de viajar no tempo. Tendo em mãos informações acerca de uma possível formadora, a mesma foi contactada sendo explicitada a proposta que consistia numa abordagem inicial ao nível da representação partindo da recriação de um momento histórico do edifício (Século XIII), onde este surgia como um convento de ordem dominicana. De forma a exteriorizar o resultado destas sessões, a atividade iria culminar num espetáculo final de apresentação pública e gratuita para deste modo chegar a toda a comunidade do largo de S. Domingos. O grande objetivo seria recolher e apresentar um conjunto de memórias culturais, de uma forma explícita, dinâmica e criativa de forma a captar a atenção da comunidade do largo.

Recebida a resposta da formadora foi com grande satisfação que obtivemos a apreciação positiva que esta transpareceu relativamente ao que havia sido proposto. Para além de partir da ideologia desta atividade, de estabelecer o contato com uma possível formadora, foi elaborado uma espécie de guião para uma reunião agendada após este contato. Este último que foi alvo de análise pela gestora do PAFT e que continha entre vários pontos a indicação do objetivo da atividade, de qual o seu propósito, de quais as datas possíveis, o tipo de público, e todas as condições da profissional. Aqui a pertinência deste momento dedicado ao teatro surge também devido a uma

potencialidade do PAFT, de ser possível a criação de um conjunto de visitas guiadas pelo edifício, das quais referir-me-ei mais à frente.

Na sessão de encontro informal, num primeiro momento, a supervisora realizou uma apresentação da instituição, sua e nossa enquanto membros integrantes da mesma tomando nós de seguida as rédeas do diálogo. Explicitado mais uma vez o objetivo da atividade, a formadora pareceu bastante entusiasmada em desenvolver a mesma. Assim chegamos a algumas decisões e ideias para a concretização deste *workshop* de teatro. Ou seja, pensou-se que as idades mais apropriadas para o desenvolvimento das sessões seria de jovens a partir dos 16 anos de idade e surgiram ainda outras ideias ao longo da conversa. Estas centraram-se por exemplo no envolvimento de algumas escolas ou até mesmos dos próprios elementos de equipa da instituição, envolvendo assim a comunidade local do espaço. Também se acordou que o mais sensato seria que estas sessões ocorrem num espaço de dois meses, para se tornar possível a preparação da pequena peça de teatro pública. Terminada a sessão, todas as condições da formadora foram posteriormente analisadas pela direção.

O momento que se seguiu demonstrou a necessidade de uma segunda reunião com a formadora, pelo que estabelecemos todos os contatos necessários, ficando responsáveis pelo comando do diálogo. No encontro ficaram acordados novos e últimos pormenores como: as datas, os honorários, o local, e algumas novas ideias que foram surgindo. Como por exemplo, a possibilidade de parceria com a escola Soares dos Reis para auxílio na construção de adereços, bem como com as Performances de Rua para animar a peça em termos audiovisuais, contribuindo assim para desenvolver esta competência de estabelecimento de parcerias. Para além disto, e visto que se avistava no dia 23 de Março a comemoração do dia dos Centros Históricos, considerou-se que seria um dia interessante para ser apresentada a peça final. Pois, este dia seria marcado por um conjunto de atividades que nos remetem para a preservação do património enquanto potenciador de releituras da realidade presente (Felgueiras, 2005).

Estando todos os pormenores acordados, foi essencial proceder à construção do cartaz de divulgação, e para uma renovação da ficha de inscrição que possuía duas opções de horário. Tendo em consideração todas as informações que deveriam estar presentes no cartaz, colocou-se a data de início, o número de sessões, o preço por participante, a nota biográfica da formadora e os contatos necessários para efetuar inscrição. Realizado o cartaz, que se encontra em apêndice, assim como a ficha de inscrição (Apêndice III), procedeu-se ao início da divulgação do evento. Mais uma vez,

a competência de divulgação de eventos, por vários contatos, permitiram obter um conhecimento mais vasto tanto em relação à temática em foco, assim como a novas entidades promotoras de eventos culturais e juvenis.

Tomou lugar, num momento posterior, o envio da informação de divulgação para todos os contatos da mailing list do PAFT, para a formadora, assim como foi solicitada a colocação de informação no site da Fundação da Juventude e também no Facebook do Palácio ao departamento de comunicação e imagem. Como consequência deste trabalho demoroso de divulgação foi recebido o convite da estação de televisão Porto Canal, para estar presente no programa Porto Alive. Este último, que promove e divulga eventos em todo o tipo de áreas na cidade do Porto. Como não existia a possibilidade de a equipa do serviço educativo estar presente (eu e a colega de estágio), foi a gestora do Palácio que marcou presença. Assim, foi possível ver, digamos, reconhecido o trabalho desenvolvido a um nível superior, pois o meio televisivo possibilita chegar a um público mais alargado e diversificado.

Embora tenhamos recebido um total de seis inscrições para a atividade, esta teve de ser cancelada pois não foi atingido o número mínimo de inscrições que seria de 10 participantes. Embora esta ideia tenha sido aceite com grande entusiasmo, nomeadamente com a intenção de um espetáculo final no dia dos Centros Históricos, não se reuniram infelizmente todas as condições necessárias para a sua concretização.

1.2.2. O olhar dos/as jovens perante o Património da Cidade

Pretendendo visualizar e chegar até à perceção dos/as jovens perante o Património presente no centro histórico da cidade do Porto, surgia um outro evento que girava em torno da área da fotografia. Destaca-se assim mais um momento onde se parte da história como elemento chave para a conquista de público jovem para a Fundação e para o seu equipamento cultural. Ou seja, este *workshop* tinha como principal objetivo transmitir aos/às participantes o conhecimento necessário para a boa captação de imagens fotográficas e o bom uso das câmaras fotográficas e dispositivos móveis, bem como aprofundar conhecimentos na área da fotografia digital ao longo de um percurso fotográfico pela zona histórica da cidade do Porto. Assim esta visualização e captação de imagens da cidade do Porto no presente potenciavam a reflexão a nível do património. Neste sentido, e através da captação de imagens do espaço envolvente, seria

possível descortinar um passado cultural inerente ao centro histórico e ao próprio edifício Douro. Uma vez que, «o espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo» (Frago e Escolano, 1998: 64).

Sendo transmitida a intenção para avançar com esta ideia por parte da direção, tivemos conhecimento de que já havia estabelecido contato laboral com a instituição uma formadora na área. Esta última que já tinha demonstrado a sua intencionalidade na concretização de uma atividade do género. Assim sendo, desenvolvendo as competências de comunicação e mediação entre o PAFT e possíveis formadores/as, para ser possível avançar com esta nova proposta, foi contactada a formadora em questão. No momento foi explicitado qual o objetivo do *workshop*, qual o público-alvo, pretendendo saber a sua opinião. Posto isto, obtivemos resposta, um pouco tardia por parte desta, demonstrando o seu interesse pela proposta indicando que seria necessário algumas horas para estabelecer a iniciação à fotografia, a própria concretização do safari pela cidade e outro tempo dedicado à seleção e projeção das fotografias dos/as participantes. Esta última, que depois de pensada e refletida, tendo em conta as dificuldades a nível monetário que a própria instituição e população atravessam, pensou-se que uma projeção das fotografias no PAFT poderia ser uma opção sensata. Após alguma ponderação e conversa entre a nossa supervisora e a direção da Fundação, obtivemos sinal verde para avançar.

Posteriormente, foi estabelecido novo contato ficando acordadas as condições necessárias propondo o público-alvo de jovens a partir de 15 anos, e também a obrigatoriedade de material como computador com programa de edição de imagem e claro máquina fotográfica digital.

Estando já com pouco tempo para a divulgação da atividade o pedido da construção do cartaz ao departamento de comunicação foi ainda feito com a intenção do evento ter início no mês de Março. Contudo, não foi muito fácil obter por parte deste departamento o cartaz divulgativo pelo que existiu a necessidade de o adiar.

Uma vez realizadas todas as alterações necessárias e recebido o cartaz para o *workshop*, procedemos também à elaboração da ficha de inscrição para o mesmo (Apêndice IV), onde se poderia escolher entre duas opções de horários.

Construídas todas as componentes de carácter divulgativo foi o momento de iniciar a divulgação por todos os contatos da base da mailing list da instituição, bem como nas redes sociais. Nestas, foi necessário mais uma vez proceder ao pedido ao

departamento de comunicação e marketing para colocação de informação no site, e colocado pela equipa do serviço educativo no Facebook.

Após um período considerável para um processo divulgativo, e tendo em mãos apenas três pessoas que haviam demonstrado interesse, chegamos de novo a um impasse. Isto porque, e estando próximo o dia do início do *workshop*, houve mais uma vez necessidade de anular a atividade, pois não tínhamos chegado a um número mínimo de 10 participantes, condição essencial para a concretização. Deste modo, e embora a ideia mais uma vez tivesse preenchido as intenções da instituição e da própria formadora, na realidade tornou-se necessário informar a profissional da área de fotografia em relação a este impasse.

Surge assim a ideia de abandonar esta temática e o plano do *workshop* sendo pensado que seria melhor avançar com esta atividade um pouco mais tarde. Refletiu-se que talvez a época das férias de Verão fosse a mais indicada, uma vez que a maioria dos/as jovens se encontra de férias, ou até mesmo tentar uma ponte de partilha e ligação entre escolas e turistas que preenchem muito o centro histórico da cidade do Porto.

Convém salientar que estas duas atividades, até agora alvo de descrição mais pormenorizado, possuíam um ponto de partida comum. Ou seja, como foi perceptível partiu-se das memórias culturais do PAFT para a criação de atividades marcadas pela inovação e criatividade, não esquecendo que o espaço enfatiza a dimensão artística. Neste sentido, e tendo em conta que as atividades contribuíram para a idealização de um serviço educativo, as mesmas aliavam deste modo a componente cultural com a dimensão formativa/educativa. Este facto revela-se preponderante pois, «(...) o trabalho dos serviços educativos deve reger-se por uma estratégia clara, que conjugue preocupações culturais e educativas (...)» (Araújo, 2012: 45). Aliando estas dimensões e preocupações os eventos propostos possibilitaram, tal como já fui dando conhecimento, o desenvolvimento de várias competências a nível profissional. Competências centradas na obtenção de conhecimentos a nível histórico, conhecimentos acerca da planificação de atividades como *workshops*, aprendizagem e aperfeiçoamento da capacidade de pesquisa e da componente de mediação. De facto a mediação, através da comunicação foi essencial para a concretização das atividades mencionadas, permitindo a partilha e criação de pontes entre a instituição e os/as formadoras em questão.

1.2.3. Aproximando a juventude ao PAFT

Neste momento irei referir-me à descrição de um conjunto de outras sessões de carácter dinâmico e formativo que tiveram como objetivo central a aproximação do público juvenil ao trabalho e missão do PAFT e da Fundação. Assim, e tendo enfatizado as duas sessões mais focadas nas questões culturais e da valorização do Património, apresentarei de seguida algumas atividades desenvolvidas nos mesmos parâmetros de ação contudo girando em torno de temáticas como: a empregabilidade; a arte; a ciência; a mediação.

1.2.3.1. Empregabilidade e Técnicas de Procura de Emprego

Na época inicial de estágio no Palácio das Artes, foi recebida uma proposta de análise de um conjunto de atividades que haviam sido entregues na instituição. Esta baseava-se num projeto de formação da empresa Energia Fundamental, que pretende contribuir para a formação e aperfeiçoamento de competências pessoais e profissionais dos indivíduos. Para tal, procedem à concretização de um conjunto de *workshops* de duração e custo reduzidos orientados por profissionais especializados. Neste sentido, este projeto encontra-se dividido em diferentes áreas, onde seria necessário debruçar acerca das mesmas e escolher a que fosse mais indicada, que correspondesse melhor aos objetivos do PAFT. As áreas eram as seguintes: pais que sabem mais; profissionais que sabem mais - saúde; profissionais que sabem mais - educação; profissionais que sabem mais - respostas sociais; condutores que sabem mais; alunos que sabem mais; avós que sabem mais. Assim sendo, e em conjunto com a parceira de trabalho de estágio, a opção mais adequada seria centrar a ação na área dos alunos que sabem mais, uma vez que era pretendido incidir em atividades que envolvessem os/as jovens.

Estando presente a ideia de que seria nesta área que iríamos explorar esta proposta, passamos para a análise de todos os *workshops* que tínhamos à disposição. De todas as temáticas que poderiam ser abordadas consideramos que seria interessante ou desenvolver a questão da gestão do tempo, envolvendo assim a temática das memórias, da história, ou por outro lado a via das técnicas de procura de emprego um tema

bastante pertinente e atual. Assim, foram apresentadas as escolhas e após serem refletidas e analisadas, decidimos avançar com o tema da empregabilidade.

A temática da empregabilidade, nos dias de hoje, aliada às juventudes não poderia ser mais atual e relevante de abordar. Pois, a questão da inserção profissional apresenta-se como «(...) um dos principais problemas com que se debate a juventude contemporânea, se não mesmo o principal (...)» (Alves, 2008: 75). Vivemos tempos de uma forte crise económica que engloba os/as jovens num universo onde a transição para a vida adulta se arrasta no tempo aliada à problemática da inserção no mercado de trabalho. Assim, «(...) muitos jovens estão fartos de o ser, encurralados nas ditas transições»²⁰. Tentando intervir nesta problemática, consideramos que a instituição poderia desenvolver uma atividade que permitisse, por um lado aproximar a juventude ao contexto e por outro focar a questão da empregabilidade de forma a auxiliar o público-jovem na sua entrada no mundo profissional.

Desenvolvendo uma mediação entre a instituição e uma outra entidade, entrei em contato, com a profissional responsável pelo projeto e pelos *workshops*, demonstrando o interesse em desenvolver esta atividade, questionando a disponibilidade do departamento.

Estabelecendo este primeiro contacto, chegamos a uma resposta bastante recetiva pelo que avançamos com a atividade. Assim sendo, foram solicitadas à profissional responsável, informações acerca do evento, bem como uma nota biográfica da formadora para proceder à construção do cartaz de divulgação. Integrada nas dinâmicas institucionais, foi fundamental realizar contatos com a Fundação para confirmar a reserva de uma sala na mesma para o desenvolvimento do *workshop*, visto que as instalações do PAFT se encontravam ocupadas com uma exposição.

O momento que advém deste contato é pautado pela receção de todas as informações necessárias era o momento de proceder ao pedido, à responsável pelo departamento de comunicação, da construção do cartaz divulgativo. Neste poderíamos encontrar os objetivos da atividade que se prendiam com a promoção da reflexão e do debate sobre a empregabilidade entre os jovens tentando dar a conhecer técnicas de procura de emprego eficazes e atuais, bem como desenvolver competências pessoais necessárias à procura de emprego. Para além dos objetivos era perceptível a data e local da realização do evento, bem como o custo e o número limite de participantes.

²⁰ Teixeira Lopes, João (2011) disponível online em:
<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/1856/geracao-bloqueada>

Existiu normalmente, como é perceptível, alguma dificuldade em obter os cartazes, pois o departamento encontrava-se com muito trabalho em mãos sendo complexo corresponder a todos os pedidos rapidamente. Todavia, assim que recebido foi de imediato enviado juntamente com a ficha de inscrição (Apêndice V) para todos os contatos da base de dados patentes, e os que resultaram da pesquisa pela equipa do serviço educativo. Foi divulgado também no site da instituição, bem como para a própria formadora e redes sociais.

Infelizmente não foi possível com esta divulgação inscrições suficientes para realizar o *workshop*. Deste modo, e com o consenso de todas as partes envolvidas adiamos o mesmo e informamos todos/as os/as responsáveis envolvidos/as, iniciando-se uma nova divulgação e pesquisa de contatos.

Apesar de todo o novo esforço em torno desta atividade com uma temática tão forte atualmente, onde vivemos índices de desemprego juvenil bastante elevados, apenas conseguimos reunir um total de cinco inscrições. Não obtendo assim o número mínimo houve necessidade de desmarcar tudo com os/as participantes inscritos/as explicando a situação à profissional da empresa Energia Fundamental. A situação de não conseguir alcançar o número mínimo de inscrições poderá dever-se ao custo por participante aliado à atividade. Ou seja, tal como foca a pertinência da temática os/as jovens neste momento não se encontram, na sua maioria, numa situação económica fácil, o que poderá influenciar o sucedido. Contudo, e estando de acordo com a instituição esta atividade formativa seria um auxílio para as juventudes em relação à questão da empregabilidade. Uma vez que esta geração encontra-se bloqueada (Lopes, 2011), tendo apenas «(...) duas opções: ou resigna-se ou indigna-se. Mas indignando-se é obrigada a reinventar-se»²¹. Deste modo, ficou em aberto uma outra possibilidade para mais tarde iniciar uma nova tentativa de realização deste evento.

1.2.3.2. Oficina de Escultura: Reciclarte & Style

No decorrer da ação de intervenção e através de uma conversa com a gestora do Palácio das Artes, surge uma proposta interessante de uma oficina desenvolvida por um artista plástico. Esta tinha como objetivo central iniciar a arte da escultura em cartão tendo como base o princípio da reciclagem.

²¹ Teixeira Lopes, João (2011) disponível online em:
<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/1856/geracao-bloqueada>

A partir deste momento era necessário proceder à organização e planificação de uma reunião com o formador de forma a obter informações mais claras acerca do mesmo. Posto isto, procedeu-se, à realização da conversa com o artista plástico para o esclarecimento de algumas questões. No cerne destas encontrava-se o grande objetivo da atividade, o público a que se destinaria a mesma, assim como a questão dos honorários e limites de participantes. Ou seja, pretendia-se que a reunião com o formador clarifica-se os objetivos de modo a estarem enquadrados nos objetivos do Palácio das Artes. Pois, a contextualização do formador naquilo que são os objetivos é uma questão fundamental na realização de formações com sentido e enquadradas.

No final da sessão ficou claro que a oficina de escultura denominada “Reciclarte & Style” iria iniciar a arte de escultura em cartão existindo uma estreita relação entre o conhecimento e a aprendizagem dos processos plásticos. Na ideia original do artista esta seria direcionada a todo o tipo de público de todas as faixas etárias, expandindo o leque de participantes que poderiam chegar ao espaço do PAFT. Posteriormente a alguns contatos entre nós, enquanto instituição, e o formador, a oficina ficou destinada a jovens dos 13 aos 20 anos, existindo a necessidade de os participantes trazerem consigo algumas caixas de cartão que já não utilizassem.

Acordadas entre ambas as partes as condições necessárias à realização da oficina foi o momento do pedido da realização do cartaz ao departamento indicado a esta função. Contendo toda a informação necessária, ou seja cartaz e ficha de inscrição (Apêndice VI), iniciou-se o processo de divulgação entre os diferentes contatos da base do PAFT, também com a possibilidade de visualidade no jornal “As artes entre as letras” e na estação de televisão Porto Canal com a presença da minha colega do serviço educativo.

Não sendo possível alcançar um número razoável e adequado para a realização da oficina esta teve também de ser adiada. Deste modo, e embora tendo sido realizada uma divulgação em todos os meios possíveis, não conseguimos mais uma vez alcançar o número mínimo de 10 participantes. Considerando esta situação a mesma foi explicada ao artista plástico entendendo que não seria possível avançar agradecendo todo o trabalho desenvolvido.

Não querendo ser repetitiva, a questão económica poderá ter um peso razoável na participação ou não numa atividade artística deste género. Contudo, esta atividade que permitiu para além da obtenção de competências a nível comunicacional, técnico e organizacional de eventos, a aprendizagem de algumas questões aliadas às artes

plásticas. A par com a componente artística, se desenvolvia a concetualização do serviço educativo, uma vez não é possível conhecer um país sem conhecer a sua arte (Barbosa, (s/d)). Logo este serviço deverá articular a vertente artística e cultural com momentos educativos e formativos, que aproximam a população jovem do PAFT, tal como a oficina descrita.

1.2.3.3. Gestão da Carreira Criativa

Focando na grande temática das artes, e estando a trabalhar num local que enfatiza e explora as potencialidades de jovens criadores/as, pareceu-me deveras apropriado tentar desenvolver uma atividade em torno desta dimensão. De facto, o que sucedeu foi uma proposta de uma profissional que tinha a intenção em desenvolver um *workshop* em torno do tema “Gestão da Carreira Criativa”. Assim e relacionando a juventude com a empregabilidade, no sentido em que aborda estas duas vertentes nomeadamente em contexto artístico, foi de imediato uma ideia a desenvolver. A formadora responsável após enviar para o Palácio todas as informações acerca deste evento, foi o momento de proceder á mediação através da comunicação entre a direção da Fundação e a própria formadora.

Seguindo o mesmo modelo de ação que fui explicitando anteriormente, e posteriormente a alguns momentos de negociação e partilha, chegamos ao acordo de todas as condições para saltar para a concretização do *workshop* proposto. De forma a se tornar mais explicito este *workshop* tinha como principal objetivo aprender a gerir a carreira artística, ficando munido de ferramentas para conseguir desenvolver e concretizar as ideias de cada um. Seriam então abordadas e trabalhadas questões-chave desde planeamento, apresentação, marketing, auto-promoção, financiamento e aspetos legais. Esta atividade destinava-se a jovens estudantes na área das artes, criativos/as ativos/as que queriam promover e gerir a sua carreira e a artistas plásticos, designers, ilustradores/as, fotógrafos/as, freelancers, atores/atrizes, músicos, dançarinos/as, escritores/as, etc.

Possuindo o cartaz e a respetiva ficha de inscrição (Apêndice VII) em mãos, passamos para o grande processo de divulgação do evento. Partindo pelas vias habituais, ou seja, pela base de contatos, pelas redes sociais e site da Fundação da Juventude. Mais tarde, considerou-se que seria interessante aproveitar para dar a

conhecer o evento aos elementos presentes nas residências artísticas, pois são na sua maioria jovens que trabalham em torno da produção das suas próprias criações.

Chegamos a alcançar cerca de 12 inscrições, e tendo presente que iria ocorrer esta atividade, recebemos no PAFT todos os materiais que seriam necessários para os/as participantes e alguns pedidos por parte da formadora. Isto é, depois de ser questionada acerca de que materiais iria necessitar esta solicitou a presença de um computador e projetor, assim como a disposição em *U* relativamente à posição das mesas. Esta disposição, que de acordo com a minha formação em torno das questões educativas, me pareceu deveras relevante no sentido de todos/as os/as participantes poderem comunicar de forma visível e mais próxima, permitindo um outro nível de diálogo entre o grupo.

Chegou um feedback positivo, no que toca à realização deste evento, sendo informada que marcaram presença 9 participantes que levaram consigo o certificado de presença, pois alguns desistiram. Possuindo todas as informações dos/as participantes, de imediato foi enviado um documento (Apêndice VIII) que nos remete para a avaliação desta sessão pedindo o seu preenchimento o mais breve possível.

Após todos estes procedimentos chega o momento de refletir de que forma esta atividade contribuiu para o propósito da intervenção. De facto, esta tentativa de articular a veia artística com um momento formativo, que englobasse a problemática da inserção no mercado de trabalho, ou de uma gestão positiva de carreira não poderia ser mais apropriada. Um serviço de natureza educativa deve potenciar estes momentos de análise e reflexão, neste caso dirigidas ao público jovem, tendo em conta áreas de interesse para os mesmos.

Esta ideia de gerir a sua própria carreira profissional remete-nos para a ideologia do empreendedorismo jovem, do qual tanto se fala neste tempo de crise. Neste sentido, existe uma necessidade de complementar a função das instituições de educação formal, com a formação ao nível das capacidades empreendedoras. Logo, o «(...) papel da educação não formal e voltada ao trabalho faz-se necessário [no] contexto de interesse da sociedade pelo empreendedorismo» (Lima-Filho, Sproesse e Martins, 2009: 251). Desta forma, através deste *workshop* o público jovem poderia desenvolver e adquirir novas competências nesta dimensão tão relevante e que muito depende das instituições de carácter educativo não formal.

1.2.3.4. Comande o seu Cérebro²²

Incidindo numa outra área não tão relacionada com as questões da empregabilidade e carreira profissional, foram propostos no PAFT um ciclo de *workshops* acerca de desenvolvimento pessoal e profissional. Entre várias temáticas aquela que mais chamou a atenção da gestora do Palácio, e que consequentemente nos solicitou que desenvolvêssemos, foi o *workshop* “Comande o seu Cérebro”. Contatamos a formadora do mesmo, questionando a sua disponibilidade e interesse em desenvolver proximamente a atividade. De uma forma bastante breve foi recebida a sua resposta contemplando a sua inteira disponibilidade para a concretização do mesmo. Neste sentido, e contendo já em nossa posse alguma informação acerca da atividade e da biografia da formadora procedeu-se ao pedido habitual da construção do cartaz divulgativo. Este documento contemplava, a data, o local e custo da formação, assim como o objetivo do *workshop*. Este que proporcionava a oportunidade de ver como a programação neurolinguística (PNL) consegue modificar comportamentos de uma forma rápida e eficaz: perder um medo ou uma fobia, ter acesso a emoções positivas em qualquer momento (calma, confiança, etc.), desenvolver crenças potenciadoras, estimular a imaginação e criatividade e livrar-se de compulsões.

Após iniciar a divulgação nos meios habituais já designados, obtivemos vários comentários à iniciativa assim como a proposta de uma sessão a um Sábado. Visto os vários pedidos que foram chegando ao PAFT, consideramos interessante possibilitar esta dupla opção de horário solicitando a opinião da formadora acerca desta questão. Assim obtínhamos a perceção que a atividade, os seus propósitos estavam a chegar ao público, especificamente aos/às jovens. Estando todas as condições acordadas procedeu-se às alterações na ficha de inscrição e cartaz de divulgação (Apêndice IX), assim como a uma nova divulgação. Neste caminho divulgativo tive a oportunidade de participar no programa Porto Alive do Porto Canal, juntamente com a formadora explicitando melhor a atividade e convidando a todos/as os/as expectadores/as a participarem no *workshop*.

Recebemos um total de 39 inscrições entre os dois dias disponíveis para o *workshop*, ocorrendo assim duas sessões do mesmo. Na sua primeira sessão tive a possibilidade de estar presente nas instalações da Fundação da Juventude, auxiliando a formadora em tudo o que necessitava e assistindo ao *workshop* fazendo assim uma

²² O título do *workshop* foi da responsabilidade da formadora do mesmo.

avaliação da sessão pelo que observava. Claro está que houve necessidade de ouvir os participantes e nesta linha de pensamento foram também distribuídas no final da sessão uma ficha avaliativa da atividade (Apêndice XX). Embora não podendo estar presente obtive um feedback positivo da segunda sessão sendo da mesma forma distribuídas as fichas da referida avaliação da sessão.

Percebendo o interesse dos/as participantes numa continuação da primeira sessão do *workshop*, no sentido de aprofundar algumas questões no cerne desta temática, consideramos em conjunto que seria importante possibilitar esta prolongação. Acordada esta nova sessão procedeu-se a uma divulgação via email para os/as participantes das primeiras edições, desta segunda parte do *workshop* “Comande o seu Cérebro” com igual custo por participante. Para esta segunda parte inscreveram-se um total de 8 pessoas, contudo, e devido a alguns problemas por parte da organização da atividade no dia da realização alguns destes/as participantes não chegaram a marcar presença na iniciativa. Embora, e enfrentando estes pequenos obstáculos enviamos a avaliação para os participantes que marcaram presença.

De forma a possibilitar que outros/as participantes pudessem frequentar esta atividade, uma vez que existia um limite máximo de 20 participantes, consideramos que deveríamos realizar uma terceira edição. Passando mais uma vez por todas as etapas de contatos com a formadora, a divulgação de terceira edição, organização de espaço para a ação, realizou-se esta nova edição.

Uma vez mais, este *workshop* contou com uma grande adesão tendo novamente originado vários telefonemas de explicitação da atividade e um total de 18 inscrições. Ouvindo mais uma vez a opinião de todos/as enviamos solicitamos com a maior brevidade possível o preenchimento do documento avaliativo.

Como foi visível através das várias edições da atividade, a possibilidade de “comandar o cérebro” originou uma grande curiosidade por parte de todo o tipo de público, contudo maioritariamente jovem. Talvez a curiosidade pelo desconhecido e a necessidade de obter um controlo da nossa própria mente tenha originado esta procura de participação. Devido à preparação de todas estas edições, estas contribuíram de forma preponderante para a minha capacidade de preparação, desenvolvimento e divulgação de *workshops*. Para além disto, possibilitou o contato mais próximo com o público, estando presente numa das sessões, onde pude observar a sua participação na atividade. Assim, o *workshop* “Comande o seu Cérebro” remete para o trabalho do serviço educativo, visto que este tal como a atividade se rege «(...) por princípios da

animação sociocultural, que [abrem] portas à participação individual e social (...)» (Araújo, 2012: 45).

1.2.3.5. Gestão de Conflitos em Contexto Escolar

Estando presente a ideia central de aproximar cada vez mais jovens ao contexto do PAFT e da Fundação, uma outra atividade alvo de interesse, por parte da equipa da instituição, referiu-se ao *workshop* idealizado acerca do tema de mediação, mais especificamente em contexto escolar. Esta ideia surge no sentido em que o debate e a explicitação deste processo não deveria ser uma novidade neste tipo de contexto, necessitando ser mais explorado para se afirmar nesta realidade. Para além disto, o *workshop* em torno da Mediação de Conflitos para jovens surgia como fonte de informação e transmissão deste conhecimento que poderia levar à afirmação dos alunos enquanto agentes de mediação. Pois, o trabalho na implementação da mediação escolar deve passar «(...) necessariamente pela organização de uma equipa multidisciplinar de mediadores, devidamente capacitados em mediação de conflitos, com formação nas áreas de psicologia, sociologia, serviço social, pedagogia, entre outras, de modo a desenvolver um conjunto de acções que permitam a concretização dos objectivos do Projecto» (Morgado e Oliveira, 2009: 51).

Numa ideia inicial, tal como já apresentei anteriormente, o objetivo seria a realização de uma sessão com características de um *workshop*. Ou seja, o plano apresentado em meados de Março assentava num *workshop* denominado de “Vamo-nos entender! Workshop de Mediação de Conflitos em Contexto Escolar” destinado a jovens a partir dos 15 anos de idade. Este *workshop* tinha um custo reduzido uma vez que as formadoras seríamos eu e a minha colega do serviço educativo, ambas licenciadas em Ciências da Educação, onde não nos seria pago nenhum valor monetário. Esta sessão tinha como objetivo central realizar uma abordagem teórico-prática do conceito de mediação e sua aplicação prática no contexto escolar. Ou seja, pretendia capacitar os/as jovens de forma a resolverem os seus conflitos através do diálogo, da comunicação e do respeito pelos interesses de ambas as partes. Deste modo, e utilizando como estratégia a simulação de algumas situações onde a mediação se revela como uma possibilidade de método de resolução de conflitos, pretendíamos possibilitar aos/às participantes uma postura ativa enquanto mediadores/as. Alguns dos conteúdos chave a aprofundar seria o conceito de conflito, negociação, mediação e focando a mediação

escolar. Neste plano apresentamos também uma série de exercícios de simulação que permitiriam, para além de entender melhor todo o processo, tomar a postura de um/a mediador/a.

Estando alvo de análise este plano, e consequente cartaz e ficha de inscrição (Apêndice XI) elaborada para a divulgação desta atividade, a presidente da Fundação, considerou a iniciativa bastante interesse. Contudo, sugeriu a ideia de esta abordagem, à questão de mediação de conflitos, fosse concretizada junto dos/as alunos/as do Sistema de Aprendizagem da Fundação. Isto porque, e tal como nos foi explicitado este grupo seria caracterizado por representar um conjunto de alunos/as com alguns índices problemáticos, que necessitariam de alguma formação neste campo. Assim sendo, decidimos aceitar o desafio esperando novas indicações uma vez que poderia existir a necessidade de alterar a planificação da ação.

Enfrentando alguns contratempos, apenas possuímos a informação da realização da atividade dois dias antes do dia de concretização. Para além disto, obtivemos a indicação de que seria uma sessão que se aproximava de uma conferência uma vez que estariam presentes cerca de 70 alunos/as. Tendo estas condições disponíveis e fazendo algumas alterações ao plano da sessão, não poderíamos recorrer a muitas atividades práticas, uma vez que a conferência seria realizada no auditório da Fundação.

A sessão ocorreu com a presença de cerca de 70 alunos/as do Sistema de Aprendizagem entre os 15 e os 23 anos de idade, estando também presentes um/a formador/a por turma. Apesar de as condições do espaço não permitirem uma grande interação com os/as jovens fomos tentando ao longo de uma primeira abordagem de carácter mais teórico perceber as suas ideias acerca da temática com o auxílio de um powerpoint construído para a sessão (Apêndice XII).

No seguimento deste primeiro momento, que teve uma duração de cerca de uma hora, procedemos ao preenchimento de uma ficha de avaliação (Apêndice XIII) da sessão, onde tentamos perceber as ideias dos/as alunos/as acerca da temática bem como no que se refere ao desenvolvimento da iniciativa, o que antecedeu uma pequena pausa.

De regresso do momento de intervalo, passamos para a componente mais prática apresentando cerca de duas simulações, baseadas em exercícios pesquisados no “Basic Mediation Training: TRAINERS’ MANUAL (2002)” de Carol Orme-Johnson e Mark Cason-Snow, onde tivemos a oportunidade de contar com o auxílio de quatro voluntários. Dois destes alunos disponibilizaram-se a assumir dois papeis de conflito, enquanto que a plateia exercia o papel de mediadores/as.

Colocada e simulada a situação, tivemos uma grande participação dos/s jovens que participaram de forma ativa enquanto mediadores/as. Ao longo do exercício fui intervindo fazendo pequenos resumos das opiniões que iam sendo dadas até encontramos uma solução aceite por ambas as partes.

Num segundo momento, e partindo da participação de duas formadoras do Sistema de Aprendizagem, realizamos mais uma simulação que partia de um conflito entre uma aluna e a sua professora. Mais uma vez com grande entusiasmo os estudantes participaram na simulação mostrando-se empenhados e permitindo a perceção de que esta componente prática contribuiu muito para a aprendizagem deste público perante a temática da mediação de conflitos no contexto escolar.

Tendo presente a realização deste *workshop* em redor desta temática, o objetivo seria contribuir para potenciar nas crianças, jovens e educadores a construção de uma cidadania ativa e participativa (Freire, 2010).

A consequência de uma realidade escolar com a concretização da idealização de um espaço como um gabinete de apoio ao aluno onde se abordará este processo de mediação de conflitos, poderia ser um objetivo à posteriori desta sessão (in) formativa. Em consequência disto mesmo, esta «(...) criação de instâncias na escola que se especializem na intervenção em situações de conflito pode em muito contribuir para uma significativa melhoria das relações no espaço escolar» (Pires, 2010: 122). Deste modo, a introdução de uma acção de mediação de conflitos poderá levar a que esta situação em que vivemos de um mundo escolar marcado pela violência e divergência não se enfatize mais.

1.3. Voltando o PAFT para a comunidade

1.3.1. Projeto circuito de visitas e memórias

Uma das potencialidades que surgiu como um possível caminho para a organização e realização da ação do serviço educativo, foi o projeto dos circuitos de visitas e memórias.

Importa destacar, que este projeto foi analisado e entregue à instituição no trabalho inicial de estágio, todavia e devido a várias alterações

solicitadas este foi alvo de várias correções. Assim sendo, irei apresentar a primeira versão deste projeto passando posteriormente para a fase final do mesmo.

De forma inicial o projeto dos circuitos de visitas pretendia dinamizar o espaço do Palácio, através da ideia de uma ação que interligava o trabalho do PAFT, o público juvenil e a história do espaço. Esta ação iria partir de num conjunto de circuitos reais, simbólicos, virtuais, externos e imaginários. Ou seja, reportando-me aos primeiros circuitos, os reais, era sugerido organizar no espaço físico uma série de caminhos que elucidavam através de atividades mais específicas, que levam o público a conhecer o Palácio das Artes ao longo do tempo tendo em consideração os três principais momentos históricos que o marcam: Convento de S. Domingos; Banco de Lisboa; Companhia de Seguros Douro; Palácio das artes – Fábrica de Talentos (PAFT).

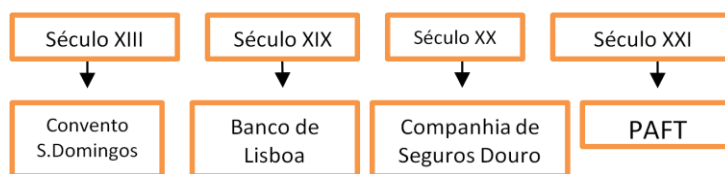


Ilustração 2 - Linha do Tempo Palácio das Artes - Fábrica de Talentos

Na entrada principal do edifício, mais concretamente na escadaria do piso nobre as pessoas optariam por um de 3 circuitos disponíveis.

Um dos caminhos iria refletir a vida quotidiana do século XIII na Cidade do Porto, mais concretamente no largo de S. Domingos. Deste modo, os/as visitantes iam descobrindo a vida medieval através de exposições informativas sobre a história, e possíveis peças de teatro interativas com prováveis parcerias com os artistas presentes no PAFT.

Seguindo um outro trajeto possível, caminharíamos num espaço interativo e de descoberta no que toca à realidade do Banco de Lisboa (à época). Posto isto, previa-se uma espécie de “caça ao tesouro” onde os/as visitantes entravam pela caixa forte e tinham de passar por “lasers” sem lhes tocar para chegarem ao outro lado, onde iriam ser encaminhados/as para vários “postos” com pequenos desafios para resolverem (contas, puzzles matemáticos, atividades relacionadas com dinheiro). Encontrar-se-iam afixadas no cofre algumas informações e curiosidades relativas à época em questão.

Aquando do término dos desafios colocados iriam ser encaminhados para outro local onde seriam premiados/as pelos seus conhecimentos no que toca a esta época.

Por fim, estes circuitos de carácter mais físico contavam ainda com o percurso dedicado à Companhia de Seguros Douro, onde se iria trabalhar a questão do risco, através de jogos onde os/as visitantes se confrontavam com dilemas, e perante estes tinham de optar por um caminho. Assim, ao fazerem as suas opções progrediam numa história contando com as questões de cálculo e probabilidade de risco.

Importa ainda referir, que ao longo de todas as salas onde iriam ocorrer os circuitos reais, era possível visualizar curiosidades através de fotografias, elementos informativos acerca da história do edifício.

Relativamente aos circuitos simbólicos, estes consistiam em atividades que pudessem constar dos circuitos reais, integrando-os. Assim, tínhamos como exemplo uma articulação com a Universidade do Porto no sentido de convidar várias faculdades a promover as suas próprias atividades integradas nos circuitos reais.

Pensando nos circuitos virtuais, que dizem respeito a uma tradução dos circuitos reais para uma plataforma online, cujo objetivo seria permitir que fosse possível percorrê-los através da internet e assim tomar conhecimento da história do local.

No que toca aos caminhos externos, estes tinham o objetivo de levar os/as visitantes a conhecer um pouco mais da cidade do Porto, levando-os/as a conhecer alguns pontos relacionados com cada uma das épocas que o edifício viveu.

Finalmente considerava-se pertinente organizar circuitos imaginários, em que iriam ser realizadas tertúlias sobre temáticas ligadas às diferentes épocas do edifício.

Uma outra ação prevista dizia respeito à divulgação do Palácio das Artes, neste sentido, e porque as novas tecnologias conseguem veicular e difundir informação de uma forma global, ao qual os/as jovens tem um acesso frequente, a internet apontava ser uma ferramenta fundamental para concretizar esta ação. Também seria importante divulgar a atividade junto dos postos de turismo, das lojas e cafés situados no largo de S. Domingos através de panfletos, cartazes, *flyers*.

Apresentada a proposta anteriormente explicitada, a mesma foi alvo de análise e reflexão pela gestora do PAFT e pela direção da Fundação da Juventude. Embora este momento de análise se ter estendido demasiado no tempo, foram recebidas algumas alterações e sugestões a este primeiro plano. Assim, foi pensada uma outra dinâmica de visitas que se centrava no objetivo de dar a conhecer a história do edifício recorrendo a imagens e textos, mas onde existiam dois tipos de percursos. Ou seja, uma das visitas seria gratuita e sem marcação, contudo pontualmente poderiam ocorrer visitas temáticas onde, além do que constitui a visita simples, também estariam presentes atividades

relacionadas com a temática a explorar. Neste sentido, as visitas temáticas dividiam-se em dois percursos um mais dedicado a crianças que se centraria na evolução do jogo e ocupação dos tempos livres ao longo do tempo e um outro para jovens, que trataria das questões da transição para a vida adulta, nomeadamente nas vertentes da intimidade e do emprego. Importa destacar que estes percursos dedicados a públicos específicos estariam sempre ligados com os momentos históricos que o Palácio viveu.

Especificando o trajeto das visitas gerais estas partiriam da escadaria do edifício onde seria possível encontrar algumas perguntas-chave de forma a atrair visitantes, assim como cartazes alusivos ao circuito (Apêndice XIV) e às épocas históricas que marcam o local. Seria entregue também um quizz com questões acerca do circuito onde os/as visitantes iriam encontrar as respostas ao longo da visita. Numa sala focada na época do convento de S. Domingos seriam expostas roupas da época, por exemplo, informações históricas e atuais ao longo de todos os outros espaços.

Relativamente às visitas temáticas estas teriam folhetos divulgativos específicos (Apêndice XV) Para crianças, existiriam folhetos específicos para divulgação das visitas, consequentemente alguns jogos que retratam a evolução do jogo e lazer intercalados com as diferentes etapas do edifício. Importa salientar que seria também entregue um quizz com questões que iriam sendo preenchidas ao longo da visita e que se encontra em apêndice (XVI) para consulta, terminando com uma classificação e consequente premiação.

Um pouco nos mesmos parâmetros destinava-se uma visita para o público-jovem que teria um folheto divulgativo específico, e que se baseava num conjunto atividades desenvolvidas ao longo da visita ao edifício, e que se centravam nas questões das transições juvenis e intimidade ao longo do tempo. Da mesma forma o quizz faria parte do trajeto (XVI), contudo apropriando as questões à faixa etária relativamente ao direcionado às crianças.

Para se tornar a planificação e o entendimento da ação mais perceptível foi construído um documento com todas as etapas descritas que poderá ser consultado em apêndice (XVII), onde são explicitadas as várias atividades presentes em cada sala do edifício Douro.

De forma a tornar-se concretizável, seria central para o projeto pesquisar algumas empresas que pudessem disponibilizar meios ou materiais para as visitas, ou até mesmo apoio de foro financeiro. Posto isto, foram pesquisadas várias possíveis entidades parceiras como por exemplo: a Modatex; os Arquivos da RTP; o Instituto

Multimédia; a empresa lego; Cinemateca Portuguesa e a loja A Vida Portuguesa (Loja de Jogos Tradicionais). Assim efetuada a pesquisa foi necessário construir uma carta modelo a explicitar o objetivo e pedido da parceria que foi analisada pela direção da Fundação (Apêndice XVIII).

Embora tenham sido realizadas todas as alterações convenientes e todos os processos necessários para concretizar estas atividades, as mesmas não vieram a ocorrer. Isto porque, uma atividade desta dimensão necessitaria de mais tempo de permanência na instituição para ser levada a cabo. Todavia, esta proposta fica na posse da Fundação da Juventude como uma possibilidade para o impulsionamento da ação do serviço educativo do PAFT. Pois, estas visitas guiadas possibilitariam o (re)viver o contexto através da articulação entre a história e as transições das juventudes, de forma a aproximar os/as jovens do trabalho desenvolvido pelo PAFT. A planificação destas visitas como foi descrito envolveu um trabalho de pesquisa e idealização, que deveria ser marcada pela criatividade e inovação. Desenvolvi ao longo da conceção desta ação competências aliadas à comunicação, formação, divulgação e mediação. Esta última, que permitiu uma aprendizagem ao nível da constituição de parcerias necessárias para a concretização da atividade.

1.3.2. Dar a conhecer o Palácio das Artes: acompanhar diversos públicos

Através de uma proposta da direção da Fundação da Juventude, a equipa do serviço educativo foi sugerida a acompanhar um grupo de visitantes que pretendiam conhecer os monumentos dos centros históricos de várias cidades. Assim sendo, foi proposto realizar uma explicitação acerca da história do edifício e dando a conhecer a sua missão nos dias de hoje.

«Assim que ouvi esta proposta fiquei logo muito interessada na mesma, uma vez que vai de encontro aos meus objetivos aqui no Palácio das Artes, que se centra principalmente em aproximar a população, mais concretamente os/as jovens, do mesmo dando a conhecer a sua história, de uma forma informal e educativa, que se envolve num Património nacional»

(Nota de Terreno, 21 de Dezembro de 2012)

Constituindo um momento de formação, foi organizada a informação histórica de forma a dar a conhecer a mesma aos/às diferentes visitantes, contudo e devido às difíceis condições meteorológicas que se faziam sentir esta iniciativa teve de ser cancelada.

«Seguidamente a esta pequena reunião deixamos que os/as jovens fossem visitar livremente a exposição atual do PAFT, “Filhos de um Deus menor”. Não menos importante acompanhamos os mesmos até uma das residências artísticas onde os/as alunos/as tiveram a oportunidade de falar com alguns artistas residentes (...).»

(Nota de Terreno, 23 de Janeiro de 2012)

Um outro momento que devo destacar, e que remete para a aproximação entre os/as jovens e o património cultural, deve-se ao acompanhamento da visita de estudo dos/as alunos/as da Escola de Espinho, mais concretamente do curso de animação sócio-cultural. Nesta visita, foi possível estabelecer uma conversa informal com os/as jovens de forma a permitir a comunicação entre todos/as e onde foi distribuído pelos/as presentes um documento informativo relativamente à história do local (Apêndice XIX). Posto isto, reunidos numa das salas do piso nobre do PAFT existiu a oportunidade de passar a informação do património cultural que este local transparece. Claro que toda atualidade e atividades desenvolvidas pelo Palácio foram abordadas e dadas a conhecer, assim como a realização de uma visita guiada por todo o edifício.

«Este momento foi relevante pois permitiu dar a conhecer a história a estas colegas de forma a que possam passar esta mensagem aos/às participantes do Dia Nacional dos Centros Históricos que por aqui passem»

(Nota de Terreno, 20 de Março de 2013)

A explicitação destes factos históricos foi também transmitida a duas novas estagiárias que chegam às instalações do PAFT e que teriam uma participação no dia dos Centros Históricos. Para além desta abordagem, foi disponibilizado às colegas o documento utilizado na visita de estudo referida para ser distribuído na comemoração dos Centros Históricos, bem como foi realizada uma visita guiada pelo edifício onde foi possível dar a conhecer alguns elementos históricos ainda preservados.

O acompanhamento informado, assim como todos os outros descritos neste ponto 3.2., constituíram momentos educativos pautados pela temporalidade cultural. Ou seja, remetendo-me para a noção de memórias coletivas (Felgueiras, 2005), foi objetivo primordial destas ações reviver a identidade do contexto aproximando o público do mesmo. Nesta perspetiva, partindo da componente histórica e cultural tentou-se transparecer a missão e os objetivos, do novo equipamento da Fundação da Juventude, que constituem a sua própria identidade.

1.4. Ações de Integração na dinâmica institucional: outras atividades desenvolvidas no Palácio das Artes

Para além de todas as atividades que fui descrevendo até ao momento, o meu estágio foi também ocupado por uma série de outras ações e atividades que tiveram também um papel importante no desenvolvimento do serviço que se pretende educativo.

Ações de divulgação e comunicação

Uma de várias atividades desenvolvidas prendeu-se com a observação, divulgação e participação nas sessões do Seminário “Ser Empreendedor/a”, no auditório da Fundação da Juventude, proporcionado pela Rede Nacional de Responsabilidade Social das Organizações. Este evento, no qual exerci também funções de receção dos/as participantes, permitiu aprofundar os meus conhecimentos em torno da temática do empreendedorismo, assim como perceber qual o público que frequenta as atividades da Fundação.

«De facto este Seminário foi muito interessante, estando nós a viver num tempo de grande crise económica, onde os/as jovens não preveem um futuro muito risonho em termos profissionais, esta questão de ser empreendedor pode ser uma solução a desenvolver»

(Nota de Terreno, 23 de Outubro de 2012)

Surgiu ainda a oportunidade de realizar mais um processo de divulgação de um conjunto de atividades que compunha a Oficina dos Pequenotes, destinada à ocupação do tempo livre das crianças no período de férias de Natal.

Foram desenvolvidas ao longo de todo o estágio atividades de carácter administrativo. Ou seja, por inúmeras vezes desenvolvi trabalho de receção, receção dos visitantes de exposições no PAFT, atendimento de telefonemas envio de alguns emails necessários. Ainda mais, auxiliei por inúmeras vezes na arrumação das instalações do Palácio para a preparação de eventos como as várias edições das Feiras Francas. Ainda neste evento contribuí para auxiliar os/as diferentes participantes da Feira, na recolha de material fotográfico, assim como no processo de contagem de visitantes.

Todos estes trabalhos de carácter mais prático, embora possam parecer à primeira vista trabalhos menores não o são de todo. Isto porque, estes permitiram aprofundar os meus conhecimentos em relação à instituição, às suas dinâmicas, bem como do público central que visita a Fundação e o seu equipamento cultural.

«este novo dia fica mais uma vez marcado por uma forte componente de comunicação aliada à mediação entre instituições, com o objetivo da realização de um evento formativo e educativo para todos/as»

(Nota de Terreno, 3 de Dezembro de 2012)

Ação de Conceção

Uma outra atividade solicitada pela equipa do PAFT diz respeito à formulação de uma proposta para a realização em Portugal do concurso “Culture Programme – Cooperation measures”, ou seja mais especificamente “Centros Históricos – património da humanidade – Espaços Interculturalismo. Este último, que tem como objetivo principal promover os centros históricos e a sua valorização, assim como o diálogo intercultural, através de estratégias locais de turismo cultural e da promoção da mobilidade de artistas através das artes visuais. Este concurso surge envolvendo-se no Ano Europeu do Património Cultural, das Artes Visuais e das Artes performativas, tendo início em Maio de 2013, e sendo mais conhecido pelo título – “CulTour”. Neste sentido, foram propostos alguns *workshops* na área de fotografia, cinema, arquitetura, os quais já fiz referência anteriormente. Para além disto, no nosso País esta iniciativa teria como objetivos gerais recolher documentos que remontassem à história de um

monumento numa cidade em cada país colaborador; trabalhar essa mesma história através de artes visuais e/ou performativas de forma a dá-la a conhecer à população no geral; permitir que cada país toma-se contacto com a história de outro, o que permitia uma troca de experiências e de conhecimento de outras culturas entre os países colaboradores; aplicação de questionários à comunidade envolvente sobre a importância da divulgação e preservação dos centros históricos que constituem o património de cada país colaborador e realização de *workshops* e atividades dinâmicas e interativas que permitam um pensar nestas questões de um modo diferente, cujos resultados podem ser aplicados ao próprio concurso.

Torna-se neste momento conveniente realizar uma retrospectiva de todas estas últimas atividades no que toca aos seus contributos para a intervenção. Através de todas estas atividades fui desenvolvendo um conjunto de competências como a comunicação, a mediação entre diferentes instituições e públicos, a dimensão da formação, conceção e organização de eventos. Para além disto, o conjunto de atividades que descrevo permitiram conhecer melhor a Fundação da Juventude, o PAFT, o seu trabalho, a sua dinâmica organizacional e a sentir-me como membro da equipa.

Capítulo II: analisando a ação – etapas da construção de um serviço educativo

O capítulo a que agora se dá início será dedicado a uma análise teórica transversal das ações desenvolvidas no percurso profissionalizante que se deu a conhecer anteriormente. Após a descrição de todas as atividades, que contemplaram o trabalho desenvolvido, torna-se de extrema relevância compreender o modo como se articulam e integram no sentido da conceção e desenvolvimento do serviço educativo no equipamento cultural PAFT.

Sendo o objetivo central desta intervenção, no contexto do Palácio das Artes, contribuir para a construção de um serviço educativo, importa referir que estas estruturas «(...) são uma peça fundamental nas instituições culturais, na medida em que são o órgão responsável por estabelecer a relação entre determinada instituição e o seu público, através da promoção de projetos e atividades de carácter lúdico e educativo (...)» (Araújo, 2012: 43). Esta relação entre o público e a instituição cultural, nomeadamente o público-alvo da mesma, os/as jovens, é marcada pela cultura, pela arte, pelo património. Pode considerar-se, deste modo, que «a cultura é uma fonte de

socialização, proporcionando a aproximação e o contacto entre as pessoas» (idem: 43). Um olhar global em torno do exercício profissionalizante mostra que foram desenvolvidas um conjunto de atividades marcadas pela dimensão educativa não formal, proporcionando e potenciando um conjunto de aprendizagens em diferentes áreas. Neste sentido, dá-se «(...) relevo aos contextos e processos de experiência social, nos quais se partilha o conhecimento e se (re)descobre e compreende criticamente a realidade (...)» (Palhares, 2009 :64). Nesta linha de ação sobressai o impacto das aprendizagens impulsionadas por momentos distanciados de um a realidade educativa formal, de uma “rigidez” inerente ao processo de escolarização.

2.1. O Património como potenciador educativo

Partindo da idealização de um conjunto de *workshops* dos quais se destaca o desenvolvido na área do teatro e da fotografia, onde através da história do edifício do PAFT, se tentava motivar o público juvenil a contactar com o equipamento cultural de forma educativa. Através de um momento dinâmico de formação, procurou estabelecer-se uma ponte entre as memórias culturais e um presente marcado pela inovação e criatividade. Criatividade que poderá ter sido a resposta à necessidade de um problema (Kneller, 1978), que se centrava no distanciamento do público jovem ao PAFT, aliada ao processo de preservação e exteriorização das memórias culturais do contexto. De acordo com as características educativas, inerentes a estas atividades, torna-se pertinente perceber que a educação poderá ser «(...) o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local» (Barbosa, (s/d): 1). Estes dois *workshops* partiam assim da ideia de que o património «(...) não pode ser olhado apenas como uma reserva e, menos ainda, como uma recordação ou nostalgia do passado mas, antes, como algo que tem de fazer parte do nosso presente» (Almeida, 1993 :412). Assim, pretendeu-se trabalhar no sentido da reconfiguração da tradição onde o passado marca a ação da instituição no presente enfatizando a dimensão da inovação e criatividade. Alguns momentos registados dão conta das preocupações assinaladas:

«(...) seria uma ótima oportunidade para a dar a conhecer de forma educativa o Palácio das Artes, a história deste edifício, abrindo as suas portas à comunidade aproximando a mesma do património da cidade do Porto»

(Nota de Terreno, 1 de Fevereiro de 2012)

Não só estas duas atividades partiram desta dimensão histórica e cultural, assim como as visitas escolares, surgiam com esta base temática aliada também às juventudes. O desenho destas visitas integrava a estrutura de mediação entre o público, a comunidade, os/as jovens ao espaço interno do PAFT e, consequentemente, as questões da história, herança cultural e património.

2.2. Articulando as Juventudes, a Arte e a Educação não-formal

Ao longo da sequência de ações foram surgindo a concretização de outros momentos (in)formativos. Tal como todas as atividades desenvolvidas no âmbito de um serviço educativo, procurou introduzir-se «(...) elementos [de] “novidade” e “descoberta”, proporcionando aos participantes oportunidade para explorar, assimilar e acomodar novas realidades, conhecimentos e experiências, relacionando-as com as suas motivações e interesses» (Araújo, 2012: 47). As atividades foram ainda marcadas pela sua dimensão educativa não formal, que caracteriza o espaço e a missão do equipamento cultural. Neste sentido, procurou-se fazer com que todos os eventos fossem pautados por um ambiente informal, descontraído, possibilitando aos/às jovens aprendizagens não aprisionadas pelo alcance de objetivos tão evidenciados nos contextos educativos formais, no sentido de alcançar uma complementaridade às aprendizagens potenciadas pela escola enquanto espaço educativo. Pois, um espaço de educação não formal deverá ser encarado como um espaço marcado por relações e expressões interpessoais que se coadunam com os processos de mediação educativa, uma vez que visa estabelecer elos de ligação entre as carências dos sujeitos, no sentido em que são eles/as o foco da ação educativa (Saldanha, 2012).

As sessões dinâmicas de formação concretizadas no PAFT proporcionaram momentos potenciadores de desenvolvimento. Nesta perspetiva, importa salientar que «(...) não é educação, por si só, e muito menos quando se reduz à dimensão escolar, que constitui um factor de desenvolvimento; a acção de desenvolvimento combinada com a

acção educativa é que provoca uma dinâmica de desenvolvimento» (Ferreira, 2005:421). Para além disto, e visto que estes momentos formativos se desenvolveram junto de um público jovem, as temáticas abordadas foram diversificadas de forma a olhar este grupo de acordo com as suas características. Uma vez que, «(...) esta forma de olhar a sociedade, através do quotidiano dos jovens, [é] uma condição necessária para uma correcta abordagem de alguns dos paradoxos da juventude (...)» (Pais, 1990: 164).

Eventos como as sessões desenvolvidas no *workshop* de Gestão de Carreira Criativa, assim como a proposta da Oficina de Escultura, revelaram-se pertinentes na medida em que partindo da dimensão artística e educativa desenvolveram elos de ligação entre o público e a instituição. Assim, e estando a desenvolver o trabalho centrado na construção do serviço educativo, esta área artística não poderia ser melhor ponto de partida para potenciar momentos educativos de reflexão coletiva e individual. Deste modo, a arte no domínio educativo revela-se «(...) como expressão pessoal e como cultura [sendo] um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento» (Barbosa, (s/d): 3). Contudo, em momentos condicionados pelas diretrizes da globalização e capitalismo, «a arte contemporânea instala-se, soberana e autoritária, na trajectória humana que conforta a abundância de poucos perante uma absoluta e larga maioria mutilada das suas potencialidades, por condenada ao trabalho e dependente do consumo» (Silva, 2009 : 39).

O papel das artes enquanto instrumento educativo remete-nos até à sua relevância não apenas em contextos educativos não formais, como o PAFT e a Fundação da Juventude, mas também nos espaços educativos formais. Isto porque, «as artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos» (Almeida *cit in* Braga e Matos, 2009).

Na mesma linha de pensamento, a proposta realizada em torno da conceção de uma proposta para o projeto “CulTour”, permitiu através de um conjunto de atividades de âmbito cultural, olhar a arte como essencial para entender e conhecer a cultura de um País. Pois, «a arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica» (Barbosa, (s/d): 2).

Foram alvo da intervenção desenvolvida outras sessões (in)formativas, que surgiram também com o foco de atrair jovens ao espaço, mas centrando outras áreas

temáticas de possível interesse por parte do público jovem. Assim, destacando o *workshop* em parceria com a empresa Energia Fundamental, que pretendia trabalhar as questões da empregabilidade, como a curiosidade aliada a uma possibilidade de “Comandar o Cérebro”. Esta última temática que transporta em si algumas questões, nomeadamente esta curiosidade, inerente à possibilidade de dominar os comportamentos individuais possuindo uma noção de controlo.

Os temas mencionados surgiram com a pertinência de se apresentarem como possíveis dinâmicas de especial interesse para os/as jovens. A questão da empregabilidade surgia como um momento relevante no âmbito do serviço educativo pretendido. Para além da centralidade exercida pela componente histórica, esta última estaria lado a lado com a questão das transições, da empregabilidade juvenil na idealização deste serviço, através das visitas guiadas ao espaço do Palácio. De salientar, que esta temática foi mais desenvolvida pela outra colega envolvida na idealização do serviço educativo, ainda que em articulação, criando pertinências teóricas e de ação.

Um serviço educativo que pretende aproximar os/as jovens do espaço de intervenção teria, neste contexto, de salientar as temáticas, e problemáticas que afetam e influenciam o público jovem.

Tal como já foi mencionado anteriormente, as transições juvenis aliadas à problemática do desemprego jovem constitui um dos problemas mais marcantes na sociedade atual. Contudo, «(...) os jovens encontram-se diferentemente expostos ao desemprego e este, (...) tem para os jovens diferentes sentidos» (Pais, 1991: 968).

A juventude surge assim associada a um conceito de crise, onde o desemprego juvenil se apresenta como um dos principais fatores que justificam este momento (Grácio, 1992). De forma a abordar estas questões, este *workshop* possibilitaria um auxílio ao público jovem transmitindo uma série de técnicas para o processo de procura de emprego.

2.3. O processo de Mediação intrínseco ao Serviço Educativo

Se o modo de trabalho desenvolvido em geral assentou epistemologicamente e em termos de organização da ação em processos de Mediação Social e Educativa constituindo uma componente transversal de todo o estágio, é com o foco orientado pelo objetivo de se equacionar um possível serviço educativo que as questões da mediação

ganham ainda mais força e pertinência. Pois, «(...) os serviços educativos adquirem importância enquanto facilitadores de uma aproximação entre pessoas, instituições, culturas» (Araújo, 2012: 43).

Uma reflexão em torno da operacionalização de estratégias de mediação pode começar pela constatação de que este processo pautado pela comunicação, coexistiu no planeamento, desenvolvimento e divulgação das várias atividades desenvolvidas. Foi através de processos de mediação que se tornou possível a criação de pontes entre instituições, entre o próprio equipamento cultural e os/as formadores/as envolvidos/as na concretização dos diversos eventos e entre saberes de natureza diversa: história, educação, gestão, comunicação. Neste sentido, esta noção que proclama um meio terciário, ou seja um terceiro elemento facilitador no processo de comunicação, «(...) caracteriza-se sobretudo pelo carácter comunicacional e integrativo de diferentes sujeitos e planos de intervenção» (Saldanha, 2012: 93).

A constante ligação e partilha de ideias e dinâmicas, entre os objetivos e missão do PAFT com as intenções das diferentes entidades que participaram na idealização de algumas atividades, possibilitou compreender a pertinência de dispositivos de mediação no contexto. Assim, num contexto de educação não formal, releva-se a necessidade da existência de interação comunicacional constante que partilha a intencionalidade educativa. Releva-se a finalidade essencialmente educativa da mediação, pois proporciona momentos de aprendizagens alternativas potenciadoras de uma postura reflexiva (Silva *et al*, 2010). Esta atitude que se pretende alcançar com um serviço educativo parte, como já foi assinalado, também de uma mediação entre o património, cultura com o público jovem e linha educativa orientadora do PAFT.

Da análise constata-se a pertinência do processo de mediação educativa para a própria funcionalidade da instituição que procura uma articulação constante com diversas entidades promotoras de sessões reflexivas.

Um momento chave onde a questão da mediação especificamente na relação com o público jovem emergiu, e que contribuiu para a construção do serviço educativo, foi a concretização de uma conferência, partilhada com os/as alunos/as do Sistema de Formação da Fundação da Juventude. Esta sessão, ainda que singular, possibilitou a partilha de conhecimentos em torno das questões da mediação de conflitos, uma das vertentes da mediação, dando consistência e outro sentido ao saber adquirido e trabalhado ao longo da formação em Ciências da Educação. De facto, o evento provocou um espaço de reflexão em torno da gestão de conflitos, e do papel de um/a

mediador/a, no contexto escolar. Este constitui um palco privilegiado de interações juvenis, entre elas as mais conotadas socialmente com situações de conflito e divergências, uma vez que «(...) se a escola é o universo que reúne alunos diferentes, ela é o palco onde certamente o conflito se instalará» (Chrispino, 2007: 22). Cada vez mais este espaço educativo formal tem sido contexto de situações de gravidade conflitual que se revelam preocupantes (Pires, 2010), mas que sobretudo precisam de ser analisadas e trabalhadas num registo diferente do tratado mediaticamente. A especificidade deste momento assume contornos de formação ainda mais relevantes quando se está perante um grupo caracterizado como sendo problemático. Pois, tal como demonstra um dos registos da ação desenvolvida, esta informação foi exaltada pelos/as diferentes docentes do Sistema de Aprendizagem da Fundação:

«Sabendo de antemão que se tratava de um público jovem problemático, tentamos comunicar com todos/as eles/as, utilizando uma linguagem simples, compreensível para a mensagem chegar até à plateia»

(Nota de Terreno, 17 de Abril de 2013)

O desafio em desenvolver um trabalho que possa contribuir para a adesão dos/as jovens a um processo de mediação para resolução dos seus conflitos, partindo da comunicação, do diálogo entre as partes foi pertinente no momento e como elemento de reflexão para que institucionalmente se possam pensar em estratégias desta natureza para integrar um futuro serviço educativo. Considera-se que neste âmbito o trabalho de um serviço educativo seria o que contribuir para desmontar, em conjunto com jovens e outros protagonistas de contextos educativos, processos sociais da contemporaneidade e que digam mais respeito às juventudes.

Tendo presente esta realidade conflitual, que marca a presente geração de jovens, a abordagem à mediação de conflitos, nestes contextos em específico, prevaleceu como atividade central e pertinente para o desenvolvimento do objetivo da instituição Fundação da Juventude, que se centra na participação ativa dos/as jovens. Ou seja, no desenvolvimento de um papel participativo na comunidade, baseado em redes comunicacionais que irão contribuir para a promoção da integração dos/as jovens na vida adulta e ativa.

2.4. Integrando a Equipa do PAFT

Dada a relevância e o peso que o trabalho de carácter administrativo assume em qualquer profissão, principalmente quando se está integrado num percurso profissionalizante, considerou-se que uma reflexão sobre esta dimensão deveria ter igualmente lugar.

Assinala-se, no âmbito das atividades mais administrativas, a divulgação dos eventos que levaram à pesquisa e construção de uma base de contatos permitiram obter uma ideia geral do público e entidades que contactam com a Fundação e o seu equipamento cultural. A relevância inerente a este processo reflete a sua pertinência visível no seguinte registo:

«Este trabalho da construção da base de contatos (...) demonstra-se deveras pertinente, no sentido em que na elaboração de um serviço que se pretende educativo, pretendemos realizar várias atividades e divulgar as mesmas, contudo não se prevê um trabalho fácil mas sim demorado e paciente»
(Nota de Terreno, 19 de Outubro de 2012)

O papel de rececionista assumido, assim como a observação do Seminário em torno do empreendedorismo, contribuíram para entender que tipo de público visita o PAFT, quais as suas dúvidas e alguns dos seus interesses. Não podia esquecer no espaço da receção e do gabinete de trabalho o atendimento de telefonemas e a realização de outros. Estes processos potenciaram a minha integração nas dinâmicas institucionais, exercendo um papel de maior responsabilidade, uma vez que falava em nome do PAFT sendo intermediária entre diferentes públicos e o contexto. A contagem de participantes nas várias edições das Feiras Francas, bem como o auxílio na arrumação das salas para a realização do evento e várias exposições, fizeram parte das minhas funções tal como de todos os elementos da equipa responsável pela dinamização do PAFT, sentindo-me parte integrante da mesma.

2.5. Serviço educativo dinamizador do Palácio das Artes – Fábrica de Talentos

A reflexão em torno das várias atividades que foram realizadas ao longo deste percurso de estágio revela central analisar a proposta mais alargada do projeto de um serviço educativo para o espaço de PAFT. Todas as atividades desenvolvidas contribuíram para a idealização deste serviço que deveria partir da dimensão histórica em direção ao envolvimento dos/as jovens em torno de atividades dinâmicas e criativas.

Vertente juventudes, memórias e património – circuitos de visitas e memórias

Seguindo esta perspetiva, o projeto do circuito de visitas e memórias surgiu como uma das grandes vertentes do projeto do serviço educativo voltando o seu interior para a comunidade. Este projeto, alvo de várias alterações dependentes das influências do contato diário com o contexto de intervenção, assentava essencialmente num percurso que impulsionava uma viagem pelo tempo possibilitando o conhecimento do contexto aliado às trajetórias e transições juvenis. Assim, e tal como o edifício ultrapassou várias fases e momentos de ação distintos, também as juventudes percorrerão ao longo do tempo diferentes perceções e momentos de transição. Nesta perspetiva é possível distinguir duas grandes dimensões que constituíram este circuito de visitas sendo elas: os percursos juvenis para diálogo entre património e inovação e uma segunda dimensão centrada nas transições juvenis: diferentes tempos, diferentes projetos sociais.

A proposta da futura criação das referidas visitas guiadas e temáticas, pretendiam a reflexão em torno das questões do património e cultura, articulando o passado, a tradição com a ação presente aliada à inovação. Ou seja, partindo de um conjunto de memórias culturais partia-se para a articulação entre um passado, um presente e um futuro caracterizado por profundas transformações (Peralta, 2008).

Interligando as questões históricas e de património, as transições juvenis são também alvo de profundas transformações ao longo do tempo. Pois, não assistimos mais a transições lineares para a vida adulta que marcavam a regra (Leccardi, 2005), mas sim a diferentes trajetórias pautadas por diferentes processos de socialização. Estes processos que são influenciados entre outros aspetos pela vivência da intimidade ao

longo do tempo, temática abordada pelas visitas guiadas. A dimensão da intimidade que influenciou a vivência e transição dos/as jovens para a vida adulta.

O projeto de visitas e memórias possibilitaria este (re)viver de processos, etapas, e momentos chave para um público jovem atraído pelas questões de herança cultural e preservação de património. Para a concretização da presente proposta seria necessário a presença de uma equipa permanente que dinamiza-se o serviço, onde a mediação seria central para a comunicação entre o espaço e o público visitante. As visitas agitariam o espaço, sendo ele próprio o potenciador de momentos educativos caracterizados pela informalidade e criatividade. Pois, «uma didática que apele ao desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico não pode prescindir de uma contextualização no tempo e no espaço» (Marques, 2011: 211)

Esta viagem na história, nas memórias culturais interligadas com a educação enfatiza a ideia de Gonçalo Marques (2011), quando este defende a introdução destas questões em idades pré-escolares, no sentido de construir uma melhor formação e forte sentido de comunidade. Pois, esta noção de temporalidade contribui para a construção da identidade, e para a preservação do património, uma vez que «não parece possível pensar numa sociedade que esqueça o seu maior legado: as pessoas, as famílias e as suas necessidades» (Marques, 2011: 211).

Analizando as dificuldades inerentes...

Neste ponto final, importa referir que foram surgindo ao longo da ação de intervenção algumas dificuldades e constrangimentos. Alguns destes constrangimentos prenderam-se com a grande dificuldade em obter o número mínimo de participantes para as diferentes sessões, e até mesmo com a demora de alguns departamentos na instituição que provocavam atrasos na ação desenvolvida.

Outra questão prende-se com o demoroso processo de divulgação dos diversos eventos. Assim, chegar ao público, embora tenha sido realizada uma vasta divulgação não foi de todo uma tarefa fácil. Contudo, algumas atividades destacaram-se pelo elevado número de participantes, outras pela sua pertinência mantem-se como futuras atividades a desenvolver pelo contexto.

Parte V

Refletindo sobre a avaliação e monitorização da intervenção

Considerando este projeto de carácter interventivo, não poderia deixar de mencionar a questão da avaliação e monitorização do mesmo.

Importa referir, antes de mais, que o processo avaliativo «é o principal instrumento de apoio à replicação e reprodução alargada das boas práticas, porque permite compreender tanto os sucessos como os insucessos das acções desenvolvidas» (Capucha, 2008: 45).

Fazendo uma retrospectiva da ação de estágio desenvolvida, posso destacar um dos primeiros momentos de dimensão avaliativa que diz respeito ao momento do diagnóstico. Tal como descrevi nas opções metodológicas, realizei uma série de questionários aos/às funcionários/as da Fundação da Juventude, à comunidade envolvente, bem como aos/às formadores/as do Sistema de Formação do contexto. Não só os questionários foram utilizados como método de recolha de dados, mas também as notas de terreno realizadas aquando da observação participante no contexto, e direta no seu espaço exterior contribuíram para um conhecimento inicial acerca da pertinência da criação de um serviço educativo e do valor cultural do edifício. Nesta primeira abordagem avaliativa torna-se evidente que me posicionei numa posição mista, ou seja, de acordo com as necessidades do contexto utilizei métodos quantitativos, mais objetivos, e qualitativos alvo de análise e reflexão. Assim de acordo com o processo avaliativo poderei afirmar que realizei uma avaliação interna, uma vez que «(...) é executada por pessoas que integram as organizações ou grupos avaliados e/ou estreitamente associadas à acção que é objeto do processo avaliativo» (Monteiro, 2000: 141). Olhando a distinção possível entre os diferentes momentos que podem ocorrer processos avaliativos, de acordo com Monteiro (2000) o diagnóstico, ou seja a avaliação num momento inicial da intervenção corresponde ao que se denomina por avaliação *ex-sante*, pois «(...) desenha o inventário das necessidades, dos beneficiários e dos recursos disponíveis » (idem: 142).

De ressaltar que o processo de recolha de informações que é possibilitado pela observação participante, através da escrita das notas de terreno que foi transversal ao longo de todo o meu percurso no PAFT. Ou seja, avaliando o meu trajeto, os pontos positivos, negativos, as dificuldades e alterações surgiram muitas vezes desta reflexão com o terreno. Neste sentido, a avaliação formativa, ao longo de toda a intervenção marcou a minha presença no contexto, uma vez que «(...) ocorre durante o desenrolar do programa, interessando-se não só pela eficácia e eficiência do mesmo, mas igualmente pela metodologia desenvolvida» (idem: 142).

Em todos os *workshops*, tal como fui referindo, e sessões dinâmicas de formação que foram desenvolvidas, ou melhor, aquelas que de facto foram concretizadas (Comande o seu Cérebro; Gestão de Carreira Criativa e Mediação de Conflitos em Contexto Escolar), foi utilizado um documento que permitisse analisar cada sessão realizada. Assim, e com carácter avaliativo final de cada evento, ou seja um processo avaliativo do tipo *ex-post*, cheguei a uma série de resultados interessantes que irei analisar de seguida. Importa referir, que em alguns casos, estes questionários avaliativos foram enviados online contribuindo para a redução de custos em torno da impressão destes documentos, facilitando o contato com os/as participantes de uma forma mais comoda e acessível.

Numa escala de 1 a 5 com grau de satisfação crescente, ou seja sendo o número 1 correspondente a muito insatisfeito/a e a escala máxima de 5 correspondente a muito satisfeito/a os/as formandos/as fizeram corresponder a sua opinião acerca de vários pontos relevantes. Nesta linha de pensamento e iniciando a análise da primeira sessão do *workshop* “Comande o seu Cérebro”, foi possível perceber que os/as inquiridos/as, revelaram uma grande satisfação quanto aos quatro primeiros pontos ou seja no que diz respeito ao rigor da formação, interesse da Formação para a vida quotidiana, interesse da formação para a vida profissional e na qualidade da dinamização organizada pela formadora. Quanto ao menor grau de satisfação este centrou-se na duração da formação.

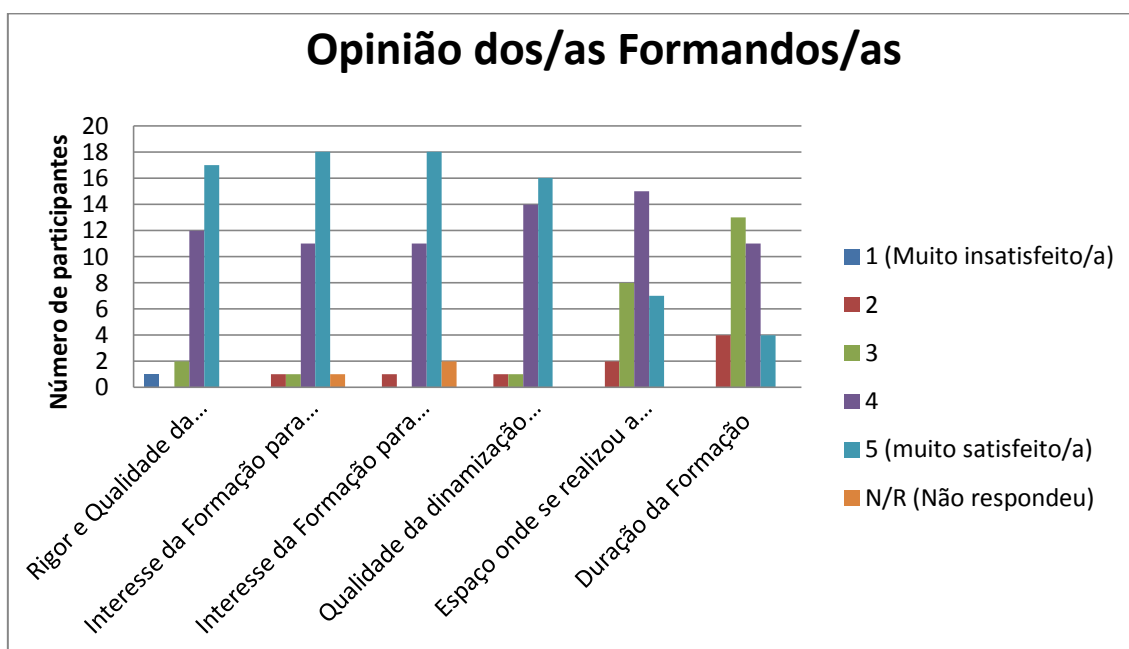


Ilustração 3: Gráfico de satisfação (Workshop "Comande o seu Cérebro")

Numa segunda questão tentou-se perceber como os/as participantes tomaram conhecimento da atividade. Assim, e na consequência da análise dos resultados, podemos perceber que o meio de divulgação que teve mais sucesso foi o email de divulgação do *workshop* seguido de outros meios que incluem rede de conhecimentos, site da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e através da participação no Porto Canal. Foi possível também verificar que de um modo geral o *workshop* correspondeu às expectativas dos/as participantes.

Relativamente à referência de pontos negativos e positivos do desenvolvimento da sessão, os primeiros mais apontados pelos/as participantes foram a duração reduzida do *workshop* e o espaço, nomeadamente a temperatura do mesmo. No que toca aos aspetos positivos os mais nomeados foram a demonstração prática dos conteúdos, as dinâmicas de interação e os conteúdos abordados.

Através da última questão conseguimos perceber que existe uma grande diversidade de temas, que os/as inquiridos/as gostariam de ver abordados em futuros eventos, no entanto estes concentraram a sua preferência na continuação deste mesmo *workshop*.

De ressaltar que através das notas de terreno, da observação realizada nesta sessão, foi possível perceber o grande interesse e motivação por parte de todos/as presentes, questionando diversas vezes a formadora potenciando uma dinâmica comunicativa.

Infelizmente não tivemos acesso aos resultados da avaliação da segunda sessão deste mesmo *workshop*, isto porque e desta vez os documentos de análise avaliativa foram entregues via email, onde esperamos o seu preenchimento o mais breve possível. Deste modo, e apesar de toda a insistência com preenchimento do documento não foi possível receber um número de respostas suficientes para uma análise conveniente do evento.

Tal como nesta última sessão a terceira edição do *workshop* “Comande o seu Cérebro”, foi avaliada nos mesmos parâmetros através da comunicação online. Mais uma vez, e embora tenhamos exercido alguma pressão no preenchimento do documento de avaliação, não conseguimos chegar a um número de respostas suficientes para uma análise da 3ª edição desta atividade.

Numa outra atividade concretizada, o *workshop* “Gestão da Carreira Criativa”, avaliada através do envio da ficha de avaliação seguido do seu retorno por parte dos diferentes participantes, apenas foram recolhidos 3 documentos de resposta de um total

de 9 participantes inscritos/as. Devido ao facto anteriormente mencionado não foi considerado pela instituição e por nós enquanto serviço educativo, que as respostas constituíssem material empírico suficiente para avaliar as sessões que constituíram o *workshop*.

Para obter uma perceção da avaliação que os/as estudantes do Sistema de Aprendizagem da Fundação realizaram acerca da conferência organizada por mim e pela minha parceira no serviço educativo, em torno da temática de mediação de conflitos aplicou-se um documento de carácter avaliativo. Através de um questionário que se iniciava, de acordo com as outras atividades avaliadas, com questões acerca do grau de satisfação dos mesmos com várias dimensões da ação, bem como os pontos positivos e negativos a apontar, surgiram novas questões essenciais. Ou seja, existiu a curiosidade e a pertinência em perceber qual a opinião dos/as participantes acerca da questão do conflito, do conhecimento em torno do processo de mediação dos contextos envolvidos.

Realizando a análise dos dados recolhidos no decorrer da sessão, e embora tenhamos conseguido recolher o número total de documentos avaliativos preenchidos, não foi mais uma vez possível a realização da análise dos mesmos. Isto porque, e talvez devido às características complicadas que caracterizavam o grupo de participantes, estes não responderam de forma a que as suas opiniões pudessem ser alvo de reflexão. Pois, se por inúmeras vezes não responderam de todo, em outras situações as suas respostas não se encontram relacionadas com as questões colocadas.

Para finalizar o trabalho desenvolvido no equipamento cultural do PAFT, existiu a necessidade de realizar uma conversa informal final com a supervisora local e com a minha colega de trabalho no serviço educativo. Ao longo desta conversa foi perceptível que existiram alguns pontos positivos, e menos positivos a apontar ao caminho percorrido. Assim, em relação ao próprio serviço educativo, foi opinião da gestora do PAFT que não se concretizou o mesmo em termos concretos, ou seja com uma componente sólida na instituição. Contudo, e tomando a responsabilidade de alguma falta de atenção para com o nosso trabalho, foi assumida pela supervisora, pois constituiu uma equipa ainda muito recente no contexto.

«Todavia e apesar de todos os esforços de parte a parte devido à equipa presente no PAFT ser relativamente recente poderá também justificar a falta de apoio que tivemos em algumas iniciativas (...)»
(Nota de Terreno, 22 de Abril de 2013)

Como um dos pontos positivos foi enfatizada a preocupação na divulgação da cultura, e história do Palácio, uma vez que esta considera que o serviço tem de passar por esta componente.

«(...) pontos positivos ao nosso projeto, o facto de tentarmos dar ênfase à questão da história do edifício foi muito relevante, para esta o serviço tem de passar por esta dimensão»
(Nota de Terreno, 24 de Abril de 2013)

A concretização dos *workshops* e sessões (in)formativas foram muito relevantes para a divulgação do trabalho do contexto e aproximação dos/as jovens ao espaço. A atividade dos circuitos pensada e idealizada pelo serviço educativo ficará, e pedindo a nossa autorização, como proposta a desenvolver brevemente. Embora existindo algumas dificuldades em aproximar o público através das atividades, e alguns constrangimentos e dificuldades impostas pelo contexto, na generalidade a ação desenvolvida foi positiva com contributos simbólicos para o local. Este contato permitiu também a integração nas dinâmicas de uma possível entidade empregadora, o que contribui de forma decisiva para a minha formação.

Referindo-me ao grande teor desta parte quinta parte do presente relatório, ou seja a monitorização e avaliação da intervenção, saliento a ideia de que o poder de avaliar é partilhado. Assim, a principal função do processo avaliativo é formativa, isto é, é pretendido melhorar, aprender, motivar. Assim, a «(...) justificação dos modelos e práticas de avaliação terá que operar-se sempre por referência à situação e contexto concreto (...) bem como aos valores que eles impõem, promovem e realizam» (Rodrigues, 1994: 104). Desta forma, tentei sempre adequar a o método de avaliação da ação de acordo com as características do meio e dos atores implicados.

Parte VI

Considerações finais:

Refletindo sobre a ação e as suas contribuições para a profissionalidade em Ciências da Educação

Chegando a este momento da reflexão do percurso de estágio parece-me essencial proceder a um conjunto de considerações que foram impulsionadas pelo trabalho desenvolvido.

Estando envolvida na idealização e construção de um serviço de carácter educativo, numa instituição de educação não formal, a pertinência do envolvimento de um/a profissional em Ciências da Educação revelou-se deveras pertinente.

Ao iniciar este caminho no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, e embora existissem alguns sentimentos de receio em relação ao meu desempenho neste espaço, tinha como intenção primordial contribuir com as minhas competências em termos profissionais. Neste sentido, e aproveitando ao máximo esta experiência com uma possível entidade empregadora, com as suas dinâmicas, fui-me envolvendo na missão do PAFT.

A idealização deste serviço educativo não constituiu um processo linear, mas complexo, sendo este caminho alvo de alguns constrangimentos e dificuldades. Contudo, contribuí no desenvolvimento de um conjunto de atividades dinâmicas e formativas de forma a aproximar o público jovem do espaço. O trabalho desenvolvido no âmbito da construção, divulgação e realização das atividades permitiu adquirir várias competências que apenas esta componente prática potenciada pela via de estágio possibilita. Não posso deixar de mencionar, podemos dizer, a novidade em torno da questão da cultura e património como elementos chave na divulgação de uma instituição potenciando momentos educativos. Tomando esta linha orientadora revela-se focal olhar a educação numa dimensão multidisciplinar, não estando encerrada num espaço formal como o contexto escolar. Assim, surgem outros espaços, momentos que de uma forma diligente possibilitam aprendizagens, como é exemplo a Fundação da Juventude e o seu equipamento cultural.

Estando o local da intervenção centrado nas questões juvenis artísticas, este revelou-se um espaço inovador na envolvimento profissional das Ciências da Educação facto este que me proporcionou uma série de outros conhecimentos. Para além disto, e visto que «a identidade das Ciências da Educação constrói-se, assim, por transbordo e transgressão das disciplinas de origem, repensadas conceptualmente com base na investigação de novas temáticas e objetos de estudo » (Nóvoa, 1991: 31), esta experiência possibilitou a inclusão, o encontro do lugar de um profissional nesta área.

Tendo em consideração que me encontrava num local onde o público jovem constitui o recetor primordial de toda a ação, e que este mestrado se desenrola no domínio das Juventudes, Educação e cidadania, tornou-se essencial tomar especial atenção com este conceito plural. Ou seja, procurei sempre que possível escutar as opiniões destes no cerne da comunidade, assim como na presença nas várias atividades desenvolvidas. Assim, a minha posição quanto à intervenção e ao seu carácter educativo é pautada por uma perspectiva de trabalhar com os intervenientes, em educação, e não nos intervenientes, sobre a educação. Esta ideia foca o olhar de Canário (2003) quando este afirma que «(...) o campo disciplinar das ciências da educação não [é] definido por um “território” de factos sociais, mas sim pelo modo de articular como “olha” e se posiciona face a esse “território”» (Canário, 2003: 13). Posto isto, e focando a dimensão de investigar “em educação”, esta reflete um grau de proximidade com os sujeitos da intervenção partindo «(...) não de um saber constituído do exterior, mas a partir do interior, porque os investigadores “pertencem a este universo que é simultaneamente o seu objeto, o seu sistema de pertença, ao mesmo tempo que se constitui como o sistema de finalidades a que se ligam”» (Berger, 1992 *cit in* Canário 2003). Através de uma primeira fase de diagnóstico de necessidades do contexto da intervenção consegui perceber, exercendo esta fase de escuta qual poderia ser o caminho para a constituição do serviço educativo, tentando posicionar-me num eixo compreensivo perante a ação. Pois, um profissional em Ciências da Educação deve em primeiro lugar «(...) compreender e ajudar a acção pedagógica qualquer que seja o nível em que se situa» (Boavida e Amado, 2006: 327).

Ao longo do meu percurso e a par com o desenvolvimento das várias atividades de carácter formativo, tive a oportunidade de desenvolver várias competências necessárias e uteis para estabelecer o meu lugar enquanto profissional. Assim, estabelecendo vários contatos com diferentes entidades, com o público em geral, permitiu desenvolver a componente de comunicação e mediação. Esta última que foi desenvolvida entre instituições, assim como entre a instituição e a comunidade, exercendo uma postura de escuta. Neste sentido, e sendo este processo uma rampa de lançamento para o meu trabalho na instituição, pude perceber a pertinência e relevância que um profissional na área das Ciências da Educação pode exercer num serviço educativo.

Embora, estes serviços sejam marcados por uma forte componente educativa, através da minha experiência no PAFT entendi que a presença de profissionais na área

educativa neste contexto era escassa. Nesta linha de pensamento, penso que o trabalho desenvolvido em parceria por duas profissionais na área das Ciências da Educação, pode demonstrar que existe uma necessidade de possuir no interior do contexto profissionais com as competências demonstradas. Para além disto, e centrando-me na forte dimensão cultural que marca o PAFT, considero que poderá ter sido fundamental ter enfatizado esta questão nas atividades, constituindo este facto como ponto-chave de aproximação.

Após um momento de análise e pesquisa de várias informações em torno da história que envolve o PAFT, houve a oportunidade de observar que esta dimensão seria uma das grandes potencialidades a desenvolver. Aquando da idealização e desenvolvimento dos eventos, adquiri vários conhecimentos ao nível do Património.

A referência, à exploração e perceção da potencialidade do contexto de intervenção, foca uma outra competência de um/a profissional na minha área de intervenção. Isto porque, faz parte da ação de um/a mediador/a sócio-educativo/a e da formação compreender quais as potencialidades do espaço. Nesta questão considero importante ressaltar o facto de o local, que é caracterizado pela sua forte marca cultural, ser repleto por um grande potencial de ação. Contudo, e através da minha presença no PAFT, o que pude observar foi o grande vazio que muitas vezes encontrava no interior do grande edifício. Esta questão poderá ser explicada pela forte crise económica que estas estruturas atravessam a par com o resto do País, tal como foi demonstrado pela gestora do local aquando da conversa avaliativa informal final. Este último com ótimas infraestruturas, recheado de elementos com memórias, que poderiam ser aproveitadas através de uma iniciativa como os circuitos de visitas propostos na intervenção.

Através da pertinente intervenção em parceria, tive também a oportunidade de contactar com outros profissionais de várias áreas. Este facto permitiu perceber, ainda mais na prática, que intervir em conjunto produz consequências positivas para o espaço alvo da ação dos profissionais. Este trabalho em rede poderá enquadrar-se como mais uma valência inerente a um profissional das Ciências da Educação.

O caminho de estágio foi também alvo de vários momentos avaliativos, alguns destes que não correram como gostaria enquanto elemento da equipa do serviço educativo. Isto porque, seria essencial chegar à opinião de todos/as os/as participantes acerca dos vários eventos que ocorreram. Contudo e embora tenham sido estabelecidas as condições necessárias para chegar a esta perceção, em algumas atividades não foi possível chegar a resultados plausíveis de serem analisados. Todavia, esta questão

avaliativa marcou toda a minha ação, terminando com uma conversa informal com a supervisora local, de forma a chegar à visão que a gestora do PAFT, obteve da intervenção realizada.

O tempo de formação em contexto profissional fica pautado por um caminho de aprendizagens, pelo desenvolvimento e aquisição de várias competências, tanto a nível pessoal quanto profissional. Permitiu-me perceber como adequar as nossas ideologias e componentes teóricas a uma realidade concreta, com as suas limitações e constrangimentos. Existiram algumas dificuldades inerentes a este processo, nomeadamente em termos práticos que poderão ter resultado em demorosos processos de conceção e divulgação de atividades. Para além disto, e devido a este estágio estar compreendido numa duração de apenas seis meses, não permitiu a concretização do grande projeto dos circuitos de visitas, que necessitariam de um período mais prolongado para ser aprofundado e realizado. Este contato com um contexto de intervenção foi uma experiência positiva, no sentido de compreender e integrar diferentes dinâmicas, de desenvolver a capacidade de trabalhar em equipa, refletindo sobre outras opiniões e decisões que provinham de diferentes profissionais, baseados em diversas áreas de atuação. De ressaltar ainda, que a possibilidade de contatar com o público jovem mais de perto permitiu explorar a visão enquanto profissional perante este público diverso.

Referências Bibliográficas:

Abrantes, Pedro (2003). *Os Sentidos da Escola*. Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade. Oeiras: Celta Editora.

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1993). Património: Riegl e hoje. *Revista da Faculdade de Letras : História*, 10, 407-416.

Almeida, Maria Lisete Soares de (2003). *Uma relação prazenteira com o aprender: os serviços educativos de Museus, a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: FCEUP.

Alves, Natália (2008). *Juventudes e Inserção Profissional*. Lisboa: Educa.

Araújo, Carlos Xavier Mendes (2012). *Serviços Educativos na cultura: Que lugar para a educação? Experiência de Estágio no Serviço educativo do Centro Cultural Vilar Flor*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: FPCEUP.

Ariès, Philippe (1988). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio D' Água.

Ariès, Philippe e Duy, Georges (1990). *História da vida Privada*. Porto: Edições Afrontamento.

Barbosa, Ana Mae (s/d). *Arte, educação e cultura*. 1 (5). Retirado em Maio 4, 2013 de [http://solarpresencial.virtual.ufc.br/arquivos/curso/841/arte_educacao_cultura_ana_mae_barbosa.pdf].

Barriga, Sara (2011). Serviços educativos em Portugal: Ponto da situação - documento de recomendações. *Comunicação proferida no Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação. ICOM, II, 12, 1-19*.

Beck, Ulrich; Giddens, Anthony e Lash, Scott (2000). *Modernização reflexiva: Política e estética na ordem social moderna*. Oeiras: Celta Editora.

Benavente, Ana; Costa, António Firmino da; Machado, Fernando Luís (1990). Práticas de mudança e de investigação – conhecimento e intervenção na escola primária. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29(2), 55-80;

Berger, Guy (2009). A investigação em educação: Modelos sócio-epistemológicos e inserção institucional. *Educação, Sociedade & Culturas*, (28), 175-192.

Berger, Peter e Luckman, Thomas (1985). *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Vozes.

Boavida, João e Amada, João (2006). *Epistemologia, Identidade e Perspectivas – Ciências da Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Bourdieu, Pierre (1991). Estruturas sociais e estruturas mentais. *Teoria & Educação*, (3), 113-119.

Bourdieu, Pierre (2001). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Editora Vozes.

Bourdieu, Pierre (2004). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.

Braga, Pedro e Matos, Natália (2009). Arte e cultura na educação não formal. XV Encontro Nacional da ABRAPSO, 1 (7). Retirado em Junho 6, 2013 de [\[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/377.%20arte%20e%20cultura%20na%20educa%C7%C3o%20n%C3o%20formal.pdf\]](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/377.%20arte%20e%20cultura%20na%20educa%C7%C3o%20n%C3o%20formal.pdf).

Burke, Peter (2006). Cultura, tradição, educação. In Pintassilgo, J. e Júnior, Décio Gatti (org.), *Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. VI Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação;

Cabral, Manuel Villaverde; Pais, José Machado *et al* (1998). *Jovens Portugueses de Hoje: resultados do Inquérito de 1997*. Oeiras: Celta Editora.

Cabral, Clara Maria Ferreira Bertrand (2009). *Património cultural imaterial: proposta de uma metodologia de inventariação*. Tese de Mestrado em Ciências Antropológicas: Universidade Técnica de Lisboa Instituto Superior de Ciências Sociais e Política.

Canário, Rui (1999). *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa : EDUCA.

Canário, Rui (2003). O impacte social das ciências da Educação. *VII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, 1-23.

Capucha, Luís (2008). *Planeamento e Avaliação de Projetos. Guia Prático*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Carneiro, Roberto (2009). Importância do ensino artístico e o seu impacto na elevação de uma cultura de inovação e criatividade de excelência. *In Revista da Fundação da Juventude Fábrica de Talentos*, (2), 11-13.

Charlot, Bernard (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber, *Revista Brasileira de Educação*, 11(31), 7-18;

Chrispino, Álvaro (2007). Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: aval. pol. públ. educ., Rio de Janeiro*, 15(54), 11-28;

Cosme, Arian e Trindade, Rui (2008). *Escola a tempo inteiro: Escola para que te quero?* Porto: profedições;

Cuche, Denys (1999). *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Durkheim, Émile (2001). *As Regras do Método Sociológico*. Coimbra: Editorial Presença.

Elliott, Anthony (2009). *Contemporary Social Theory – An Introduction*. London and New York: Routledge.

Felgueiras, Margarida Louro (2000). O Museu da escola primária no Porto. Orientações histórico-culturais. *Educação em Revista, Belo Horizonte*, (31), 61-76.

Felgueiras, Margarida Louro (2005). Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. In *Pro-Posições*, 16(1), 87-102;

Felgueiras, Margarida Louro; Vieira, Carlos Eduardo (Eds.) (2010). *Cultura escolar, migrações e cidadania*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

Ferreira, Fernando Ilidio. (2005). *O local em educação. Animação, gestão e parceria*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fonseca, Laura Pereira (2001). *Culturas juvenis, percursos femininos: experiências e subjectividades na Educação*. Oeiras: Celta Editora.

Frago, Antonio Viñao; Escolano, Agustín (1998). *Curriculo, espaço e subjectividade, a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A.

Freire, Isabel (2010). A Mediação em educação em Portugal. In Correia, José Alberto e Silva, Ana Maria Costa Mediação ,*Os Contextos e Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento.

Geraldes, Maria (2013). O Projeto. *Revista da Fundação da Juventude Fábrica de Talentos* ,(9), 8-9;

Giddens, Anthony (1996). *Transformações da Intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta Editora.

Grácio, Sérgio (1992). Crise juvenil e invenção da juventude – Notas para um programa de pesquisa. In Stoer, Stephen R. (org) *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa – uma abordagem pluridisciplinar*. Porto: Afrontamento.

Guerreiro, Maria e Abrantes, Pedro (2007). *Transições incertas - Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no trabalho e no Emprego.

Hall, Stuart (2006). *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Kneller, George F. (1978). *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: IBRasa.

Kuhn, Thomas (1997). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Leccardi, Carmen (2005). Para um novo significado do futuro: Mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*, 17(2), 35-57.

Leite, Carlinda (2002). A figura do amigo crítico no assessoramento /desenvolvimento de escolas curricularmente inteligentes, *Actas do 5º Congresso da SPCE*, 95-100.

Lima- Filho, Dario de Oliveira; Sproesser, Renato Luiz e Martins, Eber Luis Capistrano (2009). Empreendedorismo e Jovens Empreendedores. *Revista de Ciências da Administração*, 11(24), 246-277.

Magalhães, Fernando (2005). *Museus património e identidade: Ritualidade, educação, conservação, pesquisa, exposição*. Porto: Profedições.

Magalhães, Fernando (2009). O Museu: da sumptuosidade do edifício arquitectónico ao seu conteúdo. In Vieira, Ricardo e Magalhães, Fernando (orgs.), *Património e Identidade*. Porto: profedições.

Margarido, Cristovão (2009). Condições sociais objectivas e subjectivas na construção da(s) identidade(s). In Vieira, Ricardo e Magalhães, Fernando (orgs.), *Património e Identidade*. Porto: profedições.

Marques, Gonçalo (2011). A Importância do conhecimento hist3rico na construção identit3ria e social das primeiras idades. *II Encontro de Sociologia da educação – Educação, Territ3rios e (Des) Igualdades*.

Menezes, Isabel (2010). *Intervenção comunit3ria: Uma perspectiva psicol3gica*. Porto: Livpsic.

Monteiro, Alcides (2000). A avaliação em projectos de intervenção social: reflex3es a partir de uma pr3tica. *Sociologia, problemas e pr3ticas, metodologias de avaliação* (22),137-154.

Morgado, Catarina e Oliveira, Isabel (2009). Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade. *Educação / Formação*, (1), 43-56.

Moura, Catarina (2011). O Pulsar de meio s3culo - Historial cr3tico sobre os serviços educativos dos museus do Estado. Comunicação do *Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação*. ICOM, II, (12), 1-16.

N3voa, Ant3nio *et al* (1991). *Ci3ncias da Educação e Mudança*. Porto: Edi3es Afrontamento.

Orme-Johnson, Carol e Cason-Snow, Mark (2002). Basic Mediation Training: Trainers’ Manual.

Osten, Manfred (2008). La memoria robada, Los sistemas digitales y la destrucci3n de la cultura del recuerdo. Madrid: Ediciones Sirela, S. A.

Pais, Jos3 Machado (1990). A construção sociol3gica da juventude – alguns contributos. *An3lise Social*, 25(105-106), 139-165.

Pais, Jos3 Machado (1991). Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. *An3lise Social*, 26(114), 945-987.

Pais, José Machado (2011). A Arte da pirueta. *Jornal P3*. Retirado em Janeiro, 4, 2013de [<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/763/arte-da-pirueta>].

Pais, José Machado (2005). Jovens e cidadania. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (49), 53-70.

Palhares, José Augusto (2009). Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. In *Revista Portuguesa de Educação*, 22(2),53-84.

Peralta, Elsa (2008). *A memória do mar. Património, tradição e (re)imaginação identitária na contemporaneidade*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Pinto, Manuel (1997). A infância como construção social. In Pinto & Sarmento, Manuel (coord.), *As crianças, contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Pinto, Joana (2008). *As Ciências da Educação num contexto desportivo – Intervenção com jovens jogadores dos escalões de competição do futebol de formação*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Pires, Sandra Torrado (2010). *A implementação de um dispositivo de mediação escolar- estudo de caso*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em teoria e desenvolvimento curricular. Universidade de lisboa: Instituto de educação.

Ponte, Cristina (2005). *Crianças em notícia, a construção da infância pelo discurso jornalístico*. Lisboa: ICS.

Raimond, Quivy e Campenhoudt, LucVan (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – Publicações, L.^{da}.

Rodrigues, Pedro (1994). As três lógicas da avaliação de dispositivos educativos. In *na Fundamentação da avaliação em Educação*. Lisboa: Colibri.

Santos, Boaventura de Sousa (1987). *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Sardinha, Idalina (2006). *Arte e pedagogia. No contemporâneo e actual*. Oeiras: Celta Editora.

Silva, Ana Maria; Caetano, Ana Paula *et al* (2010) Novos actores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos. *Revista Portuguesa de Educação*, 23(2), 119-151.

Silva, Artur Santos (2011). Dossier Entrevista- Gestão de Museus no século XXI. *In Revista da Fundação da Juventude Fábrica de Talentos*, (7), 11-15.

Silva, Gabriel (2009). Convento de S. Domingos: O restauro da memória. Retirado em Maio 7, 2013 de [<http://estudosop2.wordpress.com/2009/01/05/convento-de-s-domingos-o-restauro-da-memoria/>].

Silva, Germano (2007). Palácio das Artes – Fábrica de Talentos. *Revista Fábrica de Talentos*, (0), 18-21.

Silva, José Carlos de Paiva (2009). *Arte/desEnvolvimento*. Tese de Doutoramento em Pintura. Porto: FBAUP.

Silva, Sofia (2008). *Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude: Etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Porto: FPCEUP.

Silva, Sofia (2008) Estratégias Juvenis para «fintar» Fragilidades- A construção da pertença a uma casa da juventude no Norte de Portugal. *Jovens, Percursos e transições em instituições e comunidades educativas. Educação, Sociedade & Culturas*, (27), 27-49.

Sousa, Acácio de (2009). Património, Identidade e os Registos escritos. In Vieira, Ricardo e Magalhães, Fernando (orgs.), *Património e Identidade*. Porto: profedições.

Stoer, Stephen R. e Magalhães, António M. (2005). *A Diferença Somos Nós – A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Afrontamento.

Telmo, Isabel Cottinelli (1989). *O Património e a Escola: do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.

Teixeira Lopes, João (2011). Geração Bloqueada. *Jornal P3*. Retirada em Maio 19, 2013 de [<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/1856/geracao-bloqueada>].

Tibola, Ivanilde Maria (2001). *Arte, Cultura, educação e trabalho*. Brasília: Federação Nacional das APAES.

Willis, Paul (1991). *Aprendendo a ser Trabalhador*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Outras fontes:

Comunicação: A Construção de Rede Nacional de Serviços Educativos (s/d), Educação Artística: Redes e Parcerias.

Estatutos da Fundação, *Fundação da Juventude*. Retirado em Maio 19, 2013 de [<http://www.fjuventude.pt/fichuprelanex/fx2692.pdf>].

Fundação da Juventude. Retirado em Maio 19, 2013 de [<http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-11-casa-da-companhia>].

Missão e objetivos. *Fundação da Juventude*. Retirado em Maio 19, 2013 de [<http://www.fjuventude.pt/fundacao-da-juventude-9-missao-e-objectivos>].

Programa Juventude em Acção. *Juventude*. Retirado em Dezembro 10, 2012 de [<http://www.juventude.pt/index.php?cat=8>].

Revista da Fundação da Juventude (2007). *Fábrica de Talentos* (0).

Revista Interna do Banco de Portugal (1986). Anúncio, com licença da Comissão de Censura.

Serviço Educativo (2003). Um contributo fundamental. Jornal do Museu dos Transportes e Comunicações, (3).

SRU, Porto Vivo (2010). *Plano de Gestão. Centro Histórico do Porto Património Mundial*. Porto: Câmara Municipal do Porto e SRU (Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S. A.).

Vasconcelos, Maria João (2011). Encontro Nacional Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação. ICOM, Série II, (12).

Apêndices

Apêndice I
(Registos Fotográficos)



Apêndice II

**(Questionários – Comunidade; Fundação da
Juventude e Sistema de Aprendizagem)**

Inquérito por Questionário

(Comunidade Envolvente)

1- Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

2- Idade: _____

3- Tem conhecimento do trabalho desenvolvido pela instituição da Fundação da Juventude?

Sim ☐ Não ☐

4- Tem conhecimento do Edifício que fica no largo de S. Domingos que se intitula hoje de Palácio das Artes – Fábrica de Talentos?

Sim ☐ Não ☐

5- Se sim, conhece alguma atividade dinamizada pelo mesmo?

Sim ☐ Quais? _____

Não ☐

6- O que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de atrair mais visitantes?

7- Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo Palácio das Artes e que vão de encontro aos interesses do público jovem?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐

Novas Tecnologias ☐ Jogos interativos ☐

Outras Quais? _____

8- Tem conhecimento da história do Edifício onde hoje se encontra instalado o Palácio das Artes?

Sim ☐ Não ☐

9- Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

10- Como é que a comunidade pode ter um papel ativo na dinamização de atividades no edifício?

11- De que forma o edifício Palácio das Artes poderia atrair a atenção e interesse dos turistas em plena zona histórica do Porto?

Visitas guiadas pelo edifício ☐ Folhetos Informativos ☐

Atividades que envolvam a comunidade ☐ Exposições ☐

Internet ☐

Outros? ☐ Quais? _____

Inquérito por Questionário

(Fundação da Juventude)

1-Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

2-Idade: _____

3-Quais as iniciativas que habitualmente ocorrem no Palácio das Artes –
Fábrica de Talentos?

4-A que públicos, na sua opinião, essas iniciativas se destinam
maioritariamente?

- Crianças ☐
- Jovens ☐
- Adultos ☐
- Idosos ☐
- Turistas ☐
- Outros ☐ Quais? _____

5-Considera relevante a existência de um serviço educativo no mesmo
edifício?

Sim ☐ Não ☐

6-Se sim, o que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de atrair mais visitantes?

7-Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo serviço educativo e que vão de encontro aos interesses do público jovem?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐

Novas Tecnologias ☐ Jogos Interativos ☐

Outras ☐ Quais? _____

8-Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

9-De que forma a Fundação da Juventude, através do Palácio das Artes poderia atrair a atenção e interesse dos turistas em plena zona histórica do Porto?

Visitas guiadas pelo edifício ☐ Folhetos Informativos ☐

Atividades dinâmicas ☐ Exposições ☐

Internet ☐

Outros? ☐ Quais? _____

Inquérito por Questionário

(Docentes do sistema de Aprendizagem)

1-Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

2-Anos de docência/experiência: _____

3-Tem conhecimento do Edifício que fica no largo de S. Domingos que se intitula hoje de Palácio das Artes – Fábrica de Talentos?

Sim ☐ Não ☐

4-Se sim, conhece alguma atividade dinamizada pelo mesmo?

Sim ☐ Quais? _____

Não ☐

5-O que seria interessante dinamizar no Palácio das Artes? O que poderia cativar a atenção no sentido de se tornar pertinente a visita da comunidade escolar?

6-Considera relevante a existência de um serviço educativo no mesmo edifício?

Sim ☐ Não ☐

7-Na sua opinião, quais as áreas que gostaria de ver exploradas pelo Palácio das Artes?

Desporto ☐ Música ☐ Pintura ☐ História ☐ Literatura ☐

Novas Tecnologias ☐ Jogos interativos ☐

Outras ☐ Quais? _____

8-Tem conhecimento da história do Edifício onde hoje se encontra instalado o Palácio das Artes?

Sim ☐ Não ☐

9-Como considera importante dar a conhecer aos visitantes essa mesma história, uma vez que este está classificado como Património Urbanístico da Humanidade pela Unesco?

- Divulgação na Internet ☐
- Divulgação nas escolas ☐
- Visitas ao edifício ☐
- Atividades no edifício ☐
- Outros ☐ Quais? _____

10- Qual o papel que os/as jovens poderiam exercer na dinamização de um espaço como o Palácio das Artes?

11-Acharia possível uma cooperação entre a Fundação da Juventude e a Comunidade Escolar?

Não ☐

Sim ☐

De que forma?

Apêndice III
(Workshop “Viagem ao Passado!”
Cartaz e Ficha de Inscrição)



VIAGEM AO PASSADO !!!!!

SE TENS MAIS DE 16 ANOS VEM PARTICIPAR
NA RECRIAÇÃO DA HISTÓRIA DO PALÁCIO
DAS ARTES – FÁBRICA DE TALENTOS,
DESCOBRINDO O LARGO DE S. DOMINGOS NO
SÉCULO XIII!

WORKSHOP DE TEATRO E CRIAÇÃO DE UM PEQUENO ESPETÁCULO

- São 18 sessões a iniciar a partir de dia **01 de Fevereiro** nas Instalações da Fundação da Juventude, até dia **23 de Março**, dia em que será apresentado o espetáculo (dia das comemorações dos centros históricos).
- Possibilidade de escolha entre **dois** horários: 3ª feira e 6ª feira das 18h30 às 20h30 ou das 21h00 às 23h00.
- Faz já a tua inscrição preenchendo e enviando a ficha respetiva.
- **Preço:** 72€ por pessoa (18 sessões)
- **Formadora** Eva Fernandes:

Licenciada em comunicação Social, é atriz profissional desde 1994. Trabalhou nas companhias Teatro das Beiras, Cendrev, Teatro do Noroeste, Cultural Kids, Pé de Vento, Panmixia, TEP e Art'Imagem. Com os seguintes encenadores: José Carretas, Gil Salgueiro Nave; Castro Guedes; Mário Barradas, José Leitão, Pedro Wilson, João Luís, Isabel Bilou, Rui Sena. Trabalhou autores como Gil Vicente, Carlo Goldoni, José Sanchis Sinisterra, Lope de Rueda, Marivaux, Sean O'Casey, Gregory Motton, Manuel Martinez Mediero, Tennessee Williams, Álvaro Magalhães, José Carretas, Christine Blondel, Molière, Berthold Brecht, Camilo Castelo Branco, Henrik Ibsen. Participou como atriz numa série na T.V Galega ("Fios"); em várias curtas metragens; como figurante em filme de Margarida Gil.

Fez formações com Junior Sampaio, Alexander Kelly, Jorge Alonso, Guilherme Heras, Iwan Brioc.

Fez assistência de encenação; tradução de pequenos textos; já realizou vários trabalhos no Museu Municipal de Esposende, para a Comunidade de Inserção Social de Esposende, com grupos de mulheres com problemas de alcoolismo (coordenação de Oficina de Teatro; coordenação de Oficina de Escrita; criação de Espetáculo);

Também neste museu realizou oficinas de Expressão Dramática com grupos de crianças e jovens.

Trabalhou com grupos de Teatro Amador do Concelho de Stª Maria da feira: oficina e criação de espetáculo (e criação de textos)

Faz parte do Programa de Itinerâncias da Direcção Geral do Livro, desde 2001.

Faz trabalho de animação no Museu do Carro Elétrico.

GARANTE JÁ A TUA VAGA!!



23 anos | fundação
da juventude

Contatos para inscrições e/ou informações adicionais: palaciodasartes@fjuventude.pt ou apinheiro@fjuventude.pt

Telefone: 22 202 23 80

Telemóvel: 961 797 295

FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Horário pretendido:

Terças feiras e sextas feiras das 18h30 às 20h30 ☐

Terças feiras e sextas feiras das 21h00 às 23h00 ☐

4. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efectuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice IV
(Workshop “Safari Fotográfico pela Cidade do
Porto”
Cartaz e Ficha de Inscrição)



OFICINA DE FOTOGRAFIA

SAFARI FOTOGRÁFICO PELA CIDADE DO PORTO

Palácio das Artes - Fábrica de Talentos

Pretende-se nesta oficina o desenvolver da cultura visual dos participantes através de uma reflexão sobre a história da fotografia, modernizando um olhar pela corrente estética em causa através da captação de imagem por via de câmaras digitais.

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Iniciação à fotografia (5h); Safari fotográfico ou prática fotográfica (3h); Criação de portefólio digital para seleção, seriação de imagens a expor/projetar e inauguração (4h).

Público-alvo: Maiores de 15 anos de idade

Nota: cada participante deverá ter câmara fotográfica digital e computador com software de tratamento de imagem.

Rita Almendra

Reside no Porto onde iniciou um ciclo de estudos no campo das artes e fotografia. É pós graduada em Arte e Educação e desenvolve trabalho com crianças e adultos nas áreas lúdico-expressivas e de ensino pela imagem. em regimes de ensino formal e não formal. Como artista encara o seu olhar como uma extensão da lente, colocando a ação no tempo presente da objetiva, e é nesse instantâneo que separa objetos e momentos da sua própria história, desafiando-lhes assim os significados.

Datas 25, 26 e 27 de Março 2013

Horário Das 10h às 14h ou das 14h às 18h

Valor 50 euros (não reembolsável)

Local Fundação da Juventude, Porto

Data limite de inscrições 2 dias úteis antes do workshop

Número mínimo de inscrições 10 participantes (mínimo)

Contactos Alexandra Pinheiro – apinheiro@fjuventude.pt

Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23
anos

**fundação
da juventude**

www.fjuventude.pt



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Opção de Horário:

10h às 14h ☐

14h às 18h ☐

4. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice V

**(Workshop “Empregabilidade: Técnicas de
Procura de Emprego”**

Cartaz e Ficha de Inscrição)



WORKSHOP EMPREGABILIDADE E TÉCNICAS DE PROCURA DE EMPREGO

Objetivos:

- Promover a reflexão e o debate sobre a empregabilidade entre os jovens;
- Dar a conhecer técnicas de procura de emprego eficazes e atuais;
- Desenvolver competências pessoais necessárias à procura de emprego.

Alexandra Sofia Babo

ALUNOS *que* **SABEM** 
grupo PESSOASQUE SABEM MAIS

Alexandra Sofia Babo licenciou-se em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em 2005 e fez uma pós-graduação em Neuropsicologia em 2006. Possui um curso de especialização na área da mediação de conflitos.

Iniciou a sua atividade profissional como colaboradora em projetos de investigação na mesma faculdade e na empresa CEGOC e, em 2007, passou a exercer funções de Técnica Superior de Psicologia na Santa Casa da Misericórdia de Paredes, intervindo junto de populações de risco e famílias disfuncionais. Entre 2009 e 2011 esteve colocada no Agrupamento de Escolas de Paredes, onde trabalhou em conjunto com Andreia Cabral no desenvolvimento e na implementação do projeto TEIP, nomeadamente no âmbito da formação e no acompanhamento de pais e educadores.

Atualmente, exerce psicologia clínica e é colaboradora da Prevenção Rodoviária Portuguesa.
Formadora com CAP

Duração 30 de novembro de 2012

Horário pós-laboral 18h às 20h

Valor 15 euros (não reembolsável)

Local Fundação da Juventude - Rua das Flores n.º69 Porto

Data limite de inscrições até 28 de Novembro

Número mínimo de inscrições 10 participantes

Contactos palaciodasartes@fjuventude.pt ou apinheiro@fjuventude.pt

telefone 22 202 23 80 ou fax 22 339 35 44



23
anos

**fundação
da juventude**

Para mais informações sobre conteúdos visite:

www.fjuventude.pt

WORKSHOPS

FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice VI

(Oficina de Escultura: “Reciclarte &Style”

Cartaz e Ficha de Inscrição)



OFICINA DE ESCULTURA: RECICLARTE & STYLE

Palácio das Artes - Fábrica de Talentos

Esta oficina tem objectivos de carácter informativo e formativo, coexistindo uma estreita relação entre o conhecimento e a aprendizagem dos processos plásticos com acompanhamento particular a cada participante. Fornecida a teoria, deverá ser dada prova do conhecimento dos/as participantes por via plástica, prática e teórica. Toda a prática ocupará 4 sessões que passam pela experiência laboratorial e, seguidamente, com desenvolvimento de alguns exercícios.

Destinatários: 13 aos 20 anos de idade.

Material necessário: Os participantes deverão trazer caixas de cartão que já não utilizem, para a oficina.

Fábio Dias

Fábio Dias é um jovem artista plástico, natural de Paços de Ferreira, licenciado pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Atualmente, fez 14 exposições de arte no Centro Histórico do Porto, cidade que o acolheu desde o início da sua carreira artística. Utiliza no seu trabalho faiança, porcelana, vidro, cartão e materiais recicláveis. Na escultura deparamos com várias alusões ao mundo do consumo, aos desejos e à gastronomia universal, através de sensações e desejos, ou outros motivos artísticos. Na cidade do Porto, trabalhou também como curador de eventos artísticos com vários artistas e colaborou com galeristas portuenses e associações culturais.

Data 5, 12, 19 e 26 de Abril 2013 (Sextas-feiras)

Horário Das 15h às 18h

Valor 22,5€/participante (não reembolsável)

Local Fundação da Juventude, Porto

Data limite de inscrições 2 dias úteis antes do workshop

Número mínimo de inscrições 10 participantes

Contactos Alexandra Pinheiro > apinheiro@fjuventude.pt / palaciodasartes@fjuventude.pt

Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23
anos

fundação
da juventude

www.fjuventude.pt



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice VII
(Workshop “Gestão da Carreira Criativa”
Cartaz e Ficha de Inscrição)

WORKSHOP GESTÃO DE CARREIRA CRIATIVA

Palácio das Artes - Fábrica de Talentos



Neste workshop teórico-prático direccionado para artistas e empreendedores criativos apostamos na criação de capacidade e recursos que permitem o desenvolvimento de uma carreira sustentável. Os participantes aprendem a gerir a sua carreira artística, ficando munidos de ferramentas para conseguir desenvolver e concretizar as suas ideias. Serão abordadas e trabalhadas questões-chave desde planeamento, apresentação, marketing, auto-promoção, financiamento e aspectos legais. Iremos também fomentar a pro-actividade dos participantes, identificar soluções criativas para tornar os próprios projectos sustentáveis e promover o empreendedorismo.

Público-alvo: Jovens estudantes na área das artes; Criativos activos que se queiram promover e gerir a sua carreira; Artistas plásticos, designers, ilustradores, fotógrafos, freelancers, actores, músicos, dançarinos, escritores, etc.

Inês Bento Coelho

Artista plástica, designer freelance, gestora de projectos, e fotógrafa, está envolvida em projectos de exposições, webdesign, design e curadoria. Nasceu em Lisboa, e estudou Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Em 2008 mudou-se para Cambridge, UK, ao abrigo do programa Leonardo Da Vinci: estagiou e trabalhou em St Barnabas Press como assistente de gravura e de estúdio. Em 2009 esteve em Los Angeles ao abrigo do programa INOV-ART, estagiando em McGroarty Arts Center (ONG) no âmbito de administração das artes, fotografia, curadoria, e webdesign. Durante a sua estadia de 9 meses em Los Angeles frequentou cursos e seminários no Center for Cultural Innovation, no Center for Non Profit Management e no GYST - Getting Your S*t Together, instituições não governamentais que se dedicam ao desenvolvimento de carreiras artísticas.

Data 25, 26, 27 e 28 de Março 2013

Horário Pós-laboral das 18h30 às 22h30

Duração 16 horas (4 sessões)

Valor 60€/participante (não reembolsável)

Local Fundação da Juventude, Porto

Data limite de inscrições 2 dias úteis antes do workshop

Número mínimo de inscrições 10 participantes

Contactos Alexandra Pinheiro > apinheiro@fjuventude.pt / palaciodasartes@fjuventude.pt
Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23
anos

fundação
da juventude

www.fjuventude.pt



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice VIII

(Ficha de Avaliação de *Workshop*:

“Gestão da Carreira Criativa”)

Avaliação do workshop “Gestão da Carreira Criativa”

As seguintes questões servem para compreender as suas impressões sobre a qualidade e o impacto desta formação. Neste sentido, solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste pequeno questionário, cujos dados serão tratados de forma confidencial e apenas para os efeitos acima mencionados.

- 1-** Assinale o valor correspondente à sua opinião relativamente aos pontos abaixo referidos.

	1 (Muito insatisfeito/a)	2	3	4	5 (Muito Satisfeito/a)
Rigor e qualidade da formação					
Interesse da Formação para a vida quotidiana					
Interesse da formação para a vida profissional					
Qualidade da dinamização organizada pela formadora					
Espaço onde se realizou a formação					
Duração da Formação					

2-Como tomou conhecimento deste workshop?

Site da Fundação da Juventude ☐

E-mail de divulgação do workshop ☐

Redes Sociais ☐

Outras ☐

Quais? _____

3-Este workshop...

Ficou abaixo das minhas expectativas ☐

Correspondeu às minhas expectativas ☐

Superou as minhas expectativas ☐

4- Assinale 2 aspetos que considere positivos e 2 aspetos que considere negativos desta formação.

Positivos

1- _____

2- _____

Negativos

1- _____

2- _____

5- Indique outros temas que gostaria de ver abordados em futuros workshops

Muito Obrigada pela sua colaboração!

Apêndice IX
(Workshop “Comande o seu Cérebro”
Cartaz e Ficha de Inscrição)



WORKSHOP

“COMANDE O SEU CÉREBRO”

Palácio das Artes - Fábrica de Talentos

A programação neurolinguística (PNL) é considerada a nova tecnologia do sucesso. A PNL reprograma o cérebro de forma a que cada pessoa desenvolva as suas capacidades e atinja a excelência. Neste workshop terá a oportunidade de ver como a PNL consegue modificar comportamentos de uma forma rápida e eficaz: perder um medo ou uma fobia, ter acesso a emoções positivas em qualquer momento (calma, confiança, etc.), desenvolver crenças potenciadoras, estimular a imaginação e criatividade e livrar-se de compulsões. Neste workshop traga os seus medos, as suas fobias, as suas crenças limitadoras, as suas compulsões para serem ultrapassadas, fazendo com que se torne uma pessoa mais confiante e segura de si.

Ana Paula Silva

Licenciada em Educação Social, com pós graduação em reabilitação e inserção social pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Nos últimos 6 anos tem vindo a trabalhar apenas na área da formação com funções de mediadora de cursos EFA, coordenadora pedagógica de cursos de aprendizagem e formadora nas áreas de geriatria, acção educativa, animação sociocultural, gestão de conflitos, gestão de tempo, comunicação interpessoal, coaching e PNL. Certificada pela International Coaching Community em Coaching.

Certificada em coaching por valores pelo Dr. Simon Dolan.

Certificada pela The International Association for NLP em Practitioner de Programação Neurolinguística (PNL)

2ª Data 23 Fevereiro 2013 (Sábado), das 9h00 às 13h00

1ª Data 26 Fevereiro 2013 (Terça), das 14h30 às 18h30

Duração 4 horas

Valor 15€/participante (não reembolsável)

Local Fundação da Juventude, Porto

Data limite de inscrições 2 dias úteis antes do workshop

Número mínimo de inscrições 10 participantes

Contactos Alexandra Pinheiro > apinheiro@fjuventude.pt / palaciodasartes@fjuventude.pt

Telefone 22 202 23 80 / Telemóvel 961 797 295



23
anos

**fundação
da juventude**

www.fjuventude.pt



WORKSHOPS

FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Opção de Horário:

Dia 23 de Fevereiro das 09h00 às 13h00 ☐

Dia 26 de Fevereiro das 14h30 às 18h30 ☐

4. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice X
(Ficha de Avaliação de *Workshop*:
“Comande o seu Cérebro”)

Avaliação do workshop “Comande o seu Cérebro”

As seguintes questões servem para compreender as suas impressões sobre a qualidade e o impacto desta formação. Neste sentido, solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste pequeno questionário, cujos dados serão tratados de forma confidencial e apenas para os efeitos acima mencionados.

1-Assinale o valor correspondente à sua opinião relativamente aos pontos abaixo referidos.

	1 (Muito insatisfeito/a)	2	3	4	5 (Muito Satisfeito/a)
Rigor e qualidade da formação					
Interesse da Formação para a vida quotidiana					
Interesse da formação para a vida profissional					
Qualidade da dinamização organizada pela formadora					
Espaço onde se realizou a formação					
Duração da Formação					

2-Como tomou conhecimento deste workshop?

Site da Fundação da Juventude ☐

E-mail de divulgação do workshop ☐

Redes Sociais ☐

Outras ☐

Quais? _____

3-Este workshop...

Ficou abaixo das minhas expectativas ☐

Correspondeu às minhas expectativas ☐

Superou as minhas expectativas ☐

4- Assinale 2 aspetos que considere positivos e 2 aspetos que considere negativos desta formação.

Positivos

3- _____

4- _____

Negativos

3- _____

4- _____

5- Indique outros temas que gostaria de ver abordados em futuros workshops

Muito Obrigada pela sua colaboração!

Apêndice XI

**(Workshop “Vamo-nos Entender –Mediação de
Conflitos em Contexto Escolar”**

Cartaz e Ficha de Inscrição)

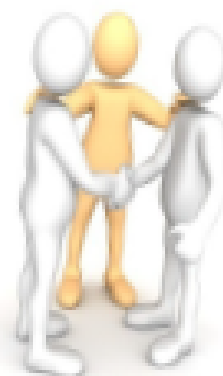
“Vamos-nos Entender!”

Workshop de Mediação de Conflitos em Contexto Escolar

Este workshop consiste numa abordagem teórico-prática do conceito de mediação e sua aplicação prática no contexto escolar. Pretende capacitar os/as jovens de forma a resolverem os seus conflitos através do diálogo, da comunicação e do respeito pelos interesses de ambas as partes.

Data: 13/04/2013

Hora: das 10h00 às 13h00



Formadoras: Daniela Silva e Joana Trancoso

As formadoras são Licenciadas em Ciências da Educação e encontram-se no último ano do Mestrado na mesma área no domínio de Juventudes, Educação e Cidadania. Na sua formação adquiriram conhecimento aprofundado na área da Mediação Sócio - educativa, nomeadamente no âmbito da mediação de conflitos e em contexto escolar. Possuem experiência na conceção, organização e desenvolvimento de atividades destinadas a diferentes públicos, com especial foco na área da Juventude.

Destinatários: Jovens a partir dos 15 anos de idade

Número mínimo e máximo de participantes: 10 mínimo e máximo de 15

Preço: 10€

Data limite de Pagamento: 11 de Abril de 2013

Contatos para inscrições e/ou informações adicionais:

palaciadasartes@fjuventude.pt ou
apinheiro@fjuventude.pt

Telefone: 22 202 23 80
Telemóvel: 961 797 293



WORKSHOPS

FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE



FICHA DE INSCRIÇÃO

1. Identificação:

1.1 Nome: _____

1.2 Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Nacionalidade: _____

1.3 B.I.Nº: _____ Data: _____ Arquivo: _____ Contribuinte: _____

1.4 Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ E-Mail: _____

2. Workshop a frequentar: _____

3. Forma de Pagamento:

O pagamento deverá ser efetuado até 48h antes do início da formação, através de:

- ☐ Cheque em nome de FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE
- ☐ Transferência bancária Banco BES - NIB: 0007.0000.01964500261.23
- ☐ Numerário, na FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE, Rua das Flores, 69, Porto.

Declaro sob compromisso de honra que todas as declarações feitas correspondem à verdade.

Data: ____/____/____

(Assinatura)

Apêndice XII
(Conferência “Vamo-nos Entender –Mediação de
Conflitos em Contexto Escolar”
Powerpoint)

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM CONTEXTO ESCOLAR



Formadoras:

Daniela Silva;
Joana Trancoso.

Vamo-nos Entender

Data: 17/04/2013

Objetivos da Sessão

- Esta sessão consiste numa abordagem teórica do conceito de mediação e sua aplicação prática no contexto escolar;
- Pretende capacitar os/as jovens de forma a resolverem os seus conflitos através do diálogo, da comunicação e do respeito pelos interesses de ambas as partes;



Sumário

- O Conflito;
- A Negociação;
- O Processo de Mediação;
- Mediação Escolar.



1. O Conflito

o conflito é parte integrante da vida e da atividade social



- Em traços gerais, conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento;
- O Conflito tem origem na diferença de interesses, de desejos e de aspirações;
- Não estamos perante a noção estrita entre o certo e o errado, mas sim de posições que são defendidas face a outras, naturalmente diferentes ou opostas;
- Não deve ser visto com algo negativo



construtivo → podem constituir uma oportunidade para as partes envolvidas encontrarem uma solução e dialogarem sobre este



1. O Conflito

- O mito de que o conflito é prejudicial está a desmoronar-se;
- encarado como uma manifestação mais natural e, por conseguinte, necessária às relações entre pessoas, grupos sociais, organismos políticos e Estado;
- o problema não está no conflito em si, mas na forma como é gerido



podem ser resolvidos de forma construtiva ou destrutiva.



1. O Conflito

Vantagens:

- ajuda a regular as relações sociais;
- ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro;
- possibilita o reconhecimento das diferenças;
- ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social;
- permite perceber que o outro possui uma percepção diferente;
- ajuda a definir as identidades das partes que defendem as suas posições.

1. O Conflito

• Tipologias do Conflito



Conflitos
Intrapessoais



Conflitos
Interpessoais

2. A Negociação



- Consiste num outro processo de gestão de conflitos, onde as partes tentam chegar a um acordo, não abandonando simplesmente a relação que estabelecem entre elas.

2. A Negociação



2. A Negociação

- **Quando devemos negociar**
 - Interdependentes e precisam confiar na cooperação um do outro;
 - Conscientes de que as alternativas para um acordo negociado não parecem tão fiáveis;
 - Aptas a identificar e a concordar com os pontos em discussão;
 - Em uma situação em que os seus interesses não são totalmente incompatíveis.
- **Quando não devemos**
 - As emoções das partes são intensas e impedem um acordo;
 - A comunicação entre as partes é pobre;
 - Condutas negativas;
 - Há interesses incompatíveis;
 - Diferenças de valores;
 - As partes encontram dificuldades em iniciar as negociações.



Quando não se chega a uma resolução consensual, pode ser necessário a presença de um terceiro neutro e imparcial



3. Mediação

- Na década de 70 → Os meios alternativos de resolução de conflitos, vulgarmente designados por *ADR (Alternative Dispute Resolution)*, surgiram nos Estados Unidos da América, entre outros, a mediação, a negociação, a arbitragem e a conciliação;
- Em Portugal na década de 90 → época marcada por uma maior autonomia deste processo de mediação, e por uma reflexão em termos legais, bem como a identificação dos RAC ou RAL (*Resolução Alternativa de Conflitos ou Litígios*);
- É de salientar que os programas de resolução de conflitos tiveram origem fora do contexto escolar, por exemplo com a Criação dos Centros de Mediação Comunitária;
- Ao longo da segunda metade do século XX, a mediação de conflitos foi-se instituindo como alternativa aos meios judiciais;
- A mediação não se constitui como uma via de substituição dos tribunais.



3. Mediação



- a intervenção numa negociação ou num conflito de uma terceira parte aceitável, tendo um poder de decisão limitado ou não autoritário, e que ajuda as partes envolvidas a chegarem voluntariamente a um acordo mutuamente aceitável com relação às questões em disputa;
- resolução de conflitos juridicamente enquadrada em que partes, por sua livre vontade e através de uma activa participação direta, são auxiliadas por um mediador a encontrar uma solução negociada e amigável para o seu problema ou conflito;
- é indicada quando as partes envolvidas em conflito não acreditam que conseguem mais elas próprias lidar com as suas divergências.



3. Mediação

- É um processo confidencial e não adversarial conduzido por um terceiro neutro e sem poder de decisão quanto ao objecto do conflito;
- Quando não se deve recorrer a mediação:
 - quando as partes não demonstram vontade de participar no processo;
 - quando o desequilíbrio de poder entre as partes é tal forma desproporcionado que dificilmente um acordo mediado será justo (pode então recorrer-se a outras instâncias, como os tribunais);
 - quando uma das partes utiliza a mediação para escalar o conflito.



3. Mediação

Papel do Mediador

- É ser intermediário, é ser neutro;
- É permitir e ajudar a tornar possível uma comunicação entre as partes envolvidas, tentar com que estas estabeleçam um acordo voluntariamente;
- Estes profissionais não devem exercer uma posição apenas centrada em si, nos seus fins, esquecendo as pessoas envolvidas no processo;
- Identificar e investigar os problemas trazidos pelas partes;



3. Mediação

Papel do Mediador

- Funções deste são de destacar, o acolhimento às partes chegadas a este processo de resolução de conflitos, também a conquista da confiança das partes envolvidas e a tentativa de abertura de espaços para a comunicação;
- Não decidem o que está certo ou errado, não resolvem o problema pelas pessoas, não proferem sentenças;
- Deve procurar ser paciente, resistente, possuir uma boa capacidade de escuta, de gerar empatia e, fundamentalmente, ser reflexivo.



3. Mediação

- **Etapas da Mediação**

- 1 • Pré - mediação
- 2 • Preparação da mediação
- 3 • Abertura
- 4 • Investigação
- 5 • Agenda
- 6 • Criação de Opções
- 7 • Avaliação e escolha das opções
- 8 • Acordo Final



4. Mediação Escolar

A escola é o universo que reúne alunos diferentes, ela é o palco onde certamente o conflito se instalará

- Assumir que existem conflitos e que estes devem ser superados a fim de a escola cumprir melhor as suas reais finalidades;
- **Dois tipos de escolas:** aquelas que assumem a existência de conflitos e os transformam numa oportunidade e aquelas que negam a existência de conflitos e, por consequência, terão que lidar com a manifestação violenta do conflito, que é a tão conhecida violência escolar;
- A escola, mesmo que considere o conflito como algo de positivo, nem sempre tem a melhor estratégia para os tratar

aplicam medidas demasiado duras, tais como castigos ou processos disciplinares.

4. Mediação Escolar

- A mediação educativa no nosso País → na década de noventa como consequência, se assim se pode dizer, da integração na Comunidade Económica Europeia que permitiu o acesso a programas internacionais no âmbito dos quais eram valorizadas as práticas de mediação;
- Quanto a questões legislativas o aparecimento dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) possibilitaram a entrada dos mediadores neste contexto tão rigidamente organizado



4. Mediação Escolar

Duas vertentes



Gabinete de Apoio ao Aluno nas escolas

Mediação entre pares



4. Mediação Escolar

- Tem a virtude de promover o desenvolvimento de capacidades e competências interpessoais e sociais, essenciais para o exercício de uma cidadania participativa;
- A mediação é assim uma forma de educar para a cidadania pois ao longo da sua vida, os adolescentes vão ter de gerir conflitos de ordem familiar e profissionais, entre outros;
- Permite ainda desenvolver o autoconhecimento de si próprio e dos outros;
- Processo de mediação escolar passa por:
 - um diagnóstico de necessidades;
 - acções de sensibilização;
 - criação de uma equipa de apoio;
 - formação e capacitação;
 - selecção e formação de alunos mediadores;
 - implementação e monitorização do projecto;
 - avaliação do projecto.



Concluindo...

- Fundação da Juventude, que se encontra ligada ao público jovem e que pretende claro o melhor desenvolvimento cívico para uma inserção mais facilitada no mundo do trabalho;
- É importante capacitar o público-jovem para a gestão dos seus próprios conflitos promovendo a comunicação, e o respeito pelos interesses do outro;
- A mediação é um processo vantajoso na medida em que nos permite resolver os nossos conflitos de uma forma construtiva e pouco dispendiosa;
- Contribui para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo.



Ideias/Palavras a Reter

Considerar
outras
perspetivas de
uma mesma
situação

Comunicação

Diálogo

Cedências

Respeito

Entender o
outro



Obrigada
pela atenção!



Apêndice XIII

**(Conferência “Vamo-nos Entender –Mediação de
Conflitos em Contexto Escolar”**

Ficha de Avaliação)

Avaliação da sessão “Vamo-nos entender – Mediação de Conflitos em Contexto Escolar”

As seguintes questões servem para compreender as suas impressões sobre a qualidade e o impacto desta formação. Neste sentido, solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste pequeno questionário, cujos dados serão tratados de forma confidencial e apenas para os efeitos acima mencionados.

1-Assinale o valor correspondente à sua opinião relativamente aos pontos abaixo referidos.

	1 (Muito insatisfeito/a)	2	3	4	5 (Muito Satisfeito/a)
Rigor e qualidade da formação					
Interesse da Formação para a vida quotidiana					
Interesse da formação para a vida profissional					
Qualidade da dinamização organizada pelas formadoras					
Espaço onde se realizou a formação					
Duração da Formação					

2-Esta sessão...

Ficou abaixo das minhas expectativas ☐

Correspondeu às minhas expectativas ☐

Superou as minhas expectativas ☐

3- Assinale 2 aspetos que considere positivos e 2 aspetos que considere negativos desta formação.

Positivos

Negativos

4 - Após esta sessão qual a sua opinião acerca do conflito?

5 – Em que outros contextos podemos encontrar conflitos?

6 – Já tinha conhecimento acerca do processo de Mediação?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, como?

7 – Que mudanças faria no contexto escolar no sentido de gerir melhor os conflitos entre os diferentes elementos da comunidade escolar?

8 - Indique outros temas que gostaria de ver abordados futuramente noutras sessões.

Muito Obrigada pela sua colaboração!

Apêndice XIV
(Circuito de Visitas e Memórias:
Cartaz para o Circuito)

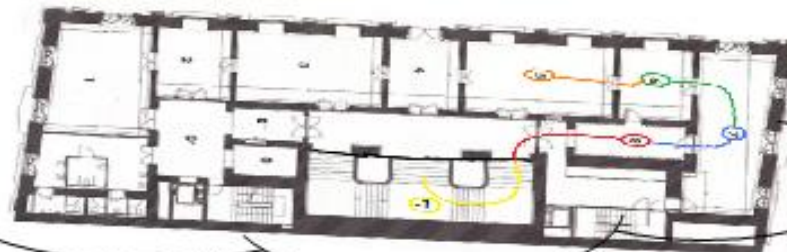
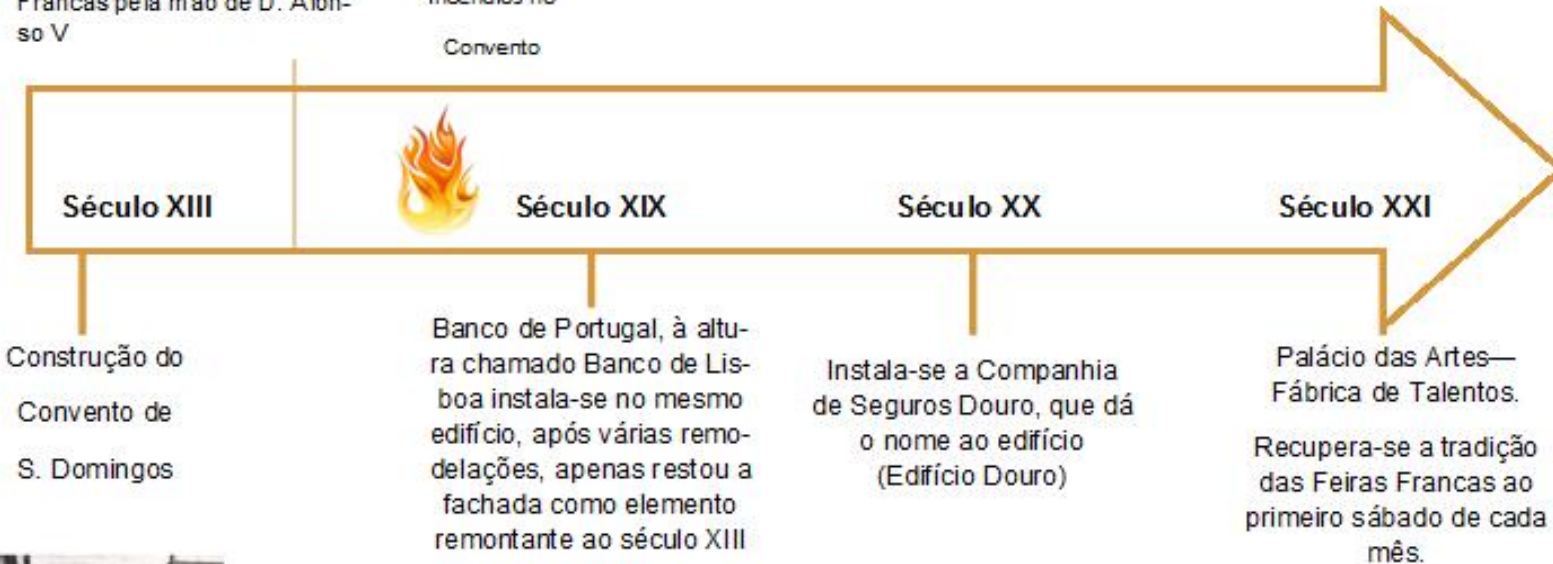
(RE)VIVENDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DA ARTE



Fundação
da Juventude

Inicia-se a tradição das Feiras
Franças pela mão de D. Afonso V

Incêndios no
Convento



**Vem descobrir a
vida
deste edifício!**

Apêndice XV

**(Circuito de Visitas e Memórias:
Folhetos para Crianças e Jovens)**

Jogos

Arte

Formação

Descoberta

Memórias

Património

Cultura

Diversão

Criatividade



Palácio das Artes—Fábrica de Talentos

Morada: Largo de S. Domingos, 16-22 4050 Porto

Telefone: 22 202 38 76 / 22 202 23 80

Telemóvel:

Horário de funcionamento: Todos os dias úteis das 9h30 às 19h00.



Fundação
da Juventude

Circuito Educativo

**(RE)VIVENDO MEMÓRIAS
ATRAVÉS DA ARTE**



Passeando nas memórias, descobrimos o futuro

Este Circuito Educativo tem como objetivo primordial trazer para debate as questões da educação interligadas com a cultura e a arte. Pretende-se, então, levar a educação a outro nível, criando um momento de formação, que permite às crianças uma aproximação dinâmica e interativa ao passado repleto de descobertas relativas a toda a história que o edifício encerra em si.

O património constitui-se como uma referência aos acontecimentos passados, dando identidade ao presente.

Os movimentos de cultura não podem deixar de estar associados a acontecimentos passados para, de certa forma, pensar dinâmicas artísticas do futuro.

Assim, é importante embarcar nesta viagem, que nos leva a conhecer diversas etapas deste local ao longo da História, de modo a manter as memórias acesas e presentes na vida da população, que contactam com o passado, à medida que vão transformando saberes a partir da comunicação entre os seus conhecimentos e os deste edifício.

Um Edifício que se transforma



Entra e Descobre, Viaja Conosco no tempo.



Atreve-te a entrar nesta viagem pela história do Edifício Douro!

Vem brincar como no tempo dos Reis!

Descobre os jogos que os teus pais e avós jogavam quando eram da tua idade!

Entra! Diverte-te! Experimenta! Descobre!

Traz os teus amigos!

Responde às perguntas que o Edifício tem para te colocar e habilita-te a ganhar um prémio!



Juventude

Arte

Formação

Descoberta

Memórias

Património

Cultura

Diversão

Criatividade



Palácio das Artes—Fábrica de Talentos

Morada: Largo de S. Domingos, 16-22 4050 Porto

Telefone: 22 202 38 76 / 22 202 23 80

Telemóvel:

Horário de funcionamento: Todos os dias úteis das 9h30
às 19h00.



Fundação
da Juventude

Circuito Educativo

**(RE)VIVENDO MEMÓRIAS
ATRAVÉS DA ARTE**



Passeando nas memórias, descobrimos o futuro

Este Circuito Educativo tem como objetivo primordial trazer para debate as questões da educação interligadas com a cultura e a arte. Pretende-se, então, levar a educação a outro nível, criando um momento de formação, que permite aos jovens uma aproximação dinâmica e interativa ao passado repleto de descobertas relativas a toda a história que o edifício encerra em si.

O património constitui-se como uma referência aos acontecimentos passados, dando identidade ao presente.

Os movimentos de cultura não podem deixar de estar associados a acontecimentos passados para, de certa forma, pensar dinâmicas artísticas do futuro.

Assim, é importante embarcar nesta viagem, que nos leva a conhecer diversas etapas deste local ao longo da História, de modo a manter as memórias acesas e presentes na vida dos jovens, que contactam com o passado, à medida que vão transformando saberes a partir da comunicação entre os seus conhecimentos e os deste edifício.

Um Edifício que se transforma



Entra e Descobre. Viaja Connosco no tempo;



Atreve-te a entrar nesta viagem pela história do Edifício Douro!

Vem descobrir como é ser-se jovem em vários marcos no tempo!

Descobre como se passava para a vida adulta em campos como a intimidade e o emprego!

Entra! Diverte-te! Experimenta! Descobre!

Traz os teus amigos!

Responde às perguntas que o Edifício tem para te colocar e habilita-te a ganhar um prémio!



Apêndice XVI
(Circuito de Visitas e Memórias:
Quizz para Crianças e Jovens)

O quizz é entregue no início da visita de forma a que possam ir jogando e preenchendo o mesmo. Ou seja, algumas respostas ao quizz são o resultado dos jogos que encontram ao longo do circuito.

Exemplo de possíveis questões:

Quizz (crianças):

1- Quando é que nasceu este Palácio?

2- O que é que este Palácio já foi no passado? Podes escolher mais que uma opção.

Discoteca ☐ Convento ☐ Banco ☐ Shopping ☐ Café ☐ Companhia de Seguros ☐

3- Quais os jogos que foram mostrados na sala do Convento?

4- Qual a ordem da história que descobriste?

5- Identifica a Personagem:

1-

2-

3-

4-

6- Qual é o meu nome?

Fotografias

Nome

1

A

2

B

3

C

4

D

5

E

7- O que se faz agora neste Palácio?

8- Diz uma atividade que aconteça aqui no presente?

9- O que são as Feiras Francas?

10- Qual foi o número da última Feira Franca?

Quizz (Jovens):

- 1-** Em que ano foi construído este edifício?

- 2- Ordena as etapas da sua vida:**

Palácio das Artes – Fábrica de Talentos (PAFT)

Banco de Lisboa

Companhia de Seguros Douro

Convento de São Domingos

- 3- O Edifício Douro encontra-se numa zona caracterizada como Património _____ pela UNESCO.

- 4- Responde as seguintes perguntas com os números que conseguiste ganhar neste desafio:

- Em que século o Banco de Lisboa se alojou aqui?
- Com que idade era normal e desejável casar nesta época?
- Em média quantos filhos tinham os casais deste século?
- Com que idade se ingressava no mercado de trabalho?

- 5-** Coloca a expressão de acordo com o género que pensas que se refere:

[illegible]

6- Que estilo musical consegues identificar?

1-

2-

3-

4-

5-

7- Que roupas correspondem às seguintes culturas juvenis?

Punks –

Góticos –

Rastafari –

Hip Hop –

Dreds –

Hipies –

Metaleiros-

8- Em que ano nasceu o PAFT?

9- Que atividades se desenvolvem aqui?

10- O que é uma tertúlia? Quantas já existiram aqui?

Apêndice XVII
(Circuito de Visitas e Memórias:
Planificação do Projeto)

Sala	Crianças	Jovens	Geral
-1 (Escadaria)	<p>Perguntas sugestivas cuja resposta pode ser encontrada ao longo do percurso:</p> <p>“Queres viajar no tempo e brincar connosco?”</p> <p>“Sabias que tipo de jogos existiam no século XIII?”</p> <p>“Onde era o banco de Portugal no Século XIX?”</p> <p>“Sabias que estás a pisar o século XIII, XIX, XX e XXI?”</p> <p>“Sabes há quanto tempo vive este edifício?”</p>	<p>Perguntas sugestivas cuja resposta pode ser encontrada ao longo do percurso.</p> <p>“Queres viajar no tempo?”</p> <p>“Sabias que a noção de juventude não existia no século XIII?”</p> <p>“Como é que o/a jovem existe ao longo do tempo?”</p> <p>“Onde era o banco de Portugal no Século XIX?”</p> <p>“Sabias que estás a pisar o século XIII, XIX, XX e XXI?”</p> <p>“Onde podes encontrar criatividade e inovação?”</p> <p>“Este edifício respira há 800 anos. E a juventude?”</p> <p>“Júlio Diniz está por aí. Encontra-o.”</p> <p>“Como se transforma a passagem para a vida adulta ao longo do tempo?”</p>	<p>Cartaz informativo alusivo ao circuito, assim como elementos decorativos (fotografias de cada época e/ou de cada sala do circuito) alusivos a cada uma das épocas retratadas.</p> <p>Entrega de um folheto informativo sobre o circuito de visita (realizado por nós e que também será utilizado como meio de divulgação) e de um quiz para os/as participantes irem procurando as respostas e/ou pistas ao longo do circuito e responder no final de todas as atividades. Perguntas a definir.</p>
Sala 7 (Metade)-Convento	<p>Exposição de jogos da época (xadrez, dados, cartas). Explicar que as brincadeiras de criança eram iguais às dos adultos.</p>	<p>É dado aos/às jovens um conjunto de expressões que podem ou não marcar a transição para a vida adulta nessa época. Cabe aos/às participantes organizar numa tabela aquelas que acham mais adequadas a cada género.</p>	<p>Exposição das roupas usadas na época (Parceria com Modatex)</p>
Sala 8 - Banco	<p>Fios tipo “lasers” para os/as participantes passarem sem lhes tocar. (esta atividade está inserida, como foi dito anteriormente, num circuito de visita pontual e com marcação, pelo que não será permanente, dando espaço a outros eventos/exposições). Caso toquem, será acionado um sininho. Terá de voltar para trás e conseguir passar sem fazer barulho.</p> <p>Ao chegar ao final, cada criança recebe um recorte de uma fábula de La Fontaine em banda desenhada ou texto (que estará desordenada e dividida em recortes que representam vários momentos da história).</p> <p>Quando todo o grupo terminar o desafio, ser-lhes-á pedido que montem a história (por exemplo, ordenando os vários momentos da história com fita cola num quadro/estirador) e explica-se que contar histórias era a forma de diversão.</p>	<p>Fios tipo “lasers” para os/as participantes passarem sem lhes tocar. Caso toquem, será acionado um sininho. Terá de voltar para trás e conseguir passar sem fazer barulho.</p> <p>Ao chegar ao final, recebem cartões com números que correspondem à resposta a várias questões do quiz relacionadas com a transição para a vida adulta e intimidade.</p> <p>(estes “cartões” serão produzidos por nós, estagiárias do Serviço Educativo. Dado o carácter pontual da visita, nós mesmas podemos encarregar-nos de acompanhar os/as visitantes)</p>	

<p>Sala 6/7 - Seguradora</p>	<p>Metade da sala 7: inícios do século XX (jogos tradicionais):</p> <p>Jogo do pião (no chão ou numa superfície no chão para não correr o risco de danificar o mesmo) (quem consegue estar mais tempo com o pião a rodar)</p> <p>Desenhar o jogo da macaca no chão (fita cola de cor, também numa superfície que proteja o chão)</p> <p>Sala 6: Finais do século XX:</p> <p>Identifica a personagem! – identificar personagens de desenhos animados, que estarão retratadas em imagens que serão colocadas dentro de uma caixa e cada visitante irá retirar uma imagem e tentará identifica-la.</p> <p>Construção em legos – constroem qualquer coisa que tenham visto ao longo da visita</p> <p>(Se possível, seria interessante ter a parceria da empresa Lego para termos acesso a alguns conjuntos de blocos de construção para usarmos no circuito)</p>	<p>Exposição de excertos de filmes que retratem a juventude nos anos 30. (possibilidade de parceria com arquivos da RTP ou da cinemateca portuguesa)</p> <p>Jogo da música: colocam-se à disposição (num computador com auscultadores) excertos de vários géneros musicais que estão relacionados com as culturas juvenis. O objetivo é que os/as participantes identifiquem os movimentos juvenis com base nos género musicais que ouvem.</p> <p>Jogo da roupa: várias peças de roupa alusivas a vários movimentos juvenis estão amontoadas a um canto da sala. (parceria com alguma empresa têxtil (Modatex é uma hipótese)). Cabe a cada participante/grupo terá de colocar cada peça no cesto correto.</p> <p>Exposição de informação escrita em pequenos cartazes, também produzidos por nós, relativas à transição, visto que é neste século que a juventude começa a ser destacada, daí a maior relevância ao grupo juventude.</p>	
<p>Sala 5: PAFT</p>	<p>Fotos de várias consolas de jogos de vídeo que eles têm de identificar (que estarão expostas ou projetadas na parede)</p>	<p>Período marcado por problemas na transição para a vida adulta (crise).</p> <p>Quadro/Tela onde os/as jovens tentam identificar, na sua opinião, os maiores problemas atuais que a juventude enfrenta na transição para a vida adulta e possíveis soluções para esses mesmos problemas.</p>	<p>Exposição dos jornais das feiras, fotografias das feiras e das tertúlias, workshops, etc. Folhetos informativos sobre o PAFT.</p>

Apêndice XVIII

(Circuito de Visitas e Memórias:

Exemplar de Carta para Parcerias)



Exmos. senhores,

Somos a Fundação da Juventude e a nossa sede a nível nacional encontra-se na cidade do Porto. Somos a primeira Fundação privada de âmbito nacional com a missão exclusiva de promover a integração dos jovens na vida ativa e profissional. Tendo como principais áreas de interesse e atuação, a Fundação da Juventude foca-se essencialmente no campo social e de formação cívica, assim como a cultura e a criatividade compõem dimensões centrais da ação da instituição.

Na nossa vertente cultural, contamos com um equipamento, o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, que está situado no Largo de S. Domingos, em pleno Centro Histórico da cidade do Porto, constituindo-se como um centro de excelência de criatividade e inovação. Tem como objetivo máximo apoiar a inserção dos Jovens Criadores na vida ativa, participar na construção de um *cluster* natural das artes e das indústrias culturais, potenciando a sua capacidade de atração de públicos, profissionais criativos e de turismo. Visa também constituir-se como um centro de criatividade e de inovação, promover os/as jovens criadores/as a nível profissional e ser o polo dinamizador do centro histórico, no sentido de atrair mais profissionais criativos e turistas ao local. Assume-se, então, como um ponto de referência das indústrias culturais e criativas da Região do Norte, trabalhando com parceiros públicos e privados, no sentido de oferecer serviços que suportem os seus beneficiários e contribuindo para o crescimento económico da região, através da inovação, iniciativa empreendedora e criação de emprego.

Neste equipamento estamos, de momento, com um objetivo em vista: a construção de um serviço educativo no local. Desse serviço educativo constam visitas ao Palácio das Artes – Fábrica de Talentos com uma vasta panóplia de atividades interativas e dinâmicas com públicos das mais diversas idades e contextos. Assim, uma das atividades(objetivo da atividade)

Deste modo, seria de extrema relevância para nós o estabelecimento de uma parceria com a empresa para podermos concretizar esta nossa iniciativa. Assim, queríamos saber a vossa possibilidade de colaboração com a Fundação da Juventude, nomeadamente no que diz respeito à disponibilização de.....para utilizarmos neste nosso evento.

Agradecemos desde já pela atenção disponibilizada. Aguardamos resposta.

Com os melhores cumprimentos,

A diretora geral

(Maria Geraledes)

Apêndice XIX

(Dar a conhecer o Palácio das Artes:
Acompanhar diversos públicos
Cartaz da Visita de Estudo)

(RE)VIVENDO MEMÓRIAS ATRAVÉS DA ARTE



Apêndice XX
(Exemplar de nota de terreno)

- Nota de terreno -
03/10/2012

No primeiro dia de estágio eu, juntamente com a minha colega de estágio, dirigimo-nos às 10 horas para iniciar o nosso trabalho no Palácio das Artes – Fábrica de Talentos (PAFT), tal como tinha ficado acordado na conversa da semana anterior.

Hoje sentia-me nervosa ao iniciar o meu papel de estagiária no PAFT, tendo receio de não corresponder às expectativas ou até mesmo de não me sentir ainda parte integrante do espaço.

Contudo, após a nossa entrada no Palácio, direccionamo-nos de imediato para a sala que tinha ficado acordada para o desenvolvimento do nosso trabalho. Nesta última encontrava-se já a trabalhar a supervisora local, que nos recebeu e nos colocou à vontade naquele espaço.

Neste primeiro momento e numa conversa com a gestora do Palácio ficou acordado que nesta manhã seria relevante realizarmos uma pequena pesquisa e levantamento de atividades e workshops organizados no PAFT.

Assim sendo, através de uma pesquisa pelo site da Fundação da Juventude e aos nossos conhecimentos prévios, efetuamos um pequeno levantamento de dados para nos inteirarmos na dinâmica do PAFT. Deste modo, tornou-se perceptível a realização mensal, no último sábado de cada mês das Feiras Francas, atividade mais destacada no Palácio. Não apenas as feiras, mas também as Tertúlias que acontecem no Palácio no sentido de representar um espaço de informação e debate se revelam bastante significativos.

Para além destes eventos, que ocorrem regularmente no Palácio, a realização de workshops acerca de várias temáticas marcam a sua presença, assim como, os dois eventos mais próximos a ocorrer no Palácio das Artes nos despertou a atenção. Mais proximamente nos dias 5, 6 e 7 de outubro o festival “Cargotopia”, e em 3 de novembro “21 st Century Rural Museum”, trazendo a cultura rural aos grandes centros urbanos.

Referindo-me ainda aos workshops, e devido ao interesse demonstrado pela supervisora pelos mesmos, resolvemos percebermos um pouco mais a fundo. Assim, concluímos que as temáticas mais desenvolvidas nestes são a fotografia, o teatro, a dança, a pintura, o design, a arquitetura e o cinema. Para além deste facto, importa destacar a nossa visão mais dinâmica e interativa que caracterizava os workshops para crianças, contrariamente aos destinados a jovens e adultos, embora a informação nos cartazes e no site da Fundação não seja muito explícito. Nestas informações ficamos elucidados que o grupo de participantes é normalmente pequeno não excedendo os 10 participantes, contando os workshops sempre com a presença de formadores vinculados à temática dos workshops.

Após este levantamento muito útil para nós enquanto novos membros da instituição, organizamos toda esta informação que futuramente se revelará extremamente importante. Por fim, neste primeiro dia senti-me ainda um pouco um elemento estranho ao espaço ainda não integrada nas dinâmicas, contudo espero que com o tempo vá encontrando o meu lugar no desenvolvimento da missão do PAFT.